

Textos e versões

---

Os Corvos. De Henry Becque.

**Carlos Alberto da Fonseca**

Tradução. Traduzido de BECQUE, Henry – *Oeuvres complètes*, vol. II. Paris, Les Éditions G. Crès, 1925.  
Universidade de São Paulo

## Os Corvos

Henry Becque

Comédia em 4 atos.

Representada pela primeira vez em Paris  
na Comédie-Française em 14.09.1882.

reprise no Théâtre National de l'Odéon  
em 03.11.1897;  
novamente, em 03.06.1910.

Tradução de  
Carlos Alberto da Fonseca

## Comentários do autor

Após o retumbante fracasso de *L'enlèvement*,<sup>1</sup> que havia exigido de mim muitos meses de trabalho e rendido cento e cinquenta francos, eu acreditava piamente que o palco francês e eu não nos reveríamos mais. Eu entrara para a Bolsa e ali tentava meu restabelecimento. Tinha ali alguns amigos que me repassaram gentilmente seus *cases*. Mas essa clientela privada, bastante restrita e regularmente danosa, se derretia a cada liquidação. Eu voltava bem depressa a ser o desocupado que saía à cata de novidades e do acerto do relógio.

O teatro era meu cacife. Eu nunca tivera, devo dizer, fundo de emergência. Não sei o que é tomar notas ou escrever roteiros. Faço uma peça, passe a comparação, como se faz uma mulher, olhando apenas para ela. Mas as peças exigem sempre um pouco mais de tempo.

Tem que ser sábio e corajoso. Tem que se enclausurar, em plena Paris, talvez por um ano inteiro. *L'Enlèvement* fora fechada às pressas, no luto da invasão<sup>2</sup> e das preocupações com dinheiro. Eu estava fortemente decidido, então, ao empreender uma nova obra, a defendê-la contra todo o resto, a executá-la sem qualquer fraqueza e a escrevê-la rigorosamente. Tenho momentos como esse em que o artista se revela e em que ainda me seduz a forma, essa última ilusão.

Por que, entre alguns assuntos que trotavam em meu cérebro, fui escolher justamente os *Corvos*? Por várias razões.

Embora eu tivesse feito muito poucas obras, passei, como queria Boileau,<sup>3</sup> do **agradável ao severo**. Mas foi o severo, com direito a erro ou pretensão de minha parte, que sempre me tentou. Se os *Corvos* tivessem sido representados na sua hora, isto é, quando foram terminados, eu jamais teria escrito *La navette*.<sup>4</sup> E mais tarde, após a representação dos *Corvos*,<sup>5</sup> se Perrin<sup>6</sup> fosse um

---

1 “O rapto”, comédia em 3 atos, estreia no Théâtre du Vaudeville no dia 18.11.1871.

2 Deve estar se referindo à invasão prussiana de 1870. Ademais, o autor vinha do fracasso de *Michel Pauper*, drama em 5 atos e 7 quadros, recusado pela Comédie-Française, aceita pelo Théâtre de l'Odéon mas não encenada; finalmente subiu ao palco do Théâtre de la Porte-oraint Martin, onde estreou no dia 17.06.1870, constituindo-se num enorme fracasso.

3 **Boileau**: Nicolas **Boileau** Despréaux (1636-1711), homem de letras francês do Grand Siècle. Poeta, tradutor, polemista, e teórico da literatura, foi considerado no seu tempo e nos dois séculos seguintes como o legislador ou o «Regente do Parnasse» por sua «intransigência apaixonada».

4 “A lançadeira”, comédia em 1 ato, Théâtre du Gymnase, 15.11.1878.

5 1882.

6 Émile-César-Victor **Perrin** (1814-1885), pintor, crítico de arte, decorador de teatro. Foi diretor do Opéra-Comique (1848-1862), do Opéra de Paris (1862-1866); administrador após 1866; após a queda do Império, demitiu-se (1870); continuou na gerência, sendo renomeado (1871-1885).

outro homem, eu teria dado o *Monde d'argent* no Théâtre français e jamais teria escrito *La parisienne*.<sup>8</sup> Faço essa pequena constatação *en passant*, com muito prazer, para documentar a crítica que fala de nós a torto e a direito e sem saber nem a primeira palavra do que diz.

Por um outro lado eu já tinha imaginado tantas vezes, quando uma família perdeu seu chefe, os perigos que ela corre e a ruína em que frequentemente ela cai. Era uma tese, se se quiser. Era sobretudo uma observação geral, muito simples e muito nítida, e que podia enquadrar uma peça sem ferir a verdade das personagens.

Na realidade, tenho horror às peças de teses, que são quase sempre teses muito ruins. Não sou um pensador, é preciso deixar isso claro, nunca pensei, e é aí que logo se reconhece o pensador, em ligar esses dois velhos lugares da arte dramática: o divórcio e os filhos naturais.

Finalmente, permito-me dizê-lo, existe em mim um revolucionário sentimental. Em alguns momentos imagino que as dificuldades de minha vida vieram daí. Nunca tive muita queda pelos assassinos, pelos histéricos, os alcoólicos, os mártires da hereditariedade e as vítimas da evolução. Repito, não sou um pensador e os celerados científicos dificilmente me interessam. Mas amo os inocentes, os desprovidos, os sobrecarregados, aqueles que se batem contra a força e todas as tiranias.

*Les corbeaux*, como eu esperava, exigiram de mim um ano de trabalho. Esse instante de minha vida é o mais feliz de que me lembro.

Eu morava então na rue de Matignon,<sup>9</sup> um apartamento do jeito que aprecio, bem situado, luminoso e vazio. O cômodo onde eu mais ficava, e que era muito bonito, estava mobiliado com uma prancheta de madeira fixada na parede, uma poltrona e uma bengala; nada mais. Eu caminhava por ele da manhã à noite com uma ligeira excitação que me é natural e da qual preciso. O mais frequentemente eu trabalhava diante do meu espelho; buscava até os gestos de minhas personagens e esperava que a palavra justa, a frase exata, me viessem aos lábios. Tudo o que quero ao escrever é satisfazer a mim mesmo; não conheço mais nada nem ninguém; só não sei se existe um público.

O verão era encantador. Assim que o dia nascia, eu abria a janela e voltava para o leito. Uma macieira, que vinha de um jardim vizinho, entrava pelo meu quarto com flores e pássaros. Os Champs-Élysées me pertenciam. Eu era sempre o primeiro passeador, aquele que vai embora quando os outros chegam.

---

7 "Mundo do dinheiro", sem referência.

8 "A parisiense", comédia em 3 atos, Théâtre de la Renaissance 07.02.1885.

9 **Rue de Matignon**: cruza a Champs-Élysées na altura do Rond Point. Área àquela altura há pouco urbanizada na onda da 'restauração haussmanniana'.

Foi lá, a crítica sabe muito bem, ao ar livre e em meio ao verde, o céu na cabeça, que encontrei as palavras mais cruéis. Por sua vez, algumas vezes as noites eram duras, na hora de me recolocar diante do espelho. A música do Cirque<sup>10</sup> e dos cafés-concerto, que eu podia ouvir muito claramente, me favorecia com distrações. Então eu invejava todos os preguiçosos que bebiam cerveja ouvindo canções.

Minha família morava a dois passos, na mesma rua. Eu vivia tanto na casa dela quanto na minha. Eu ia a todo momento me sentar aos pés de minha mãe. Ela me ouvia com bondade e inquietação. Ela havia visto de perto a vida de autores dramáticos. Seu irmão, Martin-Lubize,<sup>11</sup> autor de uma comédia com Labiche<sup>12</sup> e Siraudan<sup>13</sup> (*Le misanthrope et l'Auvergnat*<sup>14</sup>) não havia feito fortuna. Todas as semanas, minha irmã, seu marido e sua filhinha vinham jantar conosco. Era o dia esperado e mais ruidoso que os outros. Eu me multiplicava. Inventava brincadeiras e trinchava a ave assada. Só se ouvia minha voz. E, como eu vencia, quando meu pai, que não era um sujeito fácil de agradar, explodia de rir de repente gritando: “Ah! Que tonto esse rapaz!” Às vezes a gente ficava apreensivo e preocupado na minha casa, mas não conhecemos grandes dores, aqueles mortos que a gente vai levando conosco, nem aqueles lugares que vão ficando vazios.

*Ó faces amadas e que foram tão ternas,  
Vocês não existem mais!...,*

.

Eu passei com os *Corbeaux* durante cinco anos. Eles fizeram duas grandes turnês: a dos diretores e a dos autores.

Os *Corbeaux* foram recusados no Vaudeville por Deslandes,<sup>15</sup> no Gymnase por

---

10 **Cirque**: O Cirque d'Hiver é uma sala de espetáculos, Paris, inaugurada em 1852 ainda em atividade. Acolheu os concertos de música clássica (Weber, Beethoven, Haydn, Mendelssohn, Wagner, Mozart, Schumann) a partir de 1861.

11 Pierre-Michel Martin, dito Lubize ou **Martin-Lubize** (1798-1863), autor dramático e libretista francês. Conhecido igualmente pelo pseudônimo Morel, é autor de uma centena de vaudevilles, sozinho ou em colaboração. Em 1844 assumiu a direção do Théâtre du Vaudeville.

12 Eugène **Labiche** (1815-1888), dramaturgo francês, célebre por sua contribuição ao gênero do *vaudeville* e aos seus entevos passionais e domésticos.

13 Pierre-**Paul-Désiré Siraudin** (1812-1883), autor dramático e libretista francês. Deve-se a ele inúmeras peças de teatro, principalmente comédias e vaudevilles escritos em colaboração notadamente com Alfred Delacour, Lambert-Thiboust. Autor também de libretos de operetas ou de óperas-cômicas de sucesso dentre as quais *La Fille de M<sup>me</sup> Angot* (1872) em colaboração com Clairville e Victor Koning sobre música de Charles Lecocq.

14 **O**, comédia em 1 ato, mista de duplês, composta por Labiche, Siraudin e Lubize; estreia Paris, Théâtre du Palais-Royal, 10.08.1852.

15 Raymond **Deslandes** (1825-1890), jornalista, dramaturgo e diretor de teatro francês.

Montigny,<sup>16</sup> no Odéon por Duquesnel,<sup>17</sup> no Porte0 Saint-Martin por Ritt<sup>18</sup> e Larochelle.<sup>19</sup> Ballande,<sup>20</sup> do Gaîté, Clèves do Théâtre Cluny, um terceiro, Laforest, que abrira no Ambigu o teatro dos Jovens, não quiseram conhecê-los. Montigny, depois de *La navette*, os recusou uma segunda vez. Koning,<sup>21</sup> quando substituiu Montigny, os recusou, e La Rounat,<sup>22</sup> quando substituiu Duquesnel, também os recusou.

Levei os *Corbeaux* ao Cadol<sup>23</sup> e eles não o interessaram. Dumas<sup>24</sup> devia refazê-los em oito dias e os engavetou por um ano sem tocar neles. Sardou,<sup>25</sup> sempre inteligente e útil, me aconselhou deixá-los assim como estavam e não conseguiu aprontá-los. Gondinet<sup>26</sup> me disse a mesma coisa e não foi mais feliz do que Sardou.

Minha peça estava condenada. Os belos ardores de *Michel Pauper* estavam longe; eu não era mais nem muito jovem nem confiante para alugar um teatro uma segunda vez. Não podia fazer mais nada, se quisesse tirar algum partido do meu trabalho, a não ser publicar. A Tresse imprimiu os **Corbeaux**. No último momento, no minuto extremo, quando se esperava a prova e eu já estava com a pluma na mão, parei, olhei ao redor de mim, procurei uma inspiração, uma chance, um acaso. Pensei no Édouard Thierry,<sup>27</sup> eu estava salvo.

---

16 Adolphe Lemoine, dito **Montigny** (1805-1880), comediante, dramaturgo e diretor de teatro francês.

17 Félix Henri **Duquesnel** (1832-1915), jornalista, autor dramático, romancista e diretor de teatro francês.

18 Eugène **Ritt** (1817-1898), ator e diretor de teatro francês,

19 Julien Henri Boullanger, dito Henri **Larochelle** (1826-1884), diretor de teatro francês.

20 Jean-Auguste-Hilarion **Ballande** (1820-1887), comediante, dramaturgo e diretor de teatro francês.

21 Victor **Koning** (1842-1894), autor dramático, libretista, diretor de teatro francês.

22 Charles de **La Rounat** (1818-1884), escritor, dramaturgo, jornalista e diretor de teatro francês.

23 Victor Édouard **Cadol** (1831-1898), dramaturgo e romancista.

24 Alexandre **Dumas**, filho (1824-1895), romancista e dramaturgo francês.

25 Victorien **Sardou** (1831-1908), autor dramático francês.

26 Edmond **Gondinet** (1828-1888), libretista e dramaturgo francês.

27 Édouard|Thierry (1813-1894), homem de letras francês. Bibliotecário, crítico dramático, crítico literário, poeta, escritor. O volume de que nos servimos para o texto original é dedicado a ele, com a menção "Reconnaissance".

## Personagens

(Elenco de 1882)

<b>Vigneron</b> , fabricante	Sr. Barré
<b>Teissier</b> , velho banqueiro, sócio de Vigneron	Sr. Thiron
<b>Bourdon</b> , notário	Sr. Febvre
<b>Merckens</b> , professor de música	Sr. Coquelin caçula
<b>Lefort</b> , arquiteto	Sr. Martel
<b>Dupuis</b> , tapeceiro	Sr. Martel
<b>Gaston</b> , filho de Vigneron	Sr. De Féraudy
<b>Auguste</b>	Sr. Roger
<b>Médico</b>	Sr. Richard
<b>Georges de Saint-Genis</b>	personagem muda
<b>Lenormand</b>	personagem muda
<b>General Fromentin</b>	personagem muda
<b>Madame Vigneron</b>	Sra. P. Granger
<b>Madame de Saint-Genis</b>	Sra. Lloyd
<b>Marie</b> , filha de Vigneron	Sra. B. Baretta
<b>Blanche</b> , filha de Vigneron	Sra. Reichemberg
<b>Judith</b> , filha de Vigneron	Sra. Martin
<b>Rosalie</b>	Sra. Amel

A cena se passa nos nossos dias em Paris.

## Primeiro ato

*O palco representa um salão. Decoração brilhante, luxo pesado. Ao fundo, três portas de dois batentes; portas laterais igualmente de dois batentes. À direita, no primeiro plano, contra a parede, um piano, e, do mesmo modo, à esquerda, uma mesa-secretária, um de frente para o outro. Após a secretária, uma lareira. No centro do palco, no segundo plano, à direita, uma mesa; à esquerda, no primeiro plano, um canapé. Móveis diversos, espelhos, flores, etc.*

### Cena 1

*(Vignerón, Madame Vignerón, Marie, Blanche, Judith, depois Auguste, depois Gastón)*

**MADAME VIGNERON**

Fecha essa matraca de teclas, Judith, teu pai tá dormindo. *(Indo para a mesa)*  
Blanche?

**BLANCHE**

Mamãe?

**MADAME VIGNERON**

Já terminou?

**BLANCHE**

Num minuto, mamãe.

**MADAME VIGNERON**

Já fez aí as contas? Vão ser quantas pessoas no jantar?

**BLANCHE**

Seis pessoas, mamãe.

**MADAME VIGNERON**

Tá bom assim. *(ela vai pegar uma cadeira e vem se sentar perto de Blanche.)*

**BLANCHE**

Acha que o jantar vai ser melhor porque a gente vai colocar o menu sobre os pratos?

**MADAME VIGNERON**

Pelo menos não vai ser *pior*.



**BLANCHE**

Que costume mais tonto! A senhora tem certeza que é assim que se usa nos salões?

**MADAME VIGNERON**

Certezíssima. Li naquele livro, o *Cozinha burguesa*.

**BLANCHE**

A senhora quer que marque os lugares também?

**MADAME VIGNERON**

Sim. Vamos recapitular, então. A Madame de Saint-Genis?

**BLANCHE**

Tá aqui.

**MADAME VIGNERON**

O filho dela.

**BLANCHE**

A senhora acha, mamãe, que eu ia me esquecer dele?

**MADAME VIGNERON**

O padre Mouton?

**BLANCHE**

Ah meu querido padre! Recebi das mãos dele todos os sacramentos, o batismo, a primeira comunhão... e agora o casamento.

**MADAME VIGNERON**

Se vai ficar aí resmungando, a gente só vai terminar na semana que vem. O Monsieur Teissier...

**BLANCHE**

Ele tá aqui, esse Monsieur Teissier; eu bem gostaria de me privar da presença dele.

**VIGNERON**

(*despertando*) O que foi? É bem a voz da Mademoiselle Blanche que ouvi falando na primeira pessoa?

**BLANCHE**

Meu Deus, sim, papai, é sua Blanchette.

**VIGNERON**

E se pode saber, Mademoiselle, o que o Monsieur Teissier te fez?

**BLANCHE**

Pra mim? Nada! Ele é velho, feio, grosseiro, pão-duro; tá sempre olhando pro chão, só isso basta pra saber que vou sofrer muito se ele estiver de novo na minha frente.

**VIGNERON**

Muito bem! Então é assim, não é? Vou dar um jeito nesse negócio já! Madame Vignerou, faça a delicadeza de mandar recolher o prato de Mademoiselle; de castigo, vai comer lá no quarto dela.

**BLANCHE**

Acrescente então que o contrato vai ser assinado sem minha presença.

**VIGNERON**

Sht! Se Mademoiselle disser mais uma só palavra, nesse caso não te caso mais! Que saco! *(pausa)*

**MARIE**

*(depois de se ter levantado)* Me escute um pouco, papai, e me responda o que o senhor nunca fala quando a gente fala de sua saúde. Como é que o senhor está?

**VIGNERON**

Nada mal.

**MARIE**

Parece que o senhor tá bem coradinho mesmo.

**VIGNERON**

Eu estou vermelho! Vai passar quando tomar um pouco de ar fora desse salão.

**MARIE**

Se aquela sua tontura te atacar de novo, vai ser melhor chamar um médico.

**VIGNERON**

Um médico! Tá querendo que eu morra?

**MARIE**

Se continuar fazendo gracinhas e querendo que eu sinta pena do senhor, não falo mais contigo.

*(Ela o deixa, ele a pega pela saia do vestido e a toma nos braços.)*

**VIGNERON**

Então amamos o gorducho papai Vignerón, não é mesmo?

**MARIE**

Sim, eu te amo muito, muito, muito... mas o senhor não faz nada do que eu gostaria que o senhor fizesse. Primeiro o senhor tem de trabalhar menos, aproveitar um pouco sua fortuna e se cuidar bastante quando fica doente.

**VIGNERON**

Mas eu não tô doente, minha filha. Eu sei o que eu tenho, um pouco de cansaço e o sangue que me sobe na cabeça, coisa que me acontece todos os anos mais ou menos nessa época quando termino o balanço anual. O inventário da Casa Teissier & Vignerón & Cia! Sabe o quanto nos ofereceram por nossa fábrica faz uma semana para Teissier e para mim?! Seiscentos mil francos!

**MARIE**

Ora muito bem! Venda, então!

**VIGNERON**

Eu vendo a fábrica, mas só daqui a dez anos, por um milhão e até lá ela poderá estar valendo ainda mais.

**MARIE**

E quantos anos o senhor vai ter então?

**VIGNERON**

Quantos anos? Daqui a dez anos? Vou ter a idade de meus netos e vamos brincar muito. (*Auguste entra*) O que você quer, Auguste?

**AUGUSTE**

Está aí seu arquiteto que deseja lhe dar uma palavrinha.

**VIGNERON**

Diga ao senhor Lefort que vá me ver na fábrica se tiver alguma coisa a me dizer.

**AUGUSTE**

Ele está vindo aí, monsieur.

**VIGNERON**

Ele que volte pra trás. Aqui estou na minha casa, com minha mulher e minhas filhas, não recebo aqui nenhum dos meus colaboradores. (*Auguste sai*) Me deixe me levantar.

*(Marie se afasta; Vignerón se levanta com esforço; é presa de uma meia tontura e dá alguns passos inseguros.)*

**MARIE**

*(acudindo)* Por que o senhor não quer ir ao médico?

**VIGNERON**

Já terminou?

**MARIE**

Não, ainda não. É melhor o senhor dizer, o senhor não tá bem e eu estou preocupada. Se cuide, faça alguma coisa, um regimezinho de oito dias talvez te restabelecesse por completo.

**VIGNERON**

Espertinha! Te entendo muito bem com esse teu regimezinho! Tô comendo demais, não é? Vamos, fale francamente, não vou te querer mal. Tô comendo muito. O que é que você quer, filhota? Nem sempre tive uma mesa cheia de coisas boas em profusão. Pergunta pra tua mãe, ela vai te dizer que no começo do nosso casamento fui dormir muito mais de uma vez sem uma colher de sopa sequer. Tô me vingando. É uma besteira, uma bobagem, isso me faz mal, mas não consigo resistir a essa vontade. *(deixando Marie)* E tô achando que dar uma olhada nesse jornal depois do almoço vai atrapalhar minha digestão. *(Ele dobramassa o jornal enquanto volta para perto do canapé; seu olhar se volta para Judith; sentada ao piano, costas curvadas, ela parece refletir profundamente; ele chega perto dela com passos cuidadosos e grita no ouvido dela.)* Judith!

**JUDITH**

Oh papai, não gosto dessas gracinhas, o senhor sabe muito bem.

**VIGNERON**

Você não fique brava, mademoiselle, não vou fazer mais isso. Judith, me conta um pouquinho do que é que se passa aí nessa... lua em que você se esconde.

**JUDITH**

Agora tá caçoando de mim.

**VIGNERON**

Por que razão acha que estou caçoando de você? Eu tenho uma filha chamada Judith. Ela está aqui? Onde é que ela está? Como é que vou saber? Ela não fala mais nada.

**JUDITH**

Não tenho nada a dizer.

**VIGNERON**

Mas a gente tem de falar, ora essa.

**JUDITH**

Que prazer o senhor sente em me atazanar sobre esse assunto? Eu te vejo, eu te ouço, eu te amo e sou feliz.

**VIGNERON**

Tá mesmo feliz?

**JUDITH**

Absolutamente.

**VIGNERON**

Então, minha filha, você tem razão e eu é que estou errado. Quer me dar um abraço?

**JUDITH**

Se quero te abraçar? Mil vezes por dia, meu querido papai. (*Eles se abraçam; Auguste entra.*)

**VIGNERON**

O que é que há agora? Nem posso mais abraçar minhas filhas tranquilamente.

**AUGUSTE**

O senhor Dupuis está aí, monsieur.

**VIGNERON**

Dupuis! Dupuis, o tapeceiro da place des Vosges? O que ele tá querendo? Já acertei minha conta faz um bom tempo.

**AUGUSTE**

O senhor Dupuis passava pela rua e resolveu entrar para ver se monsieur quer fazer alguma encomenda nova.

**VIGNERON**

Diga de minha parte ao senhor Dupuis que não procuro duas vezes o serviço de um patife da laia dele.

**MADAME VIGNERON**

Deixe-nos tranquilos, Auguste, estamos ocupados com o jantar dessa noite.

**VIGNERON**

Ah!... Madame Vignerón, se aproxime, quero te dizer alguma coisa ao pé do ouvido. *(Ela se levanta, eles se reúnem no proscênio.)* Então estamos de acordo, está decidido que vamos entregar nossa filha para aquele velhote ridículo?

**MADAME VIGNERON**

Foi pra me perguntar isso que me incomodou!...

**VIGNERON**

Me escute, então. Meu Deus, não tenho qualquer prevenção contra esse casamento. A Madame de Saint-Genis me parece ser uma mulher honesta, hein? Ela não tem um tostão, mas isso não é culpa dela. O filho dela é um bom moço, bastante gentil, muito educado e sobretudo admiravelmente cacheado. Daqui a algum tempo não vou me constranger se disser a ele que ele usa brilhantina demais. Ele ganha mil escudos no Ministério do Interior, é bastante bonito para a idade dele. Entretanto, me pergunto assim no último momento se esse casamento é razoável e se minha filha vai ser feliz com esse rapaz porque ele tem aquele topete.

**MADAME VIGNERON**

Mas nossa Blanche está louca por ele, lá pelo Georges dela.

**VIGNERON**

A Blanche é uma criança ainda; o primeiro jovem que ela conheceu já virou a cabeça dela, foi dessa maneira.

**MADAME VIGNERON**

O que está pretendendo, meu marido? Por que razão voltou a falar desse casamento? O senhor não recrimina, suponho, a Madame de Saint-Genis com relação à fortuna que ela não tem, a nossa também não foi sempre aquilo que é hoje. Do que é que está reclamando agora? Do fato de esse moço senhor Georges ser um rapaz bonito, bem educado e de boa família. Se ele tem aquele topete, tanto melhor para ele.

**VIGNERON**

A senhora se agrada do fato de ele ter aquele topete?

**MADAME VIGNERON**

Sim, isso me agrada, eu concordo, mas eu não sacrificaria a felicidade de uma de minhas filhas por causa de uma bagatela sem importância. *(Mais perto e*

*mais baixo.*) Quer que eu lhe diga tudo o que eu acho, Vignerou? A Blanche é uma criança, é verdade, recatada e inocente, a queridinha, tanto quanto se pode ser, mas de uma sensibilidade extraordinária para sua idade; a gente não vai se arrepender de tê-la casado assim cedo. Enfim, o padre Mouton, um amigo para nós, que conhece a gente tem mais de vinte anos, não se ocuparia desse casamento se não fosse vantajoso para todo mundo.

**VIGNERON**

Quem foi que te disse o contrário? Mas veja bem, a gente foi muito depressa. Primeiro, um padre que arranja casamentos, isso não é coisa que um padre faça. Depois, me explique como é que a Madame de Saint-Genis, que não tem um tostão, repito, tem tão boas relações. Eu pensava que os padrinhos de seu filho seriam pessoas sem importância e consequência; ela encontrou, meu Deus, gente mais topetuda que os nossos. Um chefe de divisão e um general! O chefe de divisão, vá lá, o moço Georges trabalha no escritório dele; mas o general!

**MADAME VIGNERON**

Eh! O general? O senhor bem sabe que o pai do moço Georges era capitão. Cuida dos teus negócios, meu marido. *(Ela se afasta.)* Blanche, pega para seu pai o redingote dele. *(Ela sai pela porta da direita deixando-a aberta atrás de si.)*

**VIGNERON**

*(tira seu robe de chambre e veste o redingote que Blanche lhe entrega)* A! você tá aí, sua ingrata!

**BLANCHE**

Ingrata, eu!? Tá me dizendo isso por causa de quê?

**VIGNERON**

Por causa de quê? Se hoje em dia somos ricos, se você vai se casar, se te dou um dote, não é ao monsieur Teissier que devemos tudo isso?

**BLANCHE**

Não, papai.

**VIGNERON**

Como não, papai. Foi mesmo o Teissier, imagino, com a fábrica dele, que me fez o que sou.

**BLANCHE**

O senhor quer dizer que fez da fábrica do monsieur Teissier o que ela é. Sem o senhor ela custaria caro pra ele; com o senhor, Deus sabe o que a fábrica deu a ele. Olha, papai, se o monsieur Teissier fosse um outro homem, um ho-

mem justo, após o mérito que o senhor teve e o trabalho todo que o senhor realizou, eis o que ele te diria: essa fábrica me pertenceu lá no começo, foi dos dois em seguida, ela é sua agora.

**VIGNERON**

Você e seu bom coraçãozinho, você coloca sentimentos em tudo. A gente precisa mesmo ter esse sentimento e não contar demasiado com o dos outros. *(ele a abraça.)*

**MADAME VIGNERON**

*(tornando a entrar)* Mas como, Vignerón, o senhor ainda está aqui!

**VIGNERON**

Madame Vignerón, me responda a essa pergunta: eu devo obrigação ao monsieur Teissier ou é ele que me deve?

**MADAME VIGNERON**

Nem uma coisa nem outra.

**VIGNERON**

Explique isso aí direito.

**MADAME VIGNERON**

O senhor realmente quer que eu debulhe essa história mais uma vez?

**VIGNERON**

Sim, debulha de novo essa história.

**MADAME VIGNERON**

O monsieur Teissier, minhas filhas, era um banqueirinho do número 12 da rua Guénegaud, onde a gente morava no buraco vizinho dele. A gente o conhecia e recorria à sua cortesia nos momentos de precisão, por causa de nossa fama de ser gente honesta. Mais tarde, o monsieur Teissier, no rebuliço lá dos negócios dele, se viu com uma fábrica debaixo do braço. Ele então se lembrou do pai de vocês e ofereceu a ele a gerência pagando a ele um salário. Nessa época nosso casamento ia bem: o pai de vocês tinha um bom posto numa boa casa, o mais inteligente era conservá-lo. Quinze meses se passaram; a gente estava bem, sem preocupação; uma noite, exatamente às nove e meia, nunca esqueci essa hora, a porta do quarto de vocês estava aberta, Vignerón e eu olhando um para o outro escutando vocês dormirem, a campainha toca. Era o monsieur Teissier que subia nossos cinco andares pela primeira vez. Ele tinha tomado uma grande resolução; sua fábrica, por assim dizer, não fabricava mais nada; ele vinha suplicar ao pai de vocês salvá-lo se associando a ele. Vignerón agradeceu mui-



to polidamente e marcou uma conversa para o dia seguinte. Assim que o monsieur Teissier saiu, o pai de vocês me disse, escutem bem o que me disse o pai de vocês: Tá aí uma boa chance para nós, mulher; ela chega um pouco tarde, quando a gente começa a viver com tranquilidade; vou ter muito trabalho, você vai estar sempre apertando aqui e ali até que eu tenha sucesso, se eu tiver sucesso; mas temos quatro filhos e talvez nossa sorte esteja nessa empreitada. *(Ela enxuga uma lágrima e aperta a mão de seu marido; as filhas se aproximam; emoção geral.)* Para voltar ao que o senhor me pediu, a coisa me parece bem simples. O monsieur Teissier e o monsieur Vigneront tiveram um negócio juntos; ele foi bom para os dois, que estão quites.

**VIGNERON**

Então, minhas filhas, fala bastante bem essa sua mãe! Tomem essa mulher como exemplo e se mantenham sempre à altura dela, não se pode pedir mais do que isso para vocês. *(Ele abraça e beija a mulher.)*

**MADAME VIGNERON**

O senhor tá caminhando bem, meu marido, isso não é muito natural. Não está mais indisposto?

**VIGNERON**

Não, minha velha, me sinto muito bem, ao contrário; parece que estou completamente refeito. Agora vou pedir à mademoiselle Judith, a grande musicista da mansão, fazer a gente ouvir alguma coisa, e depois vou livrar as senhoras da minha presença.

**JUDITH**

O que o senhor quer que toque? *La trouvère*?

**VIGNERON**

Pois que seja *La trouvère*. *(Para Blanche.)* É alegrinha essa *La trouvère*? É do Rossini?

**BLANCHE**

Não, é do Verdi.

**VIGNERON**

Ah! Verdi, aquele autor dos *Huguenotes*.

**BLANCHE**

Não, os *Huguenotes* são do Meyerbeer.

**VIGNERON**

É claro. O grande Meyerbeer. Que idade poderia ter hoje esse Meyerbeer?

**BLANCHE**

Ele já morreu, papai.

**VIGNERON**

Bah!... Como morre essa gente! Ele morreu sem que eu percebesse... (*Para Judith.*) Não está achando *La Trouvère*? Não procure mais, minha filha, não se dê esse trabalho. Olha, toque para mim simplesmente... *La dame blanche*.<sup>28</sup>

**JUDITH**

Essa eu não conheço, papai.

**VIGNERON**

Você não conhece *La dame blanche*? Repita isso. Você não sabe essa... Então para que servem as lições que pago para te darem, lições a dez francos a hora. O que é que teu professor te ensina? Vamos, responda, o que é que teu professor te ensina?

**JUDITH**

Ele me ensina música.

**VIGNERON**

E então, *La dame blanche* não é música?

**MARIE**

(*auxiliando Judith*) Vamos lá, minha irmã, toque para o papai o que ele tá pedindo. (*Judith se senta ao piano e ataca um trecho famoso*):<sup>29</sup>

Daqui se vê nesta bela manhã  
As torres tocando esse céu tão belo;  
Lá dentro invisível castelã  
Vigia todo o tempo o imenso castelo.

---

28 “A dama branca”, ópera-cômica em 3 atos de François-Adrien Boieldieu (1775-1834), sobre um libreto de Eugène Scribe, criada a 10.12. 1825 no Théâtre Opéra-Comique, Paris. A obra foi inspirada por romances de Walter Scott, entre os quais *The abbot* e *Le monastère*, 1820, e *Guy Mannering*, 1815. Extremamente admirada e conhecida pelo público francês, foi dezenas de vezes citada em obras de todo tipo, inclusive no álbum *Le crabe aux pinces d’or* de Tintin. Nesta mesma peça que aqui se traduz, várias vezes se há de ouvir o verso “Prenez garde!” (*Toma cuidado!*)

29 Trata-se do primeiro cuplê da cena 5 do ato I da opera em questão, cantado por Jenny: D’ici voyez ce beau domaine, / Dont les créneaux touchent le ciel! / Une invisible châtelaine / Veille en tous temps sur ce castel. / Chevalier félon et méchant / Qui tramez complot malfaisant, / Prenez garde! / La dame blanche vous regarde, / La dame blanche vous entend.

Cavaleiro perverso e traidor,  
Que trama complô devastador,  
Cuidado! Espera!  
A dama branca te dilacera,  
A dama branca te causa dissabor!  
*(Vignerón se pôs a cantar, depois a mulher, depois suas filhas; no meio da cantoria, chega o filho Gaston; primeiro ele passa a cabeça pela porta do fundo, vai até a lareira, pega a pá e as pinças e completa o barulho)*

**VIGNERON**

*(terminada a cantoria, aproximando-se do filho)* De onde é que está vindo, ô figurinha difícil?

**GASTON**

Fiz o desjejum na casa de um de meus amigos.

**VIGNERON**

E por qual nome você chama esse amigo?

**GASTON**

O senhor não conhece.

**VIGNERON**

Sei muito bem que não conheço. Fica aí num lugar que eu te veja por inteiro. *(Ele se posiciona de modo a ver melhor o filho; Gaston ainda segura a pá e as pinças; pega as peças do filho e vai colocá-las no devido lugar; volta e para a alguns passos do filho, considerando-o com ternura)* Fica em pé direito. *(chega perto e o mima)* Me mostra tua língua. Bom. Tussa um pouco. Mais forte. Muito bem. *(Baixo.)* Não está se cansando demais, espero.

**GASTON**

Com o quê, papai? Eu não faço nada.

**VIGNERON**

Não se faça de besta. Quando digo 'não se canse demasiado', sei do que estou falando, e você também, 'seu' traquinas, me entende muito bem. Tá precisando de dinheiro?

**GASTON**

Não.

**VIGNERON**

Abre a mão.

**GASTON**

Pra que isso?

**VIGNERON**

(*Mais alto*) Abre a mão.

**GASTON**

Não quero.

**VIGNERON**

Foi mesmo o papai Vignerón que educou essa joia. Põe esse dinheiro no teu bolso o mais rápido que puder. Você se divirta, prole, quero que você se divirta. Dê uma de dono, faça o diabo, apronte trezentas encrencas. Mas olhe aqui! Saiu um metro daqui, sua cabeça é que manda; aqui, na frente de suas irmãs, da tua mãe, nenhum pio, nada de cartas que contam tudo. Se você precisa de um confidente, papai tá aqui.

**JUDITH**

Papai, estamos te esperando para continuar *La dame blanche*.

**VIGNERON**

(*após haver consultado o relógio*) Continuem sem mim. (*Ele pega o chapéu e se dirige para a porta; para, passeia os olhos sobre sua família, e volta como um homem que está bem e lamenta ir embora.*) Madame Vignerón, aproxime-se. (*Madame Vignerón se aproxima. Ele entrelaça um braço com o dela.*) Judith, levante-se. (*Repetição do gesto.*) Venham aqui, filhinas. Se eu me ouvisse, meus pequenos amores, eu recolocaria meu robe-de-chambre e esperaria o almoço com vocês. Infelizmente, meu trabalho não se faz sozinho e não tenho rendas para viver sem trabalhar. Isso só vai acontecer, talvez, quando eu for proprietário. Mas é preciso esperar, primo, que minhas mansões sejam construídas, e, secundo, que meus filhos todos estejam estabelecidos. Quem teria sido capaz de dizer que a garotinha da Blanche, a mais jovem, seria a primeira a se casar? De quem vai ser a vez agora? Judith? A Judith não é bem uma moça afeita ao casamento. A menos que encontre um príncipe, ela vai ficar solteirona. Que venha, então, esse príncipe, que ele se apresente, pago o preço que for necessário. Quanto a você, figurinha difícil, que se permite rir quando falo, deixo você se espalhar por aí, mas não vai ser por muito tempo. Vou te levar comigo num primeiro dia e você vai começar varrendo o chão da fábrica... de uma ponta a outra... até eu te colocar no balcão de expedição; aí vou ver se você presta para alguma coisa. De vocês todos, quem menos me preocupa é a pequena Marie. Ela não é uma sonhadora (*para Judith*) como você, nem uma sentimental (*para Blanche*) como você; ela vai se casar com um bravo rapaz, de boa saúde, pescoço duro e sem dó, que vai fazer você se lembrar de seu

pai quando eu não estiver mais aqui. *(para sua mulher)* Não falo da senhora, minha mulher; na nossa idade, a gente não tem mais grandes desejos nem grandes necessidades. Estamos contentes quando a pirralhada está contente. Não acho que esses filhos tivessem sido mais felizes em outro lugar. O que está faltando agora? Que papai Vignerón trabalhe alguns anos mais para assegurar o futuro de toda essa minha gente, depois ele vai ter o direito de se aposentar. Agora tenho a honra de saudar vocês todos.

#### AS FILHAS

Adeus, papai. Beijo. Adeus. *(Vignerón se afasta delas e sai rapidamente.)*

### Cena 2

*(os mesmos, menos Vignerón)*

#### MADAME VIGNERON

Agora, mademoiselles, aos seus quartos. *(para Blanche)* Você, fica mais um pouco, tenho duas palavrinhas pra te dizer. *(para Marie)* Vai lá na cozinha, minha filha, e diga à Rosalie que não nos espere pra comer; insista para ela almoçar; ela nos ama tanto, nossa velha Rosalie, mas o almoço dela é sempre tão tarde. Vamos, Gaston, deixa tua irmã ir pro quarto dela; você vai tomar dela essa lição de música numa outra hora. *(Jogo de cena para acompanhar a saída das personagens.)*

### Cena 3

*(Madame Vignerón, Blanche)*

#### MADAME VIGNERON

Me escute, minha gatinha, não tenho tempo de falar com você mais longamente, procure aproveitar o que vou te dizer e não me replique nada, seria inútil. Não estou nada contente com tua atitude e tuas maneiras, quando teu pretendente tá aí. Você olha pra ele, você faz agrados, ele se levanta, você se levanta, vocês vão para os cantinhos pra conversar a sós, não quero saber de nada disso hoje mais do que nunca, que hoje vamos ter estranhos entre nós. Se o monsieur Georges te agrada, se vocês se amam um ao outro, tanto melhor que seja assim, já que vocês vão se casar, mas ainda não estão casados. Até lá, entendo que você mais observe e que guarde teus sentimentos mais pra você, como uma mocinha reservada deve fazer numa situação como essa. Você não tem necessidade de chorar. Pronto, falei. Enxugue os olhos, beije tua mãe e vai se vestir. *(Blanche deixa a mãe; quando ela chega à porta da direita,*

*Auguste entra pelo fundo e anuncia a Madame de Saint-Genis; Blanche para)*  
Vai se vestir.

## Cena 4

*(Madame Vignerón, Madame de Saint-Genis)*

### **MADAME DE SAINT-GENIS**

Bom dia, minha querida Madame Vignerón. Vamos, me beije. Virou mais que uma moda aqui, é uma fúria, a gente se beija a cada cinco minutos. Eu cheguei cedo, mas essa minha chegada não vai atrapalhar nada. Se eu a incomodo o mínimo que seja, diga-me com toda franqueza. Vou embora ou fico, como a senhora preferir.

### **MADAME VIGNERON**

Fique, Madame, fique, eu lhe peço.

### **MADAME DE SAINT-GENIS**

Talvez a senhora tivesse visitas a fazer?

### **MADAME DE VIGNERON**

Nenhuma.

### **MADAME DE SAINT-GENIS**

Então estava esperando alguma?

### **MADAME VIGNERON**

Não, de modo algum.

### **MADAME DE SAINT-GENIS**

Tiro meu chapéu?

### **MADAME VIGNERON**

Pode deixar que eu mesma tiro pra senhora.

### **MADAME DE SAINT-GENIS**

As mulheres como a senhora, Madame Vignerón, que se pode ver quando se quer e que se pode surpreender a qualquer hora, uma mulher assim é uma raridade nos dias de hoje. Eu não arriscaria uma indiscrição como essa com minhas amigas mais íntimas.

### **MADAME VIGNERON**

Sente-se, Madame, e me diga como vai a senhora.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Bem. Estou muito bem. Não me lembro de ter estado melhor. Eu me olhava ao espelho essa manhã, e constatei que meu frescor e minha silhueta me fizeram pensar na senhora.

**MADAME VIGNERON**

Faz algum tempo que queria lhe fazer uma pergunta que, aqui entre nós, não tem qualquer consequência. Qual sua idade, Madame?

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Eu não escondo nunca minha idade, minha cara Madame. E nem poderia se quisesse, meu filho está ali. Ele vai fazer vinte e três anos em alguns dias, eu tinha dezessete quando o coloquei no mundo, faça as contas a senhora mesma.

**MADAME VIGNERON**

A senhora não se melindrou com essa pequena curiosidade?

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Ela é tão natural, entre velhas amigas.

**MADAME VIGNERON**

A senhora sabe, Madame, que somos duas mães bastante imprudentes, a senhora casando um rapaz tão jovem, vinte e três anos, e eu entregando a ele minha filha!

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Tranquelize-se, cara madame Vignerón. Cuidei do Georges até agora, acho que vou cuidar dele ainda depois do casamento. Criei meu filho muito severamente, acho que já disse isso, e também que ele é um filho como poucos. Ele nunca fez dívidas e, o que não é menos raro, não o desperdiçou com mulheres. Sei de algumas, entretanto, que bem tentaram depená-lo. Meu filho recebeu uma educação completa; fala três línguas; é instrumentista; tem um nome bonito, boas maneiras, princípios religiosos; se, com tudo isso, ele não for longe, é porque o mundo terá mudado muito. (*Mudando de tom.*) Me diga, já que se trata de Georges e que sempre ajo pensando nele, solicitei ao meu notário reparar um esquecimento sobre o contrato, seu marido lhe disse?

**MADAME VIGNERON**

Eu não saberia lhe dizer.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

A senhora se lembra que o monsieur Vignerón, depois de ter fixado o dote da mademoiselle Blanche em dois mil francos, pediu para pagá-lo em parcelas anuais.

**MADAME VIGNERON**

Foi ao contrário, Madame. O meu marido, antes de qualquer coisa, declarou que formar o dote da filha levaria algum tempo. Então, a senhora falou a ele sobre garantias, de uma hipoteca sobre casas em construção e ele recusou. Finalmente, falou-se também sobre valor e prazos.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Exatamente. Não me parece menos justo e natural, até que o casal tenha recebido a soma total, que o dote produza para eles juros a cinco ou seis por cento, seria melhor fixá-los em seis. De resto, o Monsieur Vigneron, na redação do contrato, se prestou de tão boa vontade a satisfazer todos os meus pequenos caprichos que um a mais não vai causar dificuldades entre nós. Falemos de outra coisa. Falemos do seu jantar. Seus convidados são numerosos e quais são?

**MADAME VIGNERON**

As suas testemunhas, as nossas, o professor de música de minha filha mais velha...

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Ah! a senhora o convidou...

**MADAME VIGNERON**

Sim, Madame, nós convidamos o rapaz. Sei muito bem que se trata de um artista, mas justamente não quisemos fazê-lo sentir isso.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Veja, Madame Vigneron, a senhora talvez considerasse que me meto no que não me diz respeito, mas, no seu lugar, eu receberia o monsieur Merckens hoje ainda e amanhã não o receberia mais.

**MADAME VIGNERON**

Por que, Madame? Minha filha nunca teve do que reclamar, nem dele nem de suas lições.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Digamos que eu não disse nada. Quem mais foi convidado?

**MADAME VIGNERON**

O monsieur Teissier e só.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Ah! Finalmente, vou conhecer esse monsieur Teissier, de quem tanto ouvi falar e nunca vi! *(Ela se levanta e amigavelmente faz a madame Vigneron se levantar também.)* Por que, Madame, nunca se vê o sócio de seu marido?



**MADAME VIGNERON**

Minhas filhas não gostam dele.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Suas filhas não fazem a lei na sua casa. Acho que o monsieur Vignerón passaria por cima de uma infantilidade da parte delas para receber seu sócio.

**MADAME VIGNERON**

Mas esses senhores se veem quase todos os dias na fábrica; não teriam mais nada a se falar.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Minha cara madame Vignerón, não sou mulher de abusar de um segredo que me contaram; eu não teria o direito de revelá-lo a ninguém. Concorde que é a senhora, por uma razão ou outra, que fecha a porta ao monsieur Teissier.

**MADAME VIGNERON**

Não, Madame! A senhora está muito enganada. Para começar, faço tudo o que querem aqui; depois, se não tenho ... afeição pelo monsieur Teissier, não tenho nenhuma antipatia por ele.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Ele é... indiferente para a senhora?

**MADAME VIGNERON**

Indiferente, é a palavra.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Então, me permita lhe dizer, a senhora é bem pouco previdente ou demasiado desinteressada. Esse monsieur Teissier é muito rico, não é?

**MADAME VIGNERON**

Sim.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Já passou dos sessenta?

**MADAME VIGNERON**

Faz bastante tempo.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Não tem mulher nem filhos?

**MADAME VIGNERON**

Nem mulher nem filhos.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Sabe-se se tem alguma amante?

**MADAME VIGNERON**

Uma amante! O monsieur Teissier! Pra fazer o quê?

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Não ria e ouça seriamente o que digo à senhora. A senhora tem aí, nas mãos, uma sucessão considerável, vaga, próxima, que poderia voltar para a senhora decentemente sem que a tire de ninguém, e essa sucessão não significa nada para a senhora? Ela não é tentadora, ou então talvez ache que sairia caro demais comprá-la com alguns gestos de polidez e caras de afeto para com um velho?

**MADAME VIGNERON**

Meu Deus, Madame, sua observação é justa, nenhum de nós havia pensado nisso. A senhora vai compreender porquê. Nossa situação não seria mais a mesma, meu marido estaria menos orgulhoso e nós menos felizes se a gente devesse qualquer coisa para um estranho. Mas essa razão não conta pra a senhora e nada a impedirá, após o casamento de nossos filhos, de avançar sobre o monsieur Teissier. Se ele se prestar a isso, tanto melhor. Se o novo casamento lhe parecer digno de interesse, eu ficaria encantada por Blanche e por seu marido se ele rendesse alguma coisa para o lado de cá. Vou mais longe, madame. Se o monsieur Teissier, cansado como deve estar de viver sozinho na idade dele, se deixasse levar pelo espírito e pelos encantos da senhora, eu ficaria feliz em ver a senhora contraindo um casamento que traria alguns inconvenientes, mas no qual encontraria grandes compensações.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

A senhora está dizendo bobagens, Madame Vignerou, e conhece bem pouco os homens. O monsieur Teissier, rigorosamente, não seria muito velho para mim, sou eu que não sou demasiado jovem para ele.

**AUGUSTE**

(*entrando*) O Monsieur Merckens acaba de chegar, Madame; devo fazê-lo entrar aqui ou no outro salão?

**MADAME VIGNERON**

O que prefere, Madame, ficar sozinha, receber o monsieur Merckens ou assistir à minha toaleta?

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Como a senhora quiser.

**MADAME VIGNERON**

Venha comigo. Vou mostrar à senhora algumas comprinhas que fiz e me dirá se fiz bons negócios.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Com todo prazer.

**MADAME VIGNERON**

Faça o monsieur Merckens entrar e peça que aguarde um instante. *(Elas saem pela porta da esquerda.)*

## Cena 5

*(Auguste, Merckens com um caderno de partitura à mão)*

**AUGUSTE**

Entre, caro monsieur Merckens, e se sente. Só estou eu aqui para recebê-lo.

**MERCKENS**

Está bem. Cuide de seus afazeres, Auguste, não vou retê-lo aqui. *(indo para o proscênio)* Como é chato esse rapaz, insuportável.

**AUGUSTE**

*(aproximando-se)* Nada de lições hoje, monsieur Merckens, veio apenas filar o almoço, não é?

**MERCKENS**

A mademoiselle Judith está se vestindo?

**AUGUSTE**

Provavelmente está se vestindo. Mas o senhor sabe, com ela, um, dois, três, e pronto: rapidamente está em outra!

**MERCKENS**

Então, faça a mademoiselle Judith saber que estou aqui e que trouxe a canção que ela pediu.  
*(Judith entra.)*

**AUGUSTE**

O que eu dizia? (*Para Judith.*) Mademoiselle não gastou muito tempo com sua toalete, mas o usou muito bem.

**JUDITH**

Obrigada, Auguste.

(*Auguste sai levando o robe-de-chambre de Vignerón.*)

## Cena 6

(*Merckens, Judith*)

**MERCKENS**

Seu criado acaba de roubar meu cumprimento, não consigo encontrar mais nada para dizer.

**JUDITH**

Não procure mesmo, é inútil

**MERCKENS**

(*mostrando-lhe a partitura de música.*) Aqui está a obra que me pediu, mademoiselle.

**JUDITH**

Me dê aqui.

**MERCKENS**

Falta o seu nome como autor, posso pedir que escrevam aí na capa.

**JUDITH**

Não se preocupe com isso.

**MERCKENS**

A senhorita está contente?

**JUDITH**

Estou envergonhada. Sei que minha família, sobretudo a mãe, não vai entender isso muito bem e não vão gostar dessa nossa pequena travessura.

**MERCKENS**

Eu já lhe falei dessa canção, e vou repetir. Ela é notável e interessante. Um pou-

co triste, talvez você tivesse algum tiquinho de febre cerebral naquele dia. Mandei imprimir porque valia a pena, o resto não conta.

**JUDITH**

Vamos nos entender direito, monsieur Merckens, eu me reservo o direito de mostrar minha composição ou de não falar absolutamente nada sobre ela.

**MERCKENS**

Por quê?

**JUDITH**

A gente fica quieta na minha idade, ainda é a coisa mais segura a fazer, sem que a gente permita fantasias inconvenientes para uma jovem.

**MERCKENS**

As jovens que vejo não se observam assim tão de perto.

**JUDITH**

Mais um motivo. *(Ela abre o caderno e lê o título com suavidade.)* Adeus à noiva. Se essa canção é triste, isso não deve espantar o senhor. Eu estava bastante emocionada, sabe, quando a escrevi. Pensava em minha irmãzinha que a gente ama tão ternamente e que vai nos deixar; a gente sabe o que ela está perdendo, mas a gente sabe o que a está esperando?

**MERCKENS**

Esse casamento, seja sincera, causou alguma decepção na senhora?

**JUDITH**

Nenhuma. O que quer dizer?

**MERCKENS**

O Monsieur de Saint-Genis podia ter vindo aqui escolher. Ele podia pedir a mais velha em vez da mais nova.

**JUDITH**

Isso teria sido uma pena. Minha irmã e ele fazem um casalzinho encantador, ao passo que nenhuma relação me juntaria a ele.

**MERCKENS**

Paciência, teu dia vai chegar.

**JUDITH**

Isso não me preocupa.

**MERCKENS**

Entretanto a senhorita bem que deseja se casar.

**JUDITH**

O mais tarde possível. Eu me sinto muito bem assim e não penso em mudar.

**MERCKENS**

A composição musical basta para a senhorita.

**JUDITH**

Ela me basta, o senhor o disse.

**MERCKENS**

Que tristeza que a uma pessoa bonita como a senhorita, tão cheia de qualidades, falte justamente aquela coisinha que as colocaria em atividade.

**JUDITH**

Que coisinha?

**MERCKENS**

(*à meia voz*) O diabo no corpo.

**JUDITH**

Mamãe não ficaria nada contente, se ouvisse o senhor nesse momento; ela já me acha meio indisciplinada.

**MERCKENS**

Sua mãe às vezes ralha com a senhorita?

**JUDITH**

Às vezes sim. Mas o que é mais grave é que ela fecha meu piano a chave quando se irrita, e então se entende com meu pai e ele corta a Ópera.

**MERCKENS**

E onde ele leva as senhoritas para se divertirem?

**JUDITH**

No Cirque. Mas não recrimino a mamãe. Ela acha que a Ópera me faz mal e não está enganada. É verdade, aquele espetáculo soberbo, aquelas cenas empolgantes, aquelas cantoras admiráveis, levo oito dias para me recuperar completamente.

**MERCKENS**

A gente conta nos dedos, a senhorita sabe, essas cantoras admiráveis.

**JUDITH**

Todas são admiráveis para mim.

**MERCKENS**

Tem inveja delas, talvez?

**JUDITH**

Elas me apaixonam.

**MERCKENS**

Pois faça como elas.

**JUDITH**

O que está dizendo? Eu, monsieur Merckens, entrar para o teatro?

**MERCKENS**

Porque não? Os contraltos são bastante raros, seu registro é muito bonito. A senhorita tem brilho, fogo, alma, sobretudo alma. O mundo não choraria por uma burguesa a menos, mas uma artista a mais só daria prazer a todo mundo.

**JUDITH**

Eu lhe agradeço, mas não diga mais nada. Vou me ater às suas lições, que me parecem melhores que seus conselhos. O senhor está livre essa noite? Pode ficar um pouco mais após o jantar?

**MERCKENS**

Um pouco. Gostaria de ouvir sua composição.

**JUDITH**

O senhor também vai tocar alguma coisa.

**MERCKENS**

Não me peça isso. Não tenho melindres com a senhorita e a gente se diz as coisas tal como elas são. Quando converso, sou espirituoso, divertido; mas minha música não se parece em nada à minha conversação.

**JUDITH**

A gente pode saltitar.

**MERCKENS**

Bah!

**JUDITH**

Sim, a gente vai dançar. A Blanche quer que haja dança. O que se espera minimamente é que antes de seu casamento ela dance uma vez com seu pretendente. E depois o Gaston está preparando uma surpresa. Jurou que vai dançar uma quadrilha com papai e que ninguém vai conseguir distinguir um do outro.

**MERCKENS**

Mas como vai acontecer isso?

**JUDITH**

O senhor vai ver. O senhor não sabe que meu irmão Gaston imita papai à perfeição. A voz, os gestos, a maneira de se portar em grupo; nesses momentos, ele pensa como papai, é extraordinário.

**MERCKENS**

Parece que se está preparando uma festa bonita, agradeço por me fazer ficar.

**JUDITH**

Está caçoando, monsieur artista. Eu imagino, sem observá-las muito de perto, que suas reuniões não valem o barulho que fazem a respeito delas; talvez sejam ridículas, para não dizer mais nada. O senhor terá aqui a vantagem de estar entre gente bem.

*(reentram as Madames Vigneron e de Saint-Genis)*

## Cena 7

*(os mesmos, Madame Vigneron, Madame de Saint-Genis)*

**MADAME DE SAINT-GENIS** (*à parte*) – Eu tinha certeza que a gente ia encontrá-los juntos. (*Judith vai até ela; ambas se acolhem afetuosamente.*)

**MADAME VIGNERON** (*com uma toaleta berrante e muita bijuteria*) – O senhor me desculpe, monsieur Merckens, fazê-lo esperar, as mulheres nunca terminam de se vestir. Minha toaleta agrada ao senhor?

**MERCKENS** – Ela me deslumbra.

**MADAME VIGNERON** – Talvez alguma bijuteria a mais, a Madame de Saint-Genis



me aconselhou a tirar alguma coisa.

**MERCKENS** – Por que, Madame? A princesa Limperani usou trezentos mil francos no jantar que ofereceu ontem.

*(Entram Marie e Blanche.)*

## Cena 8

*(os mesmos, Marie, Blanche)*

**MADAME VIGNERON**

*(caminhando na direção de Judith)* Teu pai está atrasado, não vai estar aí para receber os convidados dele.

**BLANCHE**

*(para Madame de Saint-Genis)* Por que seu filho não veio com a senhora?

**MADAME DE SAINT-GENIS**

O Georges trabalha, minha filha; não conte comigo para fazê-lo descumprir os deveres que tem.

**BLANCHE**

Ele só tem um dever a cumprir agora, é de amar como o amo.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Esse é bem fácil de cumprir e não conseguirá fazê-lo se esquecer dos outros. Vou brigar com a senhorita, eu a previno, se debochar do meu rapaz.

**MADAME DE VIGNERON**

*(Para a Madame de Saint-Genis)* Eu acho que os padrinhos do monsieur Georges vão chegar juntos no mesmo passo.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

*(embaraçada)* Não. O monsieur Lenormand e meu filho sairão juntos do escritório para vir para cá, o general vai vir por sua própria conta. O general e o monsieur Lenormand se conhecem, se conheceram na minha casa, mas só há pouco tempo pensei em juntá-los num mesmo evento.

*(Auguste anuncia: “O monsieur Teissier”)*

## Cena 9

*(os mesmos, Teissier)*

**TEISSIER**

Inteiramente ao seu dispor, madame.

**MADAME VIGNERON**

Me dê seu chapéu, monsieur Teissier, fique à vontade.

**TEISSIER**

Deixe, Madame, eu mesmo o coloco na chapeleira para estar certo de onde encontrá-lo depois.

**MADAME VIGNERON**

O senhor não está doente?

**TEISSIER**

Evito ficar doente tanto quanto possível.

**MADAME VIGNERON**

Como o senhor acha que meu marido tem passado nos últimos tempos?

**TEISSIER**

Bem. Muito bem. O Vignerón se cuida melhor agora que vive mais comodamente. Ele tem razão. Um homem vale bem mais quando possui alguma coisa. Ocupe-se de seus convidados, madame, vou esperar o jantar em algum canto. *(deixa-a)*

**MADAME VIGNERON**

*(caminhando na direção da Madame de Saint-Genis)* Então? Está aí o monsieur Teissier? Como ele está?

**MADAME DE SAINT-GENIS**

O velho tem olhos de raposa e boca de macaco. *(Auguste anuncia: “O monsieur Bourdon.”)*

**MADAME VIGNERON**

Me esqueci de lhe dizer que nosso notário vai jantar com a gente.

## Cena 10

(os mesmos, Bourdon)

### **BOURDON**

Apresento-lhe meus cumprimentos, madame. Mademoiselles... (cumprimentos)

### **MADAME VIGNERON**

(apresentando os presentes a Bourdon) Madame de Saint-Genis; Monsieur Merckens, o professor de música de minha filha mais velha. O senhor foi um dos primeiros a chegar, monsieur Bourdon, foi amável de sua parte. (Bourdon se inclina)

### **BOURDON**

Sim, as pessoas sempre se fazem esperar, mas nunca à mesa. (Aproximando-se da Madame de Saint-Genis.) Várias pessoas me encarregaram, madame, de lhe transmitir seus cumprimentos.

### **MADAME DE SAINT-GENIS**

Do monsieur Testelin também, suponho?

### **BOURDON**

Precisamente. Falávamos sobre o casamento de mademoiselle Vigneron e monsieur seu filho e eu dizia ao monsieur Testelin que eu teria a honra de um jantar com a senhora. Me disse ele: “O senhor vai ver lá uma mulher encantadora, transmita a ela meus cumprimentos.”

### **MADAME DE SAINT-GENIS**

O monsieur Testelin é meu notário há vinte anos.

### **BOURDON**

Foi o que me disse. (Mais perto e mais baixo.) Bastante galante, o Testelin, um fraco bastante visível pelas mulheres bonitas.

### **MADAME DE SAINT-GENIS**

(secamente) É a primeira vez que ouço isso a respeito dele. (deixa-o; ele sorri)

### **BOURDON**

(para Madame Vigneron) O Teissier não vai jantar com a gente?

### **MADAME VIGNERON**

(mostrando-lhe o Teissier) Está ali naquele canto, se quiser falar com ele.

**BOURDON**

Bom dia, Teissier.

**TEISSIER**

Ah! Você está aí, Bourdon. Chega perto e abre seus ouvidos. (*baixo*) Eu estive hoje, meu amigo, na Câmara dos Notários, onde tinha algo a resolver. O presidente, a que eu falava de minha relação com você, não economizou a seu respeito: “Ah! eu conheço esse Bourdon, o que não falta a ele é inteligência; ele é arguto, refinado, ele se expõe em demasia. Ainda vai acontecer de a gente o maltratar em alguma pendenga.”

**BOURDON**

Estou me lixando com a Câmara dos Notários. Tem lá uns vinte juízes que querem dar à Câmara um papel que ela não tem. Uma proteção para nós e não para o público.

**TEISSIER**

Me entenda direito, Bourdon. Eu não fiz esse comentário pra impedir você de fazer seus negócios. Eu achei que estava te dando uma ajuda com essa advertência.

**BOURDON**

Foi assim que entendi, meu caro Teissier, e te agradeço. (*Auguste anuncia: “Monsieur Lenormand, Monsieur Georges de Saint-Genis.”*)

**MADAME DE SAINT-GENIS**

(*Para Madame Vignerón*) Vou apresentar o monsieur Lenormand para a senhora.

(*Essa apresentação e a seguinte acontecem no fundo do teatro. Georges sozinho desce para o proscênio.*)

## Cena 11

(*os mesmos, Lenormand, Georges, depois o General Fromentin*)

**BLANCHE**

(*para George, baixo*) Não fale comigo e se afaste de mim. Mamãe me deu uma lição. Eu não sabia o que ela ia me dizer, fiquei com medo. (*Auguste anuncia: “Monsieur general Fromentin.”*)

**BOURDON**

(*para Merckens*) É pianista, monsieur?

**MERCKENS**

Compositor, monsieur.

**BOURDON**

É músico, era o que eu queria dizer. Gosta de plateia?

**MERCKENS**

Não posso dispensar nenhuma, ela me impulsiona.

**BOURDON**

Se o senhor se lembrar de meu nome e de meu endereço – Monsieur Bourdon, notário, rua Sainte-Anne 22 -, eu recebo todos os domingos à noite. É bem simples lá na minha casa, eu o previno. Chegam às 9 horas, fazem um pouco de música, o senhor provavelmente canta uma romanza, tomam uma xícara de chá, à meia noite todo mundo já vai estar dormindo.

**MERCKENS**

Não prometo ao senhor comparecer todos os domingos.

**BOURDON**

Quando o senhor quiser, sempre nos dará prazer. (*Auguste anuncia: “Monsieur Vignerou.”*)

**MADAME DE SAINT-GENIS**

(*para madame Vignerou*) Essa agora, Madame, seu marido se faz anunciar em sua própria casa?

**MADAME VIGNERON**

Com toda certeza o criado se enganou.

(*Entra o Gaston, vestindo o robe-de-chambre que seu pai usava na primeira cena, imita a voz dele e seu jeito de andar.*)

## Cena 12

(*os mesmos, Gaston*)

**GASTON**

(*caminhando na direção da Madame de Saint-Genis*) Como está se comportando a bela Madame de Saint-Genis?

**MADAME DE SAINT-GENIS**

*(entrando na brincadeira)* Estou muito bem, monsieur Vignerou, obrigada.

**GASTON**

*(continuando)* Monsieur Bourdon, sou seu servidor. *(para Merckens)* Bom dia, meu rapaz. *(para Lenormand e o general)* Encantado, senhores, de conhecê-los.

**MADAME VIGNERON**

Vejam, senhores, como a gente se engana na educação dessas crianças; esse moleque está fazendo uma caricatura do pai.

**GASTON**

*(para a madame Vignerou)* Ah! minha querida esposa, esse jantar vai ser servido? Ah! cristo! A gente colocou os pratinhos nos pratos grandes para receber todos vocês, não é todo dia que se casa uma filha. *(para suas irmãs)* Qual de vocês vai se casar mesmo? Nem me lembro mais. Acho que enquanto esperamos o jantar, a mademoiselle Judith poderia abrir seu piano e nos fazer ouvir alguma coisa, um trecho da Dame Blanche, por exemplo.

**MADAME VIGNERON**

Vamos, Gaston, acabe com isso! Tire esse robe-de-chambre e se comporte dignamente.

**GASTON**

Sim, minha querida. *(As irmãs de Gaston tiram dos ombros dele o robe-de-chambre rindo com ele. Gaiatice geral.)*

## Cena 13

*(os mesmos, Auguste, depois o médico)*

**AUGUSTE**

*(aproximando-se de Madame Vignerou)* Está aí um senhor que não veio para o jantar e que quer falar com a Madame.

**MADAME VIGNERON**

Que é esse senhor, Auguste? É outra brincadeira de conluio com meu filho?

**AUGUSTE**

A madame vai ver se me der ordem de fazê-lo entrar.

**MADAME VIGNERON**

Não deixe ninguém entrar. Diga a esse senhor que não posso deixá-lo entrar.

**AUGUSTE**

Se ele insistir, madame?

**MADAME VIGNERON**

Mande esse senhor embora.

**AUGUSTE**

*(virando-se)* Olha ele aí, madame.

**MÉDICO**

*(avançando)* Madame Vigneron?

**MADAME VIGNERON**

Sou eu, monsieur.

**MÉDICO**

*(mais perto e mais baixo)* Seus filhos estão aqui, Madame?

**MADAME VIGNERON**

Sim, monsieur.

**MÉDICO**

Diga que eles saiam. Faça o que lhe digo, madame, depressa.

**MADAME VIGNERON**

*(perturbada, vivamente)* Passem para o outro salão, mademoiselles. Vamos, ouviram o que eu disse, passem para o outro salão. Gaston, vai com tuas irmãs, meu filho. Madame de Saint-Genis, faça a gentileza de acompanhar minhas filhas.

*(Ela abriu a porta da direita e as faz desfilar à sua frente.)*

**MÉDICO**

*(aos homens, que se levantaram)* Os senhores podem ficar, monsieurs; são parentes do monsieur Vigneron?

**BOURDON**

Não, monsieur, apenas amigos dele.

## MÉDICO

Pois bem, senhores, seu pobre amigo foi vitimado por uma apoplexia fulminante.

*(Trazem Vigneron do fundo do palco; Madame Vignerondá um grito e se precipita sobre o corpo de seu marido.)*



## Segundo ato

(*mesmo cenário*)

### Cena 1

(*Madame Vignerón, Madame de Saint-Genis*)

**MADAME VIGNERON**

(*chorando, lenço na mão*) Me desculpe, madame, estou envergonhada por chorar dessa maneira na sua frente, mas não consigo reter as lágrimas. Quando penso que há menos de um mês ele estava aí, exatamente onde a senhora está, e que não vou vê-lo outra vez. A senhora o conheceu, madame; ele era tão bom, o meu marido, tão feliz e a gente também, aquilo não poderia durar. Me diga, madame, vou ouvi-la com toda atenção. Sei perfeitamente que preciso me decidir. Ele ia morrer um dia. Mas pedi tantas vezes a Deus para ir embora antes dele. Não é verdade, madame, que o Vignerón está no céu para onde vão os honestos como ele?

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Pode ter certeza disso, madame.

**MADAME VIGNERON**

Me dê notícias de seu filho: mal o vi desde aquela infelicidade. Seu filho também é muito bom. A Blanche me disse que ele havia chorado.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Meu Georges vai bem, obrigada.

**MADAME VIGNERON**

Pobres crianças que se amam tanto, o casamento deles assim adiado.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Eu gostaria justamente de falar com a senhora sobre esse casamento, se eu a encontrasse mais senhora de si. A senhora não está em condições de pensar razoavelmente nem com coragem para tomar alguma atitude, minha querida madame Vignerón. Sei muito bem o que é perder o marido. Passei por isso também. E tinha muito mais a lamentar do que a senhora; o Monsieur de Saint-Genis só me deixou dívidas e um filho de quatro anos nos braços. A senhora, a senhora tem filhas grandes em idade de consolá-la; elas estão criadas; o futuro não a perturba nem pela senhora nem por elas. (*mudando de tom.*) Eu suspeito que no estado em que a senhora se encontra não tenha pensado um instante sequer nos seus negócios.

**MADAME VIGNERON**

Que negócios, madame?

**MADAME DE SAINT-GENIS**

A senhora precisa pensar que a sucessão do monsieur Vigneron não se completará sozinha; haverá juros a pagar e talvez dificuldades a resolver.

**MADAME VIGNERON**

Não, madame, nenhuma dificuldade. Meu marido era um homem muito honesto para jamais ter tido negócios complicados.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Elas podem surgir após a morte dele. Me entenda bem. Não duvido da lealdade do monsieur Vigneron, duvido é da dos outros. O monsieur Teissier não reclamou ainda?

**MADAME VIGNERON**

O monsieur Tissier vem se portando como de costume. Se precisei de dinheiro, ele enviou o que pedi se desculpando por não tê-lo enviado antes, nossa relação não foi além disso.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Ouçã bem o que vou dizer, madame Vigneron, e mesmo que minha apreensão seja falsa, tome cuidado com sua conduta. Desconfie do monsieur Teissier.

**MADAME VIGNERON**

Pois seja, madame, vou desconfiar dele. Mas, supondo-se que tenha sido mal-intencionado, não sou eu, mas meu notário, que deve chamá-lo à razão.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Desconfie também de seu notário.

**MADAME VIGNERON**

Oh! Madame.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Cuide-se. Oh! Madame Vigneron, conheço os senhores oficiais públicos. Nunca se sabe se eles estão salvando a gente ou acabando com a gente, é preciso ficar sempre de olhos abertos com eles.

**MADAME VIGNERON**

O que a senhora diria, então, Madame, se soubesse que o monsieur Bourdon, meu notário, é ao mesmo tempo o do monsieur Teissier?

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Eu lhe diria duas palavras: contrate outro.

**MADAME VIGNERON**

Não, madame; tenho no monsieur Bourdon uma confiança cega, só vou despedi-lo depois que ele a enganar.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Aí vai ser tarde demais.

**AUGUSTE**

*(entrando e se aproximando de Madame Vignerón)* O monsieur Lefort apresenta seus cumprimentos à madame e pede que pergunte se examinou o relatório que ele fez.

**MADAME VIGNERON**

Um relatório? Ele o encaminhou pra mim?

**AUGUSTE**

Sim, madame.

**MADAME VIGNERON**

Onde foi que o coloquei? Não me lembro de nada disso.

**AUGUSTE**

O monsieur Lefort vem vê-la durante o dia.

**MADAME VIGNERON**

Está bem. Diga que vou recebê-lo. *(Auguste sai)* O monsieur Lefort é nosso arquiteto.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Desconfie de seu arquiteto!

**MADAME VIGNERON**

Não sei, madame, onde a senhora formulou uma tão ruim opinião dos outros, no seu lugar, eu não gostaria de expressá-la.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Isso é o mínimo que a senhora deveria fazer. A senhora vê gente honesta por toda parte.

### MADAME VIGNERON

E a senhora, madame, não a vê em parte alguma.

### MADAME DE SAINT-GENIS

*(levantando-se)* Desejo, de todo meu coração, minha cara madame Vignerou, para a senhora, a quem não desejo qualquer mal, e para suas filhas, que são realmente encantadoras, que a sucessão do monsieur Vignerou se faça com a maior tranquilidade; mas, nos negócios, nada se faz com tranquilidade. O que é simples fica complicado, o que é complicado fica incompreensível. Acredite em mim, esqueça um pouco aquele que não está mais aqui e pense mais na senhora e seus filhos. Não sei infelizmente se o monsieur Vignerou lhe deixou um título de renda ou ações do Banco da França. Não, não é? A fortuna dele era essa fábrica de que ele proprietário de uma metade e o monsieur Teissier da outra; ele possuía terrenos, é verdade, mas havia pago uma boa parte deles por meio de empréstimos e hipotecas. Eu lhe recordo tudo isso por amizade, porque as mulheres devem se prevenir e se defender entre si; não tenho nenhum interesse particular nisso. Eu e ele tínhamos planejado casar nossos filhos. Não que eu tenha desistido, gostaria muito que eles se casassem, mas acho que o casamento ficou comprometido. Vai ser impossível a senhora cumprir os compromissos pecuniários que foram assumidos em seu nome, e por nada neste mundo, a senhora me compreende, a senhora é mãe, por nada neste mundo eu permitiria ao meu filho fazer um casamento insuficiente, de modo que não pudesse reclamar depois.

### MADAME VIGNERON

Faça o que mais lhe agradar, madame.

*(Pausa; momento de embaraço)*

### MADAME DE SAINT-GENIS

*(vivamente)* Adeusinho, querida madame. Faça o que lhe disse, ocupe-se dos seus interesses, podemos falar de nossos filhos em outra ocasião. Mas, pelo amor de Deus, madame Vignerou, meta na sua cabeça a recomendação mais útil e mais amigável que posso fazer para a senhora. Desconfie de todo o mundo, de todo o mundo! *(Ela se dirige para a porta do fundo, conduzida muito friamente pela madame Vignerou; a porta se abre, Teissier entra.)* Fica, eu lhe peço, não me acompanhe mais. *(Ela sai)*

## Cena 2

*(Madame Vignerou, Teissier)*

**MADAME VIGNERON**

(*chorando, lenço na mão*) Ah! que infelicidade, monsieur Teissier, que infelicidade terrível! Meu pobre Vignerón! Foi o trabalho que o matou. Por que ele trabalhava tanto daquele jeito? Ele não se apegava ao dinheiro; não gastava nada para si mesmo. Ah! ele queria ver seus filhos felizes durante a vida dele e deixar para eles uma fortuna depois que morresse.

(*Um silêncio.*)

**TEISSIER**

Foi com sua autorização, madame, que a madame de Saint-Genis foi até o escritório da fábrica para conhecer a situação da senhora após a morte de seu marido?

**MADAME VIGNERON**

Eu ignorava completamente essa visita, que eu não teria permitido.

**TEISSIER**

Meu dever era bem claro? Peguei aquela dama pelo braço e a empurrei pela porta de meu gabinete.

**MADAME VIGNERON**

A indiscrição dela não merecia outra coisa. Olha, monsieur Teissier, a madame de Saint-Genis estava aqui quando o senhor chegou, ela me falava dos negócios de meu marido. O senhor conhece os negócios dela, e os compreende melhor do que ninguém.

**TEISSIER**

Eu me ocupei de bom grado, num momento de lazer, em estabelecer a sucessão do monsieur Vignerón. Antes de tudo, o que a senhora deseja saber? Se o resultado da sucessã vai ser uma perda ou um benefício. (*movimentos de madame Vignerón*) Dos cálculos que já fiz, lápis à mão, resulta a seguinte situação geral... A senhora preste atenção... Se a fábrica for vendida...

**MADAME VIGNERON**

Por que vender a fábrica?

**TEISSIER**

Eu chegarei a esse ponto. Seus terrenos e as construções que haviam sido iniciadas, se forem igualmente vendidas...

**MADAME VIGNERON**

Vou conservar comigo os terrenos.

**TEISSIER**

A senhora não pode. Se pagar suas dívidas...

**MADAME VIGNERON**

Mas eu não tenho dívidas.

**TEISSIER**

Eu as avalio em cerca de quarenta mil francos. Entretanto, não incluo nesse valor o seu arquiteto, cujo pagamento deverá vir com a venda dos imóveis. Eu continuo. Pagas todas as despesas de registro nos cartórios...

**MADAME VIGNERON**

Então eu vou ter que pagar para poder herdar de meu marido?

**TEISSIER**

Deve pagar, sim, madame. Liquidadas as taxas gerais... entendo por taxas gerais os honorários do notário, os do depositário do ministério, as despesas imprevisas, transportes, selos, etc. Em suma, a conta que a senhora tiver aberto sob a rubrica "Liquidação do finado Vignerón, meu marido", fechada por completo essa conta, vão restar para a senhora cerca de uns cinquenta mil francos.

**MADAME VIGNERON**

Cinquenta mil francos de renda.

**TEISSIER**

Como, de renda? A senhora não ouviu o que lhe disse? Onde a senhora enxerga no que lhe disse que o Vignerón lhe deixou o capital necessário para estabelecer uma renda de cinquenta mil francos?

*(Madame Vignerón o deixa abruptamente; após ter tocado a campainha, abre a mesa-secretária com precipitação.)*

**MADAME VIGNERON**

*(escrevendo)* "Meu caro monsieur Bourdon, faça a cortesia de vir me falar o mais cedo possível, só vou ficar tranquila depois de tê-lo visto. Eu o saúdo muito honestamente. Viúva Vignerón." Cinquenta mil francos! *(Para Auguste, que entrou silenciosamente)* Entregue essa carta imediatamente.

**TEISSIER**

*(pegou uma pasta cheia de papéis)* A senhora devia prestar atenção à leitura...

**MADAME VIGNERON**

Cinquenta mil francos! *(Virando-se para Teissier e fazendo sua pasta saltar pe-*

*los ares*) – Guarde essa papelada toda, monsieur, não tenho mais negócios com o senhor. *(Ela sai precipitadamente pela porta da esquerda.)*

### Cena 3

*(Teissier)*

#### TEISSIER

*(recolhendo a papelada)* Ignorantes, incompetentes, irritadinhas, eis o que são essas mulheres! O que é que está pensando essa aí, eu me pergunto! Ela quer ficar com os terrenos, mas não vai poder. O Bourdon vai se encarregar de fazê-la compreender. Se o Bourdon conseguir levar a coisa do jeito que me prometeu, com empenho, sem fazer barulho, eu meto a mão nos imóveis que valem o dobro do que vou pagar por eles. Mas não dá para perder tempo. Esperar seria favorecer compradores e fazer o jogo da proprietária. Quando o Bourdon souber que dei o primeiro golpe vai ter de despachar todos os outros. *(Ele vai sair, Marie entra pela porta da esquerda.)*

### Cena 4

*(Teissier, Marie)*

#### MARIE

Não vá embora, monsieur, antes de ter feito as pazes com minha mãe. Ela chorou tanto, a coitada da mamãe, ela chorou tanto, que está perdendo a cabeça.

#### TEISSIER

*(voltando)* Foi muito bom que a senhorita tenha me interrompido, mademoiselle. Eu ia agora mesmo intimar madame Vigneron ao Tribunal do Comércio para ela reembolsar os adiantamentos que fiz a ela. Eu mesmo me sentiria muito envergonhado se causasse algum embaraço à sua mãe. *(Pega outra vez sua pasta e dela tira um papel.)* Faça o obséquio de entregar a ela essa continha que ela vai reconhecer imediatamente: No dia 7 de janeiro, adiantei à madame Vigneron quatro mil francos para as exéquias do seu pai; no dia 15, adiantei à madame Vigneron cinco mil francos para as despesas da casa, como ela mesma disse; no mesmo dia 15, escute isso, reembolsei uma nota promissória assinada Gaston Vigneron à ordem de monsieur Lefébure no montante de dez mil francos. Sendo seu irmão menor, a assinatura dele não valia nada. Mas a madame Vigneron não ia querer frustrar um financiador que aquele jovem tinha enganado sobre idade e recursos pessoais. *(Ele dobra o papel e o entrega a ela.)* Estou às suas ordens.

**MARIE**

Fique, monsieur, eu lhe peço para ficar. Não foi essa conta que perturbou minha mãe a ponto de ela se irritar com o senhor. Com certeza ela teria agradecido, mesmo censurando o filho como ele merecia, pelo fato de o senhor ter honrado o aval da assinatura dela.

**TESSIER**

*(surpreso, com um sorriso)* Então a senhorita sabe o que é um avalista?

**MARIE**

Meu pai me ensinou.

**TEISSIER**

Teria sido melhor ele ter ensinado ao seu irmão.

**MARIE**

Sente-se, monsieur; talvez eu seja jovem demais para falar de negócios com o senhor.

**TEISSIER**

*(de pé, sempre sorridente)* Vá em frente, fale, estou ouvindo.

**MARIE**

Eu esperava que houvesse em nossa posição uma grande mudança, mas não que ela fosse completamente perdida. Em qualquer caso, monsieur, o senhor não aconselharia nem um gesto de fraqueza nem uma atitude irracional. O que a gente deve fazer então? Examinar em que pé estamos, pedir um conselho, não tomar nenhuma resolução antes de conhecer os prós e os contras de nossa situação?

**TEISSIER**

Ah! vamos deixar de lado seus imóveis que não me interessam. Enquanto esperam o que vão fazer com a fábrica?

**MARIE**

O que aconteceria se a gente quisesse vendê-la e o senhor a comprasse?

**TEISSIER**

Ela será vendida. O caso está previsto em lei.

**MARIE**

Há uma lei para isso?



**TEISSIER**

*(sempre sorrindo)* Sim, mademoiselle, existe uma lei. Existe o artigo 815 do Código Civil que nos autoriza a ambos sair de uma associação rompida de fato pela morte de seu pai. Posso mostrar à senhorita agora mesmo. *(Tirando um livro de seu bolso.)* Veja que obra é essa: “Leis e regramentos em vigor em todo o território francês”. Nunca saio de casa sem esse livro, é um hábito que aconselho a seguir. *(Passa a ela o volume aberto numa determinada página; enquanto ela lê o artigo, ele a observa com uma mistura de interesse, prazer e zombaria.)* Então, compreendeu, senhorita?

**MARIE**

Perfeitamente.

*(Pausa.)*

**TEISSIER**

Você é mesmo a Marie, a segunda filha de Vignerón?

**MARIE**

Sim, monsieur, por quê?

**TEISSIER**

Seu pai confessava uma preferência pela senhorita.

**MARIE**

Meu pai amava todos os seus filhos igualmente.

**TEISSIER**

Entretanto, ele a considerava mais razoável que suas irmãs.

**MARIE**

Ele dizia isso às vezes, para me consolar por não ser bonita como elas.

**TEISSIER**

O que é que falta à mademoiselle? A senhorita tem belos olhos, bochechas rosadas, silhueta perfeita, todas as coisas que anunciam saúde numa mulher.

**MARIE**

Minha pessoa não me preocupa de modo algum, o que desejo é sempre passar despercebida.

**TEISSIER**

É bem a senhorita que auxilia sua mãe nos detalhes da mansão. Deve servir de secretária sempre que ela precise.

**MARIE**

Ainda não se apresentou qualquer ocasião para isso.

**TEISSIER**

Chegou a hora, senhorita. Não creio que a Madame Vigneron seja capaz de se virar sozinha com essa coisa toda e a senhorita será de grande socorro... A senhorita tem um pequeno gosto pelos negócios?

**MARIE**

Eu os compreendo quando é necessário.

**TEISSIER**

A contabilidade não lhe dá medo?

**MARIE**

Não, se eu souber o que devo fazer.

**TEISSIER**

A senhorita faz cálculos com facilidade? Sim ou não? Não quer responder? (*deixando-a.*) A senhorita deve fazer contas como um anjo.

**MARIE**

Quanto pensa, monsieur, que valem nossos imóveis?

**TEISSIER**

Seu notário poderá dizer melhor que eu. (*Voltando para perto dela.*) Sempre será preciso, mademoiselle, voltar aos meus cálculos. Sei bem o que está pensando: a fábrica é um negócio excelente, vamos conservar a fábrica. Quem pode me dizer que ela não vai poder correr perigo? Quem pode me dizer, depois de a senhorita ter manobrado habilmente, que não gostaria de vendê-la para comprá-la pela metade do preço?

**MARIE**

O que o senhor está imaginando, monsieur?

**TEISSIER**

Só imagino aquilo que eu mesmo teria feito se eu tivesse quarenta anos em vez de sessenta e poucos. Resumindo, sua necessidade de dinheiro por um lado, meus interesses sabiamente apreciados do outro nos levam à venda de

nosso estabelecimento. A situação da fábrica é bastante próspera. A morte do diretor dela foi uma ocasião excelente, que não vai se apresentar novamente, para a gente se desfazer dela, vamos aproveitar. Não tem alguma coisa a dizer sobre isso?

**MARIE**

Não vá embora, monsieur, antes de voltar a ver minha mãe; ela tá mais calma agora, vai ouvi-lo de bom grado.

**TEISSIER**

É inútil. Eu disse à madame Vigneron o que devia ser dito e a senhorita é bastante inteligente para explicar a ela o restante.

**MARIE**

*(após ter tocado a campainha)* Faça o que pedi, monsieur. Minha mãe não quis manifestar uma impaciência; indo até ela, o senhor vai dar a ela uma oportunidade de pedir desculpas.

**TEISSIER**

Pois seja, como a senhorita deseja. Quer, então, que nossas relações sejam amigáveis? Não vai ganhar nada com isso, digo de antemão. *(deixando-a)* Que idade pode ter essa mademoiselle Marie? Vinte anos, se tanto. Mas já é uma pessoa em miniatura: modesta, sensata, que se expressa adequadamente, e aquilo que seu pai não me disse: bastante apetitosa. *(Auguste entra.)*

**MARIE**

Siga o Auguste, ele vai levá-lo até minha mãe.

**TEISSIER**

*(após ter procurado um cumprimento, sem o achar.)* Um seu humilde servidor, mademoiselle.

*(ele entra pela esquerda, a um sinal que lhe faz Auguste de irem por ali.)*

## Cena 5

*(Marie, depois Blanche)*

**MARIE**

*(em lágrimas)* Papai! Papai!

**BLANCHE**

*(entrando e indo lentamente para ela)* Quem está aí com você?

**MARIE**

O monsieur Teissier.

**BLANCHE**

É aquele safado que você observa há longo tempo?

**MARIE**

Feche essa boca, minha querida, cale-se. Agora é preciso tomar cuidado por nós e não falar imprudentemente.

**BLANCHE**

Por quê?

**MARIE**

Por quê? Não gostaria de te dizer, mas se você souber hoje ou amanhã, o sofrimento vai ser o mesmo.

**BLANCHE**

Mas o que está havendo?

**MARIE**

Talvez a gente esteja arruinada.

**BLANCHE**

Arruinadas!

*(Marie abaixa a cabeça; Blanche se debulha em lágrimas, atiram-se nos braços uma da outra; separam-se, mas Blanche continua emocionada e lamuriosa.)*

**MARIE**

Fiz mal em lhe falar de uma infelicidade que não é inevitável: ainda não vejo claramente nos nossos negócios, mas eles não prometem nada de bom. É possível, entretanto, que eles se arranjem, com uma condição: se a gente for razoável, prudente, fazendo acertos com todo mundo e se resignando desde já a passar por dificuldades.

**BLANCHE**

Vocês façam o que julgarem melhor, mamãe, Judith e você, eu não vou reclamar de nada. Vou dormir até o meu casamento.

**MARIE**

Teu casamento, minha querida!

**BLANCHE**

O que é que tem meu casamento?

**MARIE**

Imagino com tristeza que teu casamento te preocupe e talvez ele nem seja mais possível.

**BLANCHE**

Você julga bastante mal o monsieur de Saint-Genis para acreditar que ele seja mais sensível a um dote do que a um coração.

**MARIE**

Os homens, quando se casam, querem as duas coisas. Mas o monsieur de Saint-Genis estaria mais interessado em um do que no outro, ele tem uma mãe que vai fazer essa conta por ele.

**BLANCHE**

A mãe dele é a mãe dele. Se ela tiver defeitos, não quero mais vê-los. Mas ela é mulher e não gostaria que seu filho não fosse leal para com outra mulher.

**MARIE**

Não é preciso, minha querida, que a infelicidade nos torne injustas e irracionais. Os compromissamentos foram recíprocos: se não podemos sustentar os nossos, o monsieur de Saint-Genis estará livre dos dele.

**BLANCHE**

Você se engana, esteja certa, você está enganada. Amanhã, eu digo amanhã, em um ano ou dez, o Georges vai se casar comigo como deseja e como deve. Não vamos falar disso. Meu casamento, vê, não se parece a tantos outros que podem ser feitos ou desfeitos impunemente, e você não sabe o pesar que me causa duvidando um minuto de sua realização. (Pausa.) Me explica um pouco como é que a gente estaria arruinada?

**MARIE**

Mais tarde; nem eu sei direito ainda.

**BLANCHE**

Quem te disse isso?

**MARIE**

O monsieur Teissier. Cuidado, digo de novo para você. O monsieur Teissier está com mamãe; acabei de reconciliá-lo com ela.

**BLANCHE**

Então estavam se desentendendo?

**MARIE**

Sim, um mal-entendido. Mamãe, num movimento de impaciência, o havia expulsado daqui.

**BLANCHE**

Mamãe fez bem.

**MARIE**

Mamãe errou e compreendeu isso imediatamente. Nossa situação é demasiado grave para que a gente a comprometa ainda mais com rompantes e imprudências. Trata-se, pense bem, Blanche, da existência de todos nós, do futuro de tuas irmãs, do teu futuro como do nosso. Por mais certa que você esteja a respeito do monsieur de Saint-Genis, um homem pensa duas vezes antes de se casar com uma moça que não tem nada. Você é a mocinha mais encantadora da terra, toda coração e sentimento: o dinheiro não existe pra você. Mas o dinheiro, veja, existe pros outros. Ele está em toda parte. Nos negócios, e nós temos negócios com o monsieur Teissier. Nos casamentos também, você vai saber disso a duras penas. É preciso que o dinheiro tenha seu preço, já que tantas desgraças acontecem por sua causa e ele fundamenta muito frequentemente as resoluções mais abjetas.

**BLANCHE**

(*à parte*) Será possível que todo jovem, apaixonado como ele diga ser, amado como ele sabe que seja, cometa uma infâmia em vez de sacrificar seus interesses?

**MARIE**

O que eu desejo, minha querida? Que esse casamento se realize, já que você vê nele sua felicidade. Mas, no seu lugar, eu estaria pronta pra tudo: encantada se ele se realizar, e resignada se ele falhar.

**BLANCHE**

Resignada! Se eu pensasse que o monsieur de Saint-Genis me tivesse escolhido por causa de meu dote, eu seria a mais envergonhada das mulheres, e se, perdido meu dote, ele hesitasse em se casar comigo, eu ficaria louca ou morreria.

**MARIE**

Então você o ama?

**BLANCHE**

Sim, eu o amo! Eu o adoro, se você quer saber! Ele é doce, terno, um menino como eu. Estou certa de que tem bom coração e que é incapaz de uma ação malévola. Você compreende, não é, que eu o queira como marido? Pois bem, se eu estivesse enganada a respeito dele, ele não mereceria meu afeto nem minha estima, seria o último dos homens, então preciso me casar com ele.

**MARIE**

(*à parte*) Ela não está raciocinando, coitadinha.

**BLANCHE**

(*à parte*) Ah! que erro a gente cometeu! Que desacertos! Você me conhece, você, minha irmã, a gente vive juntas há vinte anos sem um segredo de uma pra outra. Me diga se não sou uma boa filha, amorosa, é verdade, e muito honesta também? Jamais tive um pensamento que não pudesse dividir com você. Se eu tivesse encontrado o monsieur de Saint-Genis na rua ou em qualquer outro lugar, eu mal teria olhado. Ele veio aqui, a mão cumprimentando a de meu pai, a gente se gostou bem depressinha e mais depressa ainda a gente se viu noivos. Mamãe me recomendava mais sabedoria com relação ao meu futuro, mas era o meu futuro, eu não via nenhum perigo nem um grande mal em me entregar a ele.

**MARIE**

Vamos, se acalme, está exagerando como sempre. Você disse ao monsieur de Saint-Genis que o amava, não foi, o que é desculpável já que ia se casar com ele. Vocês seguravam suas mãos às vezes e talvez se beijassem, era um erro sem dúvida, mas que não vale a recriminação que você faz a si mesma.

**BLANCHE**

(*após ter hesitado*) Eu sou a mulher dele, está ouvindo, eu sou a mulher dele!

**MARIE**

Não compreendo o que você quer dizer.

**BLANCHE**

(*surpresa primeiro e maravilhada*) Oh! Perdão, perdão, querida irmã, pura como os anjos, eu não poderia ter falado assim com você. Esqueça o que acabei de te dizer, não tente compreender isso e não o repita para ninguém, sobretudo pra mamãe e pra Judith.

**MARIE**

Saiba que te acho meio louquinha ou então eu é que sou uma tonta.

**BLANCHE**

Sim, eu sou maluca, e você é a irmã mais bonita e encantadora com que se possa sonhar. *(Ela a abraça com efusão)*

## Cena 6

*(as mesmas, Bourdon)*

**BOURDON**

Bom dia, mademoiselles. A madame Vigneron está em casa, sem dúvida. Façam o obséquio de dizer a ela que estou esperando.

**MARIE**

Vai, minha querida. *(Blanche sai pela porta da esquerda.)*

## Cena 7

*(Marie, Bourdon, depois Madame Vigneron)*

**BOURDON**

Sua mãe acabou de me escrever dizendo estar impaciente para me ver, bem posso imaginar. Esperava que ela quisesse mesmo falar comigo.

**MARIE**

Minha mãe, monsieur Bourdon, está muito desolada e sofrendo...

**BOURDON**

Compreendo perfeitamente, mademoiselle, que, abatida como deve estar, sua mãe não se divirta em fazer visitas ou a passear pelas lojas; mas se incumbiu de fazer vir o notário, pedindo para vê-lo. A sucessão do monsieur Vigneron, muito felizmente, não apresenta dificuldades muito sérias; entretanto, seu pai deixou uma porção de terrenos que exigem ser examinados com cuidado e liquidados o mais cedo possível; a senhorita entendeu, liquidados o mais depressa possível.

**MARIE**

Aí está minha mãe.



**MADAME VIGNERON**

*(chorando, lenço na mão)* Que infelicidade, monsieur Bourdon, que terrível infelicidade! O meu pobre Vignerón! Não consigo parar de chorar dia e noite, bem sinto que não vou sobreviver a isso.

*(Um silêncio.)*

**BOURDON**

Me diga, madame, enquanto penso: foi com sua autorização que a Madame de Saint-Genis se apresentou em minha casa para conhecer a situação em que a senhora se encontrava após a morte de seu marido?

**MADAME VIGNERON**

Foi sem minha autorização, e se essa Madame de Saint-Genis lhe fizer uma outra visita...

**BOURDON**

Tranquelize-se. Recebi a Madame de Saint-Genis de maneira a prevenir que ela não volte a me procurar. A senhora expressou sua vontade de me ver, madame. Falemos pouco, falemos depressa e falemos com proveito.

**MADAME VIGNERON**

Não vou retê-lo por muito tempo, monsieur Bourdon, tenho apenas uma pergunta a fazer. É verdade, é possível que meu marido em tudo e por tudo tenha me deixado apenas cinquenta mil francos?

**BOURDON**

Quem lhe disse isso?

**MADAME VIGNERON**

O monsieur Teissier.

**BOURDON**

Cinquenta mil francos! Teissier talvez esteja sendo apressado demais. A senhora o conhece. Ele não é um homem mau, mas é um tanto bruto em questão de dinheiro. Eu espero e farei todo o possível, esteja certa disso, madame, para que lhe sobre alguma coisa a mais. (Madame Vignerón começa a chorar e vai cair no canapé; ele a segura) A senhora esperava, madame, que a sucessão de monsieur Vignerón fosse mais considerável? Quanto estimava que fosse?

**MADAME VIGNERON**

Não faço ideia, monsieur.

**BOURDON**

Entretanto a senhora deve ter imaginado quanto monsieur Vigneron deixaria para a senhora. Quando se perde o marido, essa é a primeira preocupação da viúva. *(Ele a deixa.)* O Teissier não deixa de merecer reprovação, e eu não vou deixar de dizer isso a ele, por ter jogado um número assim no ar. Os negócios não se fazem assim. Procede-se a uma liquidação pelo começo, pelas coisas mais urgentes; avança-se passo a passo; quanto se chega ao final, o que restar é o resto. *(Voltando para Madame Vigneron.)* A senhora decidiu alguma coisa, madame, sobre seus terrenos? A senhora está diante de uma necessidade imperiosa, é preciso vendê-los.

**MARIE**

E que valor o senhor acha que a gente poderia conseguir?

**BOURDON**

*(indo na direção de Marie)* Valor? Que valor, mademoiselle? Nenhum! Vocês não devem contar com nada.

**MADAME VIGNERON**

*(levantando-se)* Que vantagem haveria, então, em vendê-los?

**BOURDON**

*(voltando para Madame Vigneron)* Que vantagem, madame? A de tirar uma bola de ferro dos seus pés. Acredite, não costumo, nos conselhos que dou, me mostrar assim tão afirmativo como estou sendo nesse momento. Enquanto a senhora delibera, Catilina está às portas de Roma. Catilina,<sup>30</sup> no caso, são as hipotecas que a devoram, seu arquiteto que espera com sua cobrança, e o fisco que vai apresentar suas faturas.

*(Teissier entra pela porta da esquerda; Blanche atrás dele.)*

## Cena 8

*(os mesmos, Teissier, Blanche)*

**TEISSIER**

Bom dia, Bourdon.

---

30 Lúcio Sérgio **Catilina** [*Lucius Sergius Catilina*], 108-62 a.C., foi um militar e senador da Roma Antiga, célebre por ter tentado derrubar a República Romana, e em particular o poder oligárquico do senado.

**BOURDON**

Bom dia, Teissier. Eu estava explicando à Madame Vignerón e à sua filha a impossibilidade em que se encontram de conservar seus terrenos.

**TEISSIER**

Não tenho nada a fazer nesse caso. As senhoras não poderiam encontrar um conselheiro melhor que o senhor. Elas estão em boas mãos.

**BOURDON**

Considere, por favor, Madame, o ponto de vista em que me coloco para que não haja mal-entendido entre nós. Eu não gostaria de mais tarde me ver exposto a críticas que eu não mereceria. Limito-me a estabelecer o seguinte: o *status quo* é funesto para seus interesses, saia do *status quo*. Não digo à senhora, bem longe disso, que a situação de seus imóveis me parece excelente e que o momento seja adequado para levá-los a leilão. Não. Entretanto, apresentando esse caso sob uma luz mais favorável, e não deixarei de fazê-lo, livrando-a de escolhos, com um pouco de charlatanismo e de dinheiro, talvez cheguemos a um resultado satisfatório.

**TEISSIER**

(*à parte*) O que ele disse? O que esse sujeito está dizendo? (Baixo, para Bourbon.) Então, não estamos de acordo.

**BOURDON**

(*Baixo, para Teissier.*) Permita-me explicar. (*Dirigindo-se à Madame Vignerón.*) Veja, Madame, reflita, mas reflita rapidamente, eu a conclamo a fazê-lo. Quando tiver tomado uma decisão, deve dá-la a conhecer. (*Faz menção de se retirar.*)

**TEISSIER**

Não saia, Bourdon, sem que nos diga uma palavra sobre a fábrica.

**BOURDON**

A fábrica, meu caro Teissier, pode esperar. Eu gostaria antes de tudo de livrar a Madame Vignerón de seus terrenos. Estamos em presença de uma viúva e de quatro filhos que se veem empobrecidos de uma hora para outra, existe aí uma situação bastante interessante, não nos esqueçamos dela. (*Teissier sorri.*)

**AUGUSTE**

(*entrando, baixo, para Madame Vignerón*) Madame, o monsieur Lefort está aí.

**MADAME VIGNERON**

Faça-nos o obséquio, monsieur Bourdon, de ficar ainda um instante. O senhor vai ouvir nosso arquiteto, que talvez o faça mudar de opinião.

**BOURDON**

Estou ao seu dispor, Madame.

**MADAME VIGNERON**

(*para Auguste*) Faça o monsieur Lefort entrar e peça à senhorita Judith que venha aqui.

## Cena 9

(*os mesmos, Lefort, depois Judith*)

**MADAME VIGNERON**

(*chorando, lenço na mão*) Que infelicidade, monsieur Lefort, que terrível infelicidade! Meu pobre Vignerón! Jamais vou me consolar por essa perda que tive.

**LEFORT**

(*ele tem maneiras comuns e voz forte*) Vamos, madame, não se aflija dessa maneira; com sangue-frio e perseverança, havemos de substituir seu marido. (*Desce para o proscênio.*)

**TEISSIER**

Bom dia, Lefort.

**LEFORT**

Saudações, monsieur Teissier. (*Judith entra.*)

**MARIE**

(*para Lefort*) O senhor se interessa bastante, monsieur, pelos trabalhos que lhe foram confiados?

**LEFORT**

Sim, mademoiselle, o Vignerón não era apenas um cliente para mim, era um irmão.

**MARIE**

Estamos prestes a tomar uma decisão muito importante...

**LEFORT**

Disponha de meus cuidados. Meu tempo pertence a vocês, minha bolsa está a seu serviço. Os filhos do Vignerón são meus filhos.

**MARIE**

Se o senhor tiver qualquer esclarecimento a fazer, qualquer ideia a nos comunicar, tenha o obséquio de dizer tudo na presença desses senhores.

**LEFORT**

Estou pronto, mademoiselle. Esses senhores não me metem medo. Tenho o costume de avançar de peito aberto.

**MADAME VIGNERON**

Sente-se, por favor, monsieur Lefort.

**LEFORT**

*(sentado)* A senhora abriu meu relatório, madame? Não, não é verdade? Deixa pra lá. Ele contém uma notícia sobre os terrenos do monsieur Vignerou que expõe todo o caso de A a Z. Se eu tivesse essa notícia sob os olhos, eu seria mais breve e me faria compreender melhor.

**MARIE**

Eu posso dizê-la, monsieur, tenho de memória seu relatório.

**LEFORT**

Fico-lhe grato, mademoiselle.

*(Marie vai até a mesa-secretária, passando pela frente da mãe e de Teissier, sentados um perto do outro.)*

**TEISSIER**

*(para Madame Vignerou)* A senhora a autoriza?

**MADAME VIGNERON**

Perfeitamente.

**TEISSIER**

Ela haverá de ser mais tarde uma mulher com responsabilidades.

**MADAME VIGNERON**

É o que acredito, monsieur.

**TEISSIER**

Ela faz cálculos com facilidade?

*(Nenhuma resposta.)*

**BOURDON**

*(ele pegou o relatório das mãos de Marie e separa dele uma parte que entrega a Lefort)* É esta parte, sem dúvida, que a senhorita deseja. Se o senhor o permitir, lerei seu relatório enquanto o escuto.

*(Trocam um olhar hostil.)*

**LEFORT**

*(martelando cada uma de suas frases.)* Desde om princípio, os terrenos do monsieur Vignerou, situados na extremidade de Paris, na vizinhança de uma estação ferroviária, serviram para mil finalidades, alugados ou arrendados a baixo preço, um negócio detestável. Digamos que ele mais gastava do que ganhava com os terrenos.

**BOURDON**

Eu o interrompo. Ninguém tinha interesse em enganar o monsieur Vignerou. Ele havia comprado aqueles terrenos na esperança de que eles seriam desapropriados.

**LEFORT**

Desapropriados? Por quem?

**BOURDON**

Pela companhia férrea.

**LEFORT**

Que boa piada! Era a companhia férrea que os estava vendendo.

**BOURDON**

Tem certeza disso?

**LEFORT**

Absolutamente certo.

**BOURDON**

Talvez. Então se supunha que a Prefeitura precisaria daqueles terrenos, já que havia empreendido grandes trabalhos nos bairros periféricos. Eu me lembro agora; o que se esperava era negociar direto com a Prefeitura.

### LEFORT

Com a Prefeitura ou com o Grande Turco.<sup>31</sup> Não se deve confiar em mim para tudo o que se diz sobre esses imóveis. Eu conheço Paris de A até Z. Continuo. O monsieur Vigneron, que havia investido nos terrenos, mantenho o que disse, bem depressa percebeu a bobagem que havia feito e quis consertá-la. De que jeito? Construindo neles. Ele me procurou. Conhecia de longa data minha consciência e meu desinteresse, e não o deixei ir embora sem me contratar para as obras. Infelizmente, mal meus estudos tinham sido concluídos e as primeiras fundações iniciadas (*com uma pantomima cômica*), o Vigneron levantou acampamento para o além.

### BOURDON

Conhecemos todos esses detalhes, meu caro monsieur, o senhor só nos faria perder tempo se ficar aí contando, contando...

### LEFORT

Os herdeiros estão passando por uma situação difícil, mas podem sair dela com algum ganho. Eles têm nas mãos um homem devotado, inteligente, estimado universalmente na cidade de Paris, o arquiteto do defunto que agora se torna o arquiteto deles. Vão escutá-lo? Se recusarem os conselhos e a orientação dele (*com uma pantomima cômica*), então vai estar tudo perdido para eles.

### BOURDON

Vá direto, monsieur, ao que quer propor, sem esse fraseado todo.

### LEFORT

Vamos analisar a hipótese mais desfavorável. O monsieur Lefort, que lhes fala nesse momento, foi afastado do negócio. Respeitamos seu relatório, sem contestar nenhum artigo. O monsieur Lefort não pede nada para si. O que vai ser dos imóveis? Eu repito que eles são distantes do centro, cheios de contratos, e acrescento: gravados de hipotecas, e tantas outras razões que vão ser lembradas contra os proprietários em proveito de um comprador misterioso que só vai aparecer no último momento. (*com floreios*) Os imóveis, vamos depreciar os imóveis, vamos precipitar a venda, vamos afastar os compradores, vamos enganar o tribunal para fazer uma proposta por um preço derrisório, vamos abafar os leilões (*com uma pantomima cômica*); assim vamos reduzir as propriedades a zero.

---

31 **Grande Turco:** Título pelo qual eram conhecidos os sultões, governantes do Império Otomano (1299-1922), referido literariamente para significar alguém poderosamente rico, como em *Le bourgeois gentilhomme* de Molière e *La fortune des Rougon*, de Émile Zola.

**BOURDON**

Seja mais claro, monsieur, eu exijo que seja mais claro. O senhor diz: vamos fazer isso, vamos fazer aquilo. Quem é que vai fazer, diga, por favor? Sabe o senhor que tais manobras só seriam possíveis para uma única pessoa e o senhor está incriminando o notário que vai ser encarregado do leilão.

**LEFORT**

Esse encarregado será, por acaso, o senhor, monsieur?

**BOURDON**

Não falo por mim, monsieur, mas por todos os meus confrades atingidos por suas palavras. O senhor ataca levemente a corporação mais respeitável que eu conheço. Coloca em suspeição a própria lei na pessoa dos oficiais públicos encarregados de executá-la. O senhor faz pior, monsieur, se isso for possível. O senhor perturba a segurança das famílias. Combina verdadeiramente com o senhor produzir uma acusação como essa e nos apresentar um relatório de trinta e sete mil francos.

**LEFORT**

Eu exijo estar presente quando o senhor apresentar sua análise.

**BOURDON**

Vamos terminar, monsieur. Em duas palavras, o que é que o senhor propõe?

**LEFORT**

Já chego à minha proposta. Proponho aos herdeiros Vignerón continuar os trabalhos...

**BOURDON**

Vamos, então, era preciso dizer isso. O senhor é arquiteto, o senhor propõe continuar os trabalhos.

**LEFORT**

Me deixe terminar, monsieur.

**BOURDON**

É inútil. Se a madame Vignerón quiser ouvi-lo, é a vontade dela; mas eu, não vou escutar por mais tempo suas divagações. Que valor o senhor coloca sobre a mesa? A madame Vignerón não tem dinheiro, eu o previno, onde está o seu? Em três meses, vamos nos reencontrar no mesmo ponto, com a diferença de que sua conta, que é hoje de trinta e sete mil francos, já terá subido ao dobro do jeito que o senhor administra a questão. E não me obrigue a dizer mais nada. Eu considero suas ofertas tal como o senhor as oferece. Não quero ver



nessa coisa nenhuma combinação tenebrosa que fizesse do senhor um proprietário barato.

**LEFORT**

O que está dizendo, monsieur? Olhe na minha cara. Tenho lá jeito de quem faça alguma combinação tenebrosa? Minha palavra de honra, nunca vi um polichinelo como o senhor!

**BOURDON**

*(contendo-se, à meia voz)* Do que está me chamando, seu saltimbanco!

*(Madame Vigneron se levanta para intervir)*

**TISSIER**

Deixe, Madame. Não diga nada. Jamais se deve interromper uma conversa de negócios.

**LEFORT**

*(para a madame de Vigneron)* Eu abandono a discussão, madame. Se a senhora deseja conhecer meu projeto e os recursos de que disponho, a senhora me procure. Caso contrário, faça o obséquio de pagar o que me deve o mais cedo possível. Tenho de fazer adiantamentos a meus clientes, eu, enquanto um notário faz embrulhada com o dinheiro dos clientes dele. *(Ele se retira.)*

**TEISSIER**

Espere, Lefort, vamos fazer um trecho do caminho juntos. *(Para a madame Vigneron)* Eu a deixo com o Bourdon, madame, procure se aproveitar do que puder segurar.

**LEFORT**

*(voltando)* Eu me esquecia de lhe dizer, madame; foi com sua autorização que a madame de Saint-Genis compareceu à minha casa?...

**MADAME VIGNERON**

Ela esteve na casa de todo mundo. Eu não autorizei ninguém, monsieur Lefort, ninguém, a ir vê-lo, e se eu visse de novo essa dama...

**LEFORT**

Essa dama não vai voltar. Eu a fiz descer minhas escadas mais depressa do que havia subido por elas.

**TEISSIER**

(*para Marie*) Adeusinho, mademoiselle Marie, comporte-se bem. (*Ele a deixa e volta.*) Continue a ser o que a senhorita tem sido. Não haverá de lhe faltar um apaixonado. Se eu não fosse tão velhinho, me colocaria no início da fila.

## Cena 10

(*os mesmos, menos Teissier e Lefort*)

**BOURDON**

E então, Madame?

**MADAME VIGNERON**

Mas que erro eu cometi, monsieur Bourdon, marcando um encontro como esse.

**BOURDON**

Não vou lamentar essa discussão, madame, se ela tiver servido para esclarecer os seus interesses.

**MADAME VIGNERON**

Esqueça o que acabou de acontecer para poder ver as coisas como elas são. O monsieur Lefort é um homem muito mal educado, concordo com o senhor, mas não faltam a ele nem bom senso nem conhecimento dos negócios. No fim das contas ele me propõe o que meu próprio marido teria feito se tivesse vivido mais algum tempo.

**BOURDON**

É mesmo sério o que está me dizendo, madame? Então não me ouviu apreciar como merecem as ofertas daquele arquiteto?

**MADAME VIGNERON**

A gente poderia contratar um outro.

**BOURDON**

Esse já não é suficiente? (*Pausa.*) Aproximem-se, mademoiselles, não vão nos incomodar. A mãe de vocês está nas nuvens, ajudem-me a trazê-la para a terra. Vou explicar a situação, madame, do modo mais bonito possível. Admitamos por um instante que seus terrenos pertencem à senhora. Descarto os credores hipotecários que têm processo sobre eles. Sabem quanto custaria a conclusão das manções que mal foram iniciadas? Quatro a cinco mil francos! A senhora acha que o monsieur Lefort não tem esse dinheiro. Não conte comigo para consegui-lo. E, mesmo que a senhora o conseguisse comigo ou com outra pessoa, seria conve-

niente para uma mulher, permitam-me dizer isso à senhora, se colocar à frente de trabalhos tão consideráveis e se jogar num empreendimento cujo final não se vê? Essa questão que coloco é tão séria que, se ela fosse levada ao conselho de família que vai ser encarregado de ajudar a senhora na tutela de seus filhos menores, ele poderia se opor a que o patrimônio desses filhos, por pequeno que puder ser, fosse metido como uma aventura numa verdadeira especulação. (*Solenemente.*) Eu, membro de um conselho de família, encarregado dos interesses de um menor, me oporia. (*Silêncio.*) A senhora foi advertida, madame. Se insistir mais tempo, eu ultrapassaria os deveres de minha profissão. A senhora sabe onde está meu relatório, agora fico no aguardo de suas ordens. (*Ele sai.*)

## Cena 11

(*Madame Vigneron, Marie, Blanche, Judith*)

### **MADAME VIGNERON**

Vamos conversar um pouco, minhas filhas. Vamos falar uma de cada vez e tentemos de nos entender. O monsieur Lefort...

### **JUDITH**

(*interrompendo-a*) Oh! Esse monsieur Lefort...

### **MADAME VIGNERON**

Você ainda não sabe o que quero dizer. O monsieur Lefort talvez se exprima bastante grosseiramente, mas acredito que tem bom coração e é leal.

### **JUDITH**

Eu acho que é tudo ao contrário.

### **MADAME VIGNERON**

Por quê?

### **JUDITH**

Acho que tem cara de charlatão.

### **BLANCHE**

Sim, um pouco, a Judith não está errada.

### **MADAME VIGNERON**

Está bem. Em todo caso. Os conselhos dele me parecem preferíveis aos do monsieur Bourdon que na realidade pede para vender nossos terrenos. Qual sua opinião, Marie?

**MARIE**

Ainda não tenho uma até o momento.

**MADAME VIGNERON**

Já ouvimos bastante sobre o assunto, minha filha. Fale-nos então do monsieur Teissier.

**MARIE**

Me parece que a gente pode obter dele alguma coisa sem pressa e com respeito.

**BLANCHE**

O que está dizendo, Marie? Esse monsieur Teissier é o homem mais falso e mais perigoso que existe no mundo.

**MADAME VIGNERON**

Judith?

**JUDITH**

Não sei quem tem razão, a Marie ou a Blanche, mas, a meu ver, a gente só pode contar com o monsieur Bourdon.

**MADAME VIGNERON**

Não penso como você, minha filha. Monsieur Bourdon! Monsieur Bourdon! Tem uma pergunta que esse monsieur Bourdon devia me fazer e me parece que ele nem suspeita dela. Depois eu notei muita obscuridade em suas palavras. Essa frase dele: Catilina está às portas de Roma. *(Para Marie.)* Você compreendeu o que ele quis dizer?

**MARIE**

Sim, compreendi.

**MADAME VIGNERON**

Você compreendeu, não é verdade? Não vamos falar disso, vocês são mais sábidas que eu. Mas o monsieur Bourdon poderia ter me falado de Catilina e me perguntar se precisamos de dinheiro. Olhem para mim, meninas. Se for preciso vender os terrenos, a gente vende. O que estiver perdido, vai estar perdido. Mas escutem direito sua mãe: o que ela diz uma vez é para sempre. Eu, viva, não vou tocar na fábrica!

**MARIE**

A senhora está enganada, mamãe.

**MADAME VIGNERON**

Enquanto eu viver, ninguém toca na fábrica!

**MARIE**

O monsieur Teissier pode vendê-la amanhã mesmo. Existe uma lei que o autoriza a fazê-lo.

**MADAME VIGNERON**

Enquanto eu viver...

**MARIE**

Existe uma lei.

**BLANCHE E JUDITH**

Se existe uma lei.

**MADAME VIGNERON**

Parem de me falar nessa lei. Se eu tivesse que passar muitos dias como esse, minhas filhas, minhas forças não resistiriam; vocês não teriam mais nem pai nem mãe. *(Ela vai cair chorando no canapé.)*

**AUGUSTE**

Chegaram cartas para Madame.

**MADAME VIGNERON**

*(Para Marie)* Pegue as cartas e as leia, minha filha.

**MARIE**

É uma carta da costureira: “Madame, temos a honra de lhe remeter sua fatura de nossa Maison, tomando a liberdade de fazê-la notar que ela ultrapassa o valor ordinário de nossos créditos. Nosso caixa terá a honra de se apresentar em sua mansão amanhã. Aceite, Madame, nossas respeitadas saudações. P.S.: Pedimos sua atenção, Madame, para uma novidade em tecido, chamado “luto express, que as jovens senhoras usam bastante e que pode convir igualmente para as senhoritas.”

*(Marie abre e lê uma segunda carta.)*

**MARIE**

“Madame, monsieur Dubois a autoriza, pela presente, a sublocar seu apartamento, o que não lhe será difícil, apenas com o custo de um pequeno sacrifício. Monsieur Dubois gostaria de esperar mais, mas não pode fazê-lo. Se ele admitisse, Madame, um grande atraso por causa da morte do locatário, mon-

sieur Dubois estabeleceria em seu estabelecimento um precedente que poderia ser levado até o abuso.”

*(Terceira carta.)*

**MARIE**

“Madame, enviei-lhe na semana passada uma mensagem e seus criados responderam muito brutalmente à jovem que para sua casa eu enviara que voltasse outro dia para o pagamento. Como ninguém apareceu para dar qualquer satisfação, não sei a que atribuir um atraso que não pode se prolongar por mais tempo. Não me valho de cobradores agenciados, como a senhora sabe, nem faço cobranças pelos jornais; deixo isso para as grandes lojas de Paris, que sempre acabam recebendo o que lhe devem. Se confecciono chapéus que surpreendem pelo seu bom preço, seu frescor e sua elegância, eu o devo à minha atividade comercial e à regularidade de meu fluxo de caixa.”

*(Maria se dispõe a ler uma quarta carta; Madame Vignerón a interrompe e se põe a chorar; as jovens se entreolham sem nada dizer, balançando a cabeça em atitudes inquietas e atristadas. A cortina se fecha.)*

## Terceiro ato

*(mesmo cenário)*

### Cena 1

*(Madame de Saint-Genis, Rosalie)*

**ROSALIE**

Sente-se, Madame.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

*(hesitante e contrariada)* Não sei.

**ROSALIE**

Faça como eu disse, madame, sente-se aí, fique à vontade, põe seus pezinhos nessa almofada.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Não me apresse, Rosalie; estou pensando no que seja mais inteligente, esperar ou voltar outra hora.

**ROSALIE**

Espera, madame, me obedeça. A senhora me intrigaria com a Blanchette se deixasse a senhora ir embora sem dar um beijo nela.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

A Blanche pode me beijar mais tarde. Era ela justamente que eu vim ver e com quem queria falar seriamente. Nem imaginava que Madame Vigneron tivesse tanta gente para almoçar.

**ROSALIE**

Tanta gente, não, não tem nada de tanta gente.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Aquelas damas à mesa, é isso que você quer dizer?

**ROSALIE**

Sim.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Mas tem mais alguém lá com elas.

**ROSALIE**

Sim. (*Baixo.*) É o monsieur Teissier.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Ah! o monsieur Tissier. (*Aproximando-se de Rosalie*) Agora ele está frequentando a mansão?

**ROSALIE**

Mais do que se gostaria.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Ele é bem recebido agora?

**ROSALIE**

Deve ser assim. As senhoritas podem não gostar dele, mas a necessidade de se entenderem com ele é que importa.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Se entenderem? Com relação a quê?

**ROSALIE**

A fortuna delas.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Ah! sim, Rosalie, a fortuna delas (*deixa-a*) ou a dele.

**ROSALIE**

A senhora vai ficar, não é, madame?

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Não, eu vou embora. Não vou hesitar. O monsieur Teissier está aí, essas damas têm quais assuntos com ele? Não quero incomodar ninguém nem desvendar nenhum mistério.

**ROSALIE**

A madame vai voltar?

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Sim, eu vou voltar.

**ROSALIE**

Tem certeza?



**MADAME DE SAINT-GENIS**

Com certeza. Me escute, Rosalie. Se a madame Vigneron e suas filhas, exceto a Blanche, quiserem sair, que elas saiam, que elas não se incomodem. É apenas a Blanche que deve me esperar e com quem quero conversar de uma vez por todas. Diga a ela, então, que você, sua velha babá, que ela se acalme... que ela reflita... que ela se resigne... não é minha culpa se o pai dela morreu... ela se dê conta das dificuldades pecuniárias em que se encontra e pelas quais meu filho não pode ser responsável... ele não pode... em nenhum caso... Hein? Rosalie, compreende o que estou pedindo?

**ROSALIE**

Sem dúvida, madame, eu compreendo, mas não conte comigo pra perturbar minha pequena Blanche.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Ouça, estão chamando você, veja lá o que querem, vou pegar o caminho da saída.

**ROSALIE**

*(sozinha)* Tenho é medo dessa mulher aí. Faço o sinal da cruz toda vez que ela entra e que ela sai.

*(A terceira porta do fundo, à direita, se abre; entram Teissier, o braço dado ao de Marie, a Madame Vigneron atrás deles; Judith vem a seguir, Blanche atrás; Rosalie se acomoda para deixá-las passar; ela para Blanche, abraça-a e a beija; ela sai pela porta aberta e a fecha.)*

## Cena 2

*(Teissier, Madame Vigneron, Marie, Blanche, Judith)*

**TEISSIER**

A senhorita permite que me apoie? não tenho o hábito de almoçar tão copiosamente e com pessoas tão bonitas. *(interrompendo-se)* O que foi que eu disse à mesa?

**MARIE**

Várias coisas.

**TEISSIER**

Sobre o quê?

**MARIE**

Sobre a vida em geral.

**TEISSIER**

Falou-se dos seus negócios?

**MARIE**

Não se tratou disso.

*(Retomam sua marcha inclinando-se para a direita. Marie se solta e se distancia.)*

**TEISSIER**

*(Voltando para ela)* Elas estão bem, suas irmãs, a mais velha sobretudo, que tem mais qualidades. É a senhorita, entretanto, que prefiro. Nem sempre fui velho. Ainda sei distinguir a morena da loira. A senhorita me agrada sobremaneira, deve saber disso.

**MARIE**

Vire-se um pouco para o lado de minha mãe.

**TEISSIER**

Me diga, madame, por que monsieur Gaston, que sabe tão bem preencher notas promissórias, não almoçou com a gente?

**MADAME VIGNERON**

*(com emoção)* Meu filho está cumprindo o serviço militar.

**TEISSIER**

Ah! é soldado. É mesmo a melhor coisa que poderia fazer. Um soldado tem cama, mesa, aquecimento, tudo às custas do governo. Qual o risco que corre? Se fazer matar. Fora esse cuidado, ele não precisa de mais nada.

**MADAME VIGNERON**

Meu filho fez o que queria fazer, mais tarde vai lamentar ter decidido dessa maneira. Eu teria conversado com o senhor, monsieur Teissier, para colocá-lo na fábrica e, se essa fábrica, como acredito, não sair de suas mãos e das nossas, em alguns anos, ele teria sucedido o pai.

*(Um tempo.)*

**TEISSIER**

A senhora viu o Bourdon?

**MADAME DE VIGNERON**

Não. A gente devia tê-lo visto?

**TEISSIER**

*(embaraçado, sem responder, voltando-se para Marie)* Elas estão bem, suas irmãs são parisienses, se vê logo de cara. Não é frescura. Ninguém diria, olhando para a senhorita, que foi criada com elas. Tenho rosas no meu jardim, no verão, que não têm cores mais bonitas que as das maçãs do seu rosto. A senhorita deveria, com sua mãe e suas irmãs, visitar minha casa de campo. Vocês não são mais crianças. Não vão se chatear. Podem tomar o café da manhã antes de sair e estarão de volta para o jantar. Vocês não têm muitas distrações, vai ser um dia muito divertido.

**MARIE**

Não espere, monsieur Teissier, que a gente vá vê-lo antes de a gente conseguir alguma tranquilidade. Nossa situação, o senhor bem sabe, não melhorou nem um pouco; ela vai se complicando, isso sim. Hoje em dia somos atormentadas por antigos fornecedores que se tornaram credores muito impacientes.

**TEISSIER**

*(embaraçado, sem responder, voltando para Madame Vignerón)* Se a senhora for chamada para seus afazeres, madame, não se incomode comigo; suas mademoiselles me farão companhia até a hora de eu ir embora.

**MADAME VIGNERON**

Fique quanto tempo quiser, ninguém vai expulsar o senho. *(indo até Marie)* Você falou com o monsieur Teissier?

**MARIE**

Não, ainda não.

**MADAME VIGNERON**

É custoso para você?

**MARIE**

Sim, bastante caro. Doze mil francos, é complicado pedir tudo isso.

**MADAME VIGNERON**

Não precisa pedir, minha filha.

**MARIE**

E amanhã, mamãe, onde é que a gente vai estar, se aquela costureira mandar a cobrança por um oficial da justiça? Ela vai fazer mesmo o que disse... Três dias...

**MADAME VIGNERON**

Quer que eu os peça para o monsieur Teissier em separado para evitar uma explicação sua com ele?

**MARIE**

Não. É um momento de coragem, mamãe, vou me sair bem.

**TEISSIER**

*(sentado no canapé perto de Judith.)* Então, a senhorita se dá bem com suas irmãs?

**JUDITH**

Sim, nos damos muito bem.

**TEISSIER**

Quem é a mais sensata de vocês três?

**JUDITH**

Ah! é a Marie.

**TEISSIER**

A mademoiselle Marie. *(Olha para ela.)* Ela pensa em se casar?

**JUDITH**

Ela nunca fala nisso.

**TEISSIER**

Entretanto, ela é muito bonita.

**JUDITH**

Ela é mais que bonita. É encantadora.

**TEISSIER**

Exatamente. *(Olha para Marie uma segunda vez.)* Não é uma tripa como a maior parte das jovens, nem uma pata-choca. Tem bom caráter?

**JUDITH**

Muito bem feita de caráter.

**TEISSIER**

Tem gostos simples?

**JUDITH**

Os mais simples.

**TEISSIER**

É uma mulher para ficar em casa e cuidar de uma pessoa idosa com prazer?

**JUDITH**

Talvez.

**TEISSIER**

A gente poderia confiar a ela sem preocupação as chaves de uma mansão? (*Judith o olha com espanto.*) O que a senhorita Marie está fazendo agora? Por que ela não vem conversar comigo? (*Levanta-se; para Judith.*) Não vou continuar segurando-a aqui, mademoiselle. Vá para lá (*aponta Blanche*) para perto de sua irmã com aquela cara de quem está fazendo penitência. (*Marie se aproximou, ele se junta a ela no proscênio.*) Aquele pequeno evento que a mantém fora daqui se chama...?

**MARIE**

Uma consulta prévia, simplesmente.

**TEISSIER**

Para ajudar alguém?

**MARIE**

Uma venda para ajudar os pobres.

**TEISSIER**

Pobres? Compreendi. A senhorita trabalha para eles enquanto eles não fazem nada.

**MARIE**

Minha mãe, monsieur Teissier, me encarregou de um pedido que ela mesma não ousou fazer ao senhor.

**TEISSIER**

De que se trata?

**MARIE**

Parece que disse ao senhor antes que nossos fornecedores deram um ultimato.

**TEISSIER**

Essa gente está em seu direito, se o que reclamam é devido a eles.

**MARIE**

Infelizmente não dispomos do valor necessário para liquidar nosso débito com eles. Uma soma bastante importante. Doze mil francos. Consinta, monsieur Teissier, em nos emprestar também esse dinheiro; o senhor nos livraria de pequenas preocupações que são às vezes mais terríveis que as grandes.

*(Um tempo.)*

**TEISSIER**

Você viu o Bourdon por aí?

**MARIE**

Não; é preciso ver o monsieur Bourdon?

**TEISSIER**

A senhorita pensa com certeza que esse estado de coisas não deve durar nem para você, nem para mim. Doze mil francos que já me pede agora mais os vinte mil que já me deve, total: trinta e dois mil francos fora da minha caixa. Não arrisco nada. Sei de onde reaver essa soma. Só será preciso que ela entre na minha caixa. Você não se espante em saber que tomei minhas medidas de segurança. Não chore; não chore uma lágrima. Você estará bem velha quando tiver os olhos fundos e as bochechas encovadas. Procure conservar o que é bom para você, essas suas vantagens de seus vinte anos; uma mocinha da sua idade, fresca e florescente, só é infeliz quando quer; você me compreende, só quando ela quer ser infeliz. *(Ele a deixa bruscamente, pega seu chapéu e se dirige à madame Vignerón.)* Sua segunda filha acaba de me dizer que a senhora precisa de doze mil francos. Não diga mais nada, é inútil. Sem dúvida a senhora espera consegui-los, eu vou buscá-los. *(Sai precipitadamente.)*

## Cena 3

*(os mesmos, menos Teissier)*

**MADAME VIGNERON**

Obrigada, minha queridinha. A gente fica irracional e sem-vergonha quando é preciso conseguir algum dinheiro com esse bom velho; eu acho que no último momento eu recuaria em pedir a ele.

**MARIE**

Agora está feito.

**MADAME VIGNERON**

Judith?... Onde você vai, minha filha?

**JUDITH**

Vou deixar vocês, preciso descansar.

**MADAME VIGNERON**

Fica aqui, eu te peço.

**JUDITH**

Mas, mamãe...

**MADAME VIGNERON**

*(Imperiosamente)* Fica aqui. *(Judith obedece a contragosto e se aproxima de sua mãe.)* Nossa situação é grave, não é? Você tem interesse nela? A gente nunca vai falar o suficiente sobre isso.

**JUDITH**

Pra que ficar falando? A gente repete sempre as mesmas coisas sem tomar a menor resolução. Seria preciso uma mulher diferente de você para nos tirar do impasse em que estamos metidas.

**MADAME VIGNERON**

Me diga agora que não estou cumprindo meu dever.

**JUDITH**

Não é isso que estou dizendo. Não é sua culpa se a senhora não entende nada de negócios.

**MADAME VIGNERON**

Encarregue-se, então, você de nossos negócios.

**JUDITH**

Deus me livre! Perco a cabeça com uma soma de dois mais dois.

**MADAME VIGNERON**

Ninguém está te pedindo para fazer uma soma. O que se quer é que você esteja presente, tomar parte no que se diz e dar um conselho quando puder dar um que seja bom para a gente.

**JUDITH**

A senhora já conhece minha opinião, ela não vai mudar. A gente não vai fazer nada e não há nada a fazer.

**MADAME VIGNERON**

Mas, minha filha, e se nos roubarem?

**JUDITH**

Mas vão roubar a gente! Não é a senhora nem eu que vai impedir. Nem vai ser a Marie também. Ela precisa saber que estamos recuando um pouco para saltar mais à frente. Eu adoraria mil vezes, mil vezes, terminar já amanhã e pegar o que sobra para a gente já que deve sobrar alguma coisa. Quando o passado não mais nos ocupar, então a gente pensa no futuro.

**MADAME VIGNERON**

Você fala muito facilmente do futuro, minha filha.

**JUDITH**

Ele me preocupa, mas não me espanta. É a Blanche que acho que é quem está mais infeliz. Ela está perdendo um marido de quem ela gostava.

**MARIE**

Nada diz que ela vai perder o marido.

**JUDITH**

Ao contrário, tudo está dizendo. A Blanche não vai se casar, está claro como o dia. No lugar dela, eu não esperaria que a madame de Saint-Genis me confirmasse sua palavra.

**MADAME VIGNERON**

Veja, minha filha, quantas bobagens você disse em cinco minutos. Primeiro você me magoou, desencorajou uma de suas irmãs e está fazendo a outra chorar.

**JUDITH**

*(indo na direção de Blanche)* Te magoei?

**BLANCHE**

Não, está tudo bem. Você fala do monsieur de Saint-Genis sem conhecê-lo. Eu estava muito feliz por levar para ele um dote, eu o perdi, ele não me ama menos por isso e testemunha o mesmo desejo de se casar comigo. As dificuldades vêm de sua mãe. Uma mãe cede mais cedo ou mais tarde; a Madame de Saint-Genis vai fazer como todas as outras. *(Mudança de tom.)* Ela vai achar mais inteligente dar seu com sentimento quando vir a gente resolvido a se ca-



sar mesmo. Você tem razão, minha grande irmã, quando diz que a gente não se defende muito seriamente; mas essa decisão que nos falta em nossos negócios, eu vou ter, eu, eu te prometo, com relação ao meu casamento.

**MADAME DE VIGNERON**

Ah! minhas filhas, não compreendo você. Você fala de uma decisão, temos que tomar uma decisão, falta uma decisão, você não fala de outra coisa, e quando te proponho uma medida verdadeira, você é a primeira a discordar. Você quer, sim ou não, despedir o monsieur Bourdon e substituí-lo por outro?

**MARIE**

Por quem?

**MADAME VIGNERON**

Por quem? Pelo primeiro que aparecer. *(Para Judith.)* Por esse monsieur que nos enviou seu cartão.

**JUDITH**

Vamos contratar esse senhor, eu gosto dele.

**MARIE**

E eu me oponho a que a gente o contrate.

**MADAME VIGNERON**

E então, minhas filhas, vai ser a mãe de vocês que vai fazer vocês concordarem. Se o monsieur Bourdon ainda me disser uma palavra, uma só, que me pareça fora de lugar, eu o demito e mando procurarem esse monsieur. Onde é que está o cartão que deixou? *(Silêncio.)* Procure aí nesse móvel. Judith, e procure com cuidado. Marie, vá até o piano, o cartão deve estar lá. E você também, Blanche, faça alguma coisa, procure na lareira. *(Novo silêncio.)* Não procurem mais, minhas filhas, o cartão está aqui no meu bolso. *(Para Judith.)* Do que está rindo?

**JUDITH**

Estou rindo pensando que nossos adversários sabem o que fazem com seus instrumentos de trabalho, leis, etc.

**MADAME VIGNERON**

*(tristemente)* Você vai começar de novo?

**JUDITH**

Não, não vou começar de novo e te peço perdão. Se me empolgo, é contra minha vontade. Eu gostaria que todos esses assuntos já tivessem terminado, porque eles nos irritam, porque nos azedam, porque em vez de batalhar contra os

outros a gente fica brigando umas com as outras. Dava pra dizer que a gente se amaria mais quando estivesse mais feliz e o contrário é que é a verdade.

*(Ela beija a mãe; Marie e Blanche se aproximam; emoção geral.)*

**ROSALIE**

*(entrando)* O monsieur Bourdon, madame.

**JUDITH**

Desta vez, vou cair fora.

**MADAME VIGNERON**

Vão descansar, meninas, eu vou receber o monsieur Bourdon.

## Cena 4

*(Madame Vignerón, Bourdon)*

**BOURDON**

Minha intenção, madame, após a inutilidade de meus conselhos, era deixar as coisas andarem e fazer a senhora vir quando julgasse necessário. Não tenho nada a ver, portanto, com a má notícia que me encarregaram de comunicar à madame.

**MADAME VIGNERON**

Estou me acostumando, monsieur Bourdon, às más notícias.

**BOURDON**

É preciso, madame, é preciso. No ponto em que a senhora está, a coragem e a resignação são itens de primeira necessidade.

**MADAME VIGNERON**

Me parece, monsieur Bourdon, que meus negócios vão dar prejuízo ao senhor com relação ao pouco proveito que vai tirar deles. Falaram-me justamente de uma pessoa, muito honrada e muito inteligente, que consentiria em se encarregar deles.

**BOURDON**

Muito bem, madame, muito bem. Talvez tivesse sido mais conveniente me fazer evitar essa visita informando-me antecipadamente de sua resolução. Pouco importa. Devo enviar para cá todos os seus papéis ou alguém os vai retirar em meu escritório?

**MADAME VIGNERON**

(*perturbada*) Mas eu ainda não estou comprometida com essa pessoa; espere; nada precisa dessa pressa.

**BOURDON**

Se, madame, ao contrário, e já que a senhora encontrou um homem capaz, experiente, consciencioso, um agente de negócios provavelmente, não há tempo a perder para estudar uma sucessão de que ele não conhece uma palavra sequer.

**MADAME VIGNERON**

Quem lhe disse que se trata de um agente de negócios?

**BOURDON**

É minha impressão. Seria indiscrição perguntar à senhora o nome dessa pessoa? (*Madame Vignerón, após hesitar, tira o cartão de seu bolso e o entrega a ele; ele sorri.*) Um último conselho, madame, a senhora faça o que melhor lhe aprouver. Duhamel, cujo cartão está aqui, é um antigo advogado que teve de parar de trabalhar depois de cometer algumas malversações. Talvez a senhora ignore que, na associação dos advogados como na dos notários, asa ovelhas negras são expulsas impiedosamente. Esse Duhamel, depois dessa desgraça, estabeleceu um pequeno escritório de negócios nos arredores do Palácio de Justiça. Não sou a melhor pessoa para lhe dizer o que se passa lá, mas a qualquer tempo a senhora haverá de me dar notícias.

**MADAME VIGNERON**

Rasgue esse cartão, monsieur Bourdon, e me diga o objetivo de sua visita.

**BOURDON**

A senhora bem mereceria, madame Vignerón, que a deixasse dançar nas mãos desse Duhamel. Ele se entenderia muito bem com um outro patife da mesma espécie dele, o Lefort, por exemplo, e a sucessão de Monsieur Vignerón passaria toda para eles. A senhora está com raiva de mim porque não compartilho de suas ilusões. Por acaso estou errado? Julgue a senhora mesma. Diante de sua obstinação, que eu deploro, em conservar seus terrenos, eu devia fazer uma análise exata da situação deles. Percebi, então, estudando aquele monte de hipotecas, que uma delas estava chegando ao seu prazo final. Escrevi depressa para solicitar uma renovação do vencimento, mas recusaram. São sessenta e alguns mil francos que vai ser preciso reembolsar em curto prazo.

**MADAME VIGNERON**

O que se pode fazer?

**BOURDON**

Eu lhe pergunto. Isso não é tudo. O tempo passa, a senhora terá fundos para as despesas da sucessão?

**MADAME VIGNERON**

Mas, monsieur Bourdon, nossos imóveis, a nosso ver, não valem nada; onde não há valor algum, o registro não pode exigir seja o que for.

**BOURDON**

Está errada, madame. O registro não se engana numa sucessão; ele taxa o direito dele sobre o que ele vê, sem se preocupar com o que devia ter visto.

**MADAME VIGNERON**

O senhor tem certeza disso?

**BOURDON**

Mas que pergunta me está fazendo, senhora? Meu último atendente, um garoto de doze anos, sabe essas coisas tão bem como eu. Veja como somos infelizes com clientes como a senhora, muito respeitáveis sem dúvida, mas tão ignorantes. Se esse ponto, por um lapso qualquer, não tivesse sido tratado por nós, mais tarde, nas contas que lhe serão prestadas após a venda dos imóveis, o que é inevitável, a senhora encontraria: direitos de registro, tanto; quem sabe a senhora diria: o monsieur Bourdon colocou essa grana no bolso.

**MADAME VIGNERON**

Eu jamais pensaria uma coisa dessas.

**BOURDON**

Eh! Madame, a senhora tem alguma suspeita de que eu não cumpra meus deveres para com a senhora em toda sua extensão. Essa presunção é bastante grave. Mas deixemos de lado. Enquanto a senhora se agita sem concluir nada, o Teissier, com seus modos de homem de negócios, deu um passo para a frente. Colocou a fábrica nas mãos de gente esperta, esses senhores terminaram seu relatório, em suma, o Teissier acaba de me enviar a ordem de venda de seu estabelecimento.

**MADAME VIGNERON**

Não acredito no senhor.

**BOURDON**

Como, Madame, não acredita em mim? *(Ele tira uma carta de seu bolso e a entrega a ela.)* A letra do Teissier é facilmente reconhecível; ele não coloca pontos nos i, como de hábito.

**MADAME VIGNERON**

Me dê essa carta, monsieur Bourdon.

**BOURDON**

Não vejo o que a senhora poderá fazer com ela e ela deve ficar no meu dossiê.

**MADAME VIGNERON**

Eu a devolvo hoje mesmo ao senhor se o monsieur Teissier persistir em sua resolução.

**BOURDON**

Como a senhora quiser.

**MADAME VIGNERON**

O senhor ignora, monsieur Bourdon, que nossas relações com o monsieur Teissier se tornaram muito amigáveis.

**BOURDON**

E por que não o seriam?

**MADAME VIGNERON**

Minhas filhas agradaram a ele.

**BOURDON**

Isso é bom, madame, isso é muito bom.

**MADAME VIGNERON**

Ele almoçou hoje aqui.

**BOURDON**

Eu estaria surpreso se a senhora tivesse almoçado na casa dele.

**MADAME VIGNERON**

Bom, nós comunicamos ao monsieur Teissier os nossos embaraços, e ele consentiu em nos adiantar uma soma de dinheiro bastante importante, que aliás nem é a primeira.

**BOURDON**

Por que a senhora pede dinheiro ao Teissier? Eu não estou aqui não? Eu lhe disse, madame; a senhora não teria comigo quatrocentos ou quinhentos mil francos para construções imaginárias. O Teissier não os ofereceria, tenho certeza. Mas sou eu, é o seu notário que deve cobrir suas necessidades concretas diárias, e a senhora me teria dado prazer de não esperar para fazer o que lhe digo.

**MADAME VIGNERON**

Me perdoe, monsieur Bourdon, duvidei do senhor por um instante. Não me culpe, minha cabeça fica perdida em todas essas complicações e o senhor tem mesmo razão em me dizer, sou sim uma ignorante. Se eu me ouvisse, ficaria no meu quarto chorando meu marido; mas o que diriam de uma mãe que não defende o bem de seus filhos?

*(Ela soluça e vai cair chorando no canapé.)*

**BOURDON**

*(aproximando-se dela, à meia voz)* Faço questão de conseguir que o Teissier adie por um tempo a venda da fábrica, mas com uma condição: a senhora vai se livrar de seus terrenos. *(Ela o olha fixamente.)* Essa condição, muito conveniente para a senhora, a senhora compreende bem porque a indico. Não pretendo me incomodar inutilmente e servir a seus interesses num ponto enquanto a senhora os compromete em outro.

*(Pausa.)*

**MADAME VIGNERON**

*(para Rosalie, que entrou)* O que foi, Rosalie?

**ROSALIE**

É um tal monsieur Merckens que vem ver a senhora, madame.

**MADAME VIGNERON**

*(levantando-se)* Faça-o entrar, Rosalie. *(Para Bourdon)* O monsieur Merckens vai fazer companhia ao senhor um instante, enquanto vou consultar minhas filhas.

**BOURDON**

Vá, madame, vá consultar suas filhas. *(Ela sai pela porta da esquerda.)*

## Cena 5

*(Bourdon, Merckens)*

**MERCKENS**

*(entrando)* Olá, monsieur Bourdon.

**BOURDON**

Bom dia, rapaz. *(apertam-se as mãos)* O que houve com você depois daquele jantar tão ruim?

**MERCKENS**

O jantar nem estava tão ruim, só que depois aconteceu aquela droga de espetáculo.

**BOURDON**

Com efeito. O coitado daquele monsieur Vigneron bater as botas bem na nossa frente...

**MERCKENS**

Que ideia teve o senhor de me levar ao restaurante naquele dia?

**BOURDON**

Você mesmo me deu a ideia. Você me tinha dito, quando chegamos, debaixo do pântico de entrada de minha casa: Entrar em casa, de gravata branca e o estômago vazio, não gosto nada disso. Eu lhe respondi: Vamos jantar, faremos alguma coisa depois. Pois bem! Comemos tanto e daqui ó que a gente só queria ir dormir. Veja você, sempre somos mais sensíveis do que pensamos à morte dos outros e sobretudo quando a morte é violenta; a gente pensa, apesar de tudo, que um acidente semelhante pode acontecer com a gente no dia seguinte e não tem nenhuma vontade de rir.

**MERCKENS**

Está esperando a madame Vigneron?

**BOURDON**

Sim, não tinha que esperar não, mas a madame não é uma cliente comum para mim, tenho que mimá-la. Você não dá mais aulas aqui, suponho!

**MERCKENS**

A mademoiselle Judith as interrompeu após a morte do pai.

**BOURDON**

Se acredita em mim, não deve mais contar com essa aluna e tratar de arranjar suas moedas em outro lugar.

**MERCKENS**

Por quê?

**BOURDON**

Veja se me entende... As circunstâncias novas em que se encontra essa família vão exigir dela grandes economias em seu orçamento.

**MERCKENS**

Não!

**BOURDON**

Sim.

**MERCKENS**

É sério?

**BOURDON**

Muito sério.

*(Um tempo.)*

**MERCKENS**

Mas o monsieur Vigneron era rico.

**BOURDON**

O monsieur Vigneron não era rico; ele ganhava dinheiro, só isso.

**MERCKENS**

Ele não desperdiçava nada.

**BOURDON**

Mas se aventurava, o que era pior.

**MERCKENS**

Eu achava que aquele gorduchinho deixaria uma fortuna para a esposa e os filhos.

**BOURDON**

Uma fortuna! Você me faria um grande favor se me dissesse onde está essa fortuna. A família Vigneron, de um momento para o outro, vai se ver numa situação muito precária e posso te dizer, sem macular meu devotamento por ela, que se ela tiver um pão velho é graças a mim que o vai comer.

**MERCKENS**

Não é possível!

**BOURDON**

É isso aí, meu jovem. Guarde essa confidência para si, e se aproveite da informação, se ela puder ser útil para você.



*(Um tempo.)*

**MERCKENS**

*(entre dois tons)* O que é que diz o pessoal da mansão?

**BOURDON**

O que você quer que eu diga?

**MERCKENS**

Todas essas mulheres não deviam estar alegres?

**BOURDON**

O que está acontecendo não é para ficar sorrindo.

**MERCKENS**

É para chorar?

**BOURDON**

Já estão chorando.

**MERCKENS**

*(sorrindo para ele)* Me faça um favor. O obséquio de dizer à madame Vigneron que eu só tinha um minuto, que sinto muito desapontá-la e que volto para vê-la num dia próximo.

**BOURDON**

Vai voltar pelo menos?

**MERCKENS**

Não garanto nada não.

**MERCKENS**

Então, fica, rapaz, já que está aqui. Vai desistir de ouvir essa coitada e ela vai ficar agradecida com esse pequeno momento de complacência; ela desconfia que sua infelicidade não interessa a ninguém.

**MERCKENS**

O senhor tem certeza que a mademoiselle Judith não vai retomar as lições?

**BOURDON**

Absoluta.

**MERCKENS**

Você não vê no futuro nenhuma chance de a madame Vigneron e suas filhas voltarem a alguma posição?

**BOURDON**

Não vejo nada.

**MERCKENS**

Vou me mandar mesmo. Melhor assim. Não são umas bobagens que poderia dizer à madame Vigneron que vão consolá-la. Eu me conheço. Sou bem capaz de soltar uma besteira, ao passo que você, com seus hábitos consumados, vai encontrar seja o que for para me desculpar. Hein?

**BOURDON**

Como você quiser.

**MERCKENS**

Obrigado. Adeusinho, Bourdon.

**BOURDON**

Adeus.

**MERCKENS**

*(voltando)* Até que horas fica hoje no seu escritório?

**BOURDON**

Até às sete horas.

**MERCKENS**

Venho te pegar um dia desses e vamos ao teatro juntos. Fica bem pra você?

**BOURDON**

Perfeito.

**MERCKENS**

O que vai ser: música erudita música de cabaré?

**BOURDON**

De cabaré.

**MERCKENS**

Cabaré! São as bezerrinhas que você quer ver. Mas veja só: espero que desta vez a gente não tenha nenhum ataque apoplético para estragar nossa noitada. Até à vista!

**BOURDON**

Até à vista, meu rapaz!

*(Merckens sai pela porta do fundo enquanto Madame Vignerón entra pela esquerda.)*

## Cena 6

*(Bourdon, Madame Vignerón)*

**MADAME VIGNERON**

É o monsieur Merckens que está saindo sem me esperar. Por quê?

**BOURDON**

O rapaz estava muito embaraçado, madame: compreendeu, ao me ver aqui, que a senhora tinha outra coisa a fazer antes de o receber e preferiu deixar sua visita para uma melhor ocasião.

**MADAME VIGNERON**

Ele está enganado. Eu acabava de prevenir minhas filhas para o receberem no meu lugar.

**BOURDON**

E então, madame, essa conferência com suas filhas levou a algum resultado?

**MADAME VIGNERON**

Nenhum, monsieur Bourdon.

**BOURDON**

O que a senhora ainda está esperando?

**MADAME VIGNERON**

Não vamos fazer nada antes de ter tornado a ver o monsieur Teissier.

**BOURDON**

E o que espera que ele diga à senhora?

**MADAME VIGNERON**

As intenções dele não são duvidosas, é verdade. Hoje como ontem, ele quer vender nosso estabelecimento. Entretanto, essa atitude é tão desastrosa para nós que ele não ousa vir falar-nos ele próprio sobre a venda. Vamos colocar o monsieur Teissier contra a parede, e não vamos esconder dele que estaria cometendo uma ação ruim.

**BOURDON**

Uma ação ruim é um modo ruim de dizer. Eu duvido muito, madame, que usando essa linguagem com seu adversário, a senhora se arrisca a deixá-lo emocionado.

**MADAME VIGNERON**

Não sou eu que vou falar com o monsieur Teissier. Perdi a paciência uma vez, ela bem poderia me faltar uma segunda. No máximo, na forma que estão tomando nossos negócios, agora eu deixaria que eles terminassem do jeito que terminarem, sem que uma de minhas filhas demonstre mais perseverança do que temos, suas irmãs e eu. Justamente o monsieur Teissier parece ter alguma boa disposição com relação a ela, talvez ela consiga fazê-lo tomar uma determinação diferente.

**BOURDON**

Desculpe, o Teissier, a senhora disse, ficou amigo de uma de suas filhas?

**MADAME VIGNERON**

Acredito que sim.

**BOURDON**

Qual delas?

**MADAME VIGNERON**

A segunda, a Marie.

**BOURDON**

E, quanto a ela, a mademoiselle Marie é sensível às simpatias que o monsieur Teissier dedica a ela?

**MADAME VIGNERON**

No que está pensando, monsieur Bourdon? O senhor está achando que eles vão se casar?

**BOURDON**

Espere, madame. O Teissier estaria disposto a se casar com sua filhota, ela não faria mal em casar; o Teissier não é mais jovem, a senhora sabe; ele está numa idade agora em que a menos incômoda doença pode se tornar mortal; se essa afeição súbita que ele sente por sua filha o levasse a tomar mais tarde algumas resoluções em favor dela, talvez a senhora ganhasse em não irritar um velhinho para viver com ele nos melhores termos.

**MADAME VIGNERON**

Não esperamos nada do monsieur Teissier. Que ele viva o maior tempo possível e que ele faça de sua fortuna o que ele quiser. Mas essa fábrica que ele

resolveu vender pertence a nós, mais do que a ele. Ele está abusando do direito que lhe dá a lei, podendo assim dispor segundo sua conveniência da obra de meu marido e da propriedade de meus filhos.

**BOURDON**

Não vou insistir mais.

**ROSALIE**

*(entrando)* O monsieur Teissier está aí, madame.

**MADAME VIGNERON**

Espere um pouco, Rosalie. *(Para Bourdon)* é preciso que os senhores se encontrem aqui?

**BOURDON**

Sim, eu preferiria. Me compreenda bem, madame. Eu sigo as ordens do Teissier tanto quanto as suas, não faço qualquer diferença entre os dois. Desejo apenas que se chegue a algum ponto, que se determine o que eu deva fazer.

**MADAME VIGNERON**

Está certo. Vou mandar minha filha para o senhor.

*(Ela sai pela esquerda, indicando a Rosalie que faça Teissier entrar.)*

.

## Cena 7

*(Bourdon, Teissier)*

**BOURDON**

Ora, é o senhor que está aí?

**TEISSIER**

Sim, em pessoa.

**BOURDON**

Cada coisa que a gente vê. Faz tempo não via o senhor por aqui.

**TEISSIER**

Tenho feito algumas visitas à mansão. E daí?

**BOURDON**

O senhor é hostil nos negócios com essa família e se senta à mesa dela?

**TEISSIER**

O que há de errado se os meus movimentos não frustram os seus?

**BOURDON**

Minha situação não é nada cômoda, o senhor a torna ainda mais difícil.

**TEISSIER**

Faça tudo como combinamos, Bourdon, o senhor me entende; não se preocupe com o que faço.

**BOURDON**

A mademoiselle Marie vai conseguir do senhor tudo o que ela quiser.

**TEISSIER**

A mademoiselle Marie não vai conseguir nada.

**BOURDON**

Parece que o senhor tem um fraco por essa mocinha?

**TEISSIER**

Quem te disse isso?

**BOURDON**

A mãe dela.

**TEISSIER**

O que ela está tramando?

**BOURDON**

Se prepare para um cerco em regra por parte de sua ingenuazinha;

**TEISSIER**

Contamos com ela, te previno, para tirar o melhor do senhor.

**TEISSIER**

Pega teu chapéu, Bourdon, e volta ao seu escritório.

**BOURDON**

Pois que seja! Como o senhor deseja! (*voltando para Teissier*) Não espero mais, hein, e coloco os ferros no fogo?

**TEISSIER**

Perfeito! (*segurando Bourdon*) Escuta, Bourdon. Já contei ao senhor minha con-

versa com o Lefort? Tínhamos ali, na nossa mão, um aliado muito conveniente que era fácil de manejar, não é? Ele vai acabar cheio de construções.

**BOURDON**

Como! O senhor tratou com o Lefort, após aquela cena deplorável em que ele nos insultou a ambos?

**TEISSIER**

O senhor ainda está pensando naquilo! Se a gente não visse mais as pessoas, meu amigo, por causa das injúrias trocadas com elas, não existiria relações possíveis.

**BOURDON**

Mas, no fim das contas, o negócio é seu. Não sei porque me preocupo com isso. Eu te prometi os terrenos, você os terá. O resto não me interessa. (*Marie entra; ele vai até ela; à meia voz.*) Eu a deixo com o Teissier, mademoiselle; trate de convencê-lo, uma mulher às vezes tem êxito onde nós fracassamos. Se a senhorita conseguir alguma coisa com isso, será mais feliz e mais hábil que eu.

## Cena 8

(*Teissier. Marie*)

**TEISSIER**

Aqui está o dinheiro que a senhorita me pediu. Ele se destina, como disse, a fornecedores. A senhorita mesma deve recebê-los. Examine os relatórios que vai receber, não tema ir reduzindo o valor assim que for sendo possível e tome cuidado sobretudo para não pagar duas vezes a mesma conta. (*segurando Marie*) Onde está meu recibo?

**MARIE**

Vou entregá-lo em seguida.

**TEISSIER**

Eu gostaria de recebê-lo com uma mão enquanto lhe dou o dinheiro com a outra. Nesse momento estou a descoberto. (*Ela vai até o móvel-secretária e coloca o dinheiro numa gaveta; ela volta. – Momento de silêncio.*) A senhorita tem algo a me dizer e também tenho algo a lhe dizer. Venha sentar-se perto de mim, por favor, e conversemos como um casal de amigos. (*Eles se sentam.*) O que a senhorita pensa fazer?

**MARIE**

Não compreendi sua pergunta.

**TEISSIER**

É bastante simples, entretanto, a minha pergunta. Eu lhe disse anteriormente que você receberia de volta cinquenta mil francos. Eles não vão mais voltar para a senhorita. A senhorita não espera manter esse apartamento e dar jantares frequentemente até seu último escudo. O que é que a senhorita pensa fazer?

**MARIE**

Um parente de mamãe que mora no interior ofereceu a gente se mudar para perto dele.

**TEISSIER**

Seu parente é como todos os parentes; ele fez essa proposta à senhorita pensando que vocês contribuiriam com sua parte; ele não mais manterá a proposta quando tiver de pagar por vocês.

**MARIE**

Vamos ficar em Paris então.

**TEISSIER**

O que vai ser de vocês em Paris?

**MARIE**

Minha irmã mais velha está pronta, assim que puder, para dar aulas de música.

**TEISSIER**

Pois bem, sua irmã mais velha, se ela fizer isso, vai acabar sustentando sua família; ela vai querer que seus ganhos sejam dela, e ela vai ter razão.

**MARIE**

Mas eu também pretendo me ocupar.

**TEISSIER**

Com quê?

**MARIE**

Com quê? Ainda não sei. O trabalho para uma mulher é tão difícil de achar e rende tão pouca coisa.

**TEISSIER**

Olha o que eu gostaria de dizer para a senhorita fazer. (*Pausa; retoma com hesitação e embaraço.*) Conheço uma casa onde, se a senhorita quiser, poderia se estabelecer. Teria lá habitação, mesa, todos os meses uma pequena soma que poderia economizar para mais tarde, não teria que se preocupar com a senhorita.



**MARIE**

Que casa?... A sua?

**TEISSIER**

*(com um meio-sorriso equívoco.)* A minha.

**MARIE**

*(depois de uma marca de emoção, não sabendo o que deve compreender nem o que deve responder.)* O que o senhor me propõe não é possível; primeiro minha mãe não deixaria que me afastasse dela.

**TEISSIER**

Hm, duvido que sua mãe criasse dificuldades; mas a senhorita já tem idade para não ouvir ninguém e calcular seus próprios interesses.

**MARIE**

Eu lhe disse não, monsieur Teissier, não.

**TEISSIER**

Então a senhorita se sentiria confortável em deixar sua família em dificuldades, mas livrar-se delas sozinha? É bem o que eu gostaria de sentir.

**MARIE**

Não é o que eu gostaria de sentir.

**TEISSIER**

Que vantagem a senhorita vê em todos chafurdarem, em vez de procurar a sorte de um jeito ou de outro?

**MARIE**

A vantagem seria a gente não se separar. *(Deixando-o)* Às vezes a gente se felicita por ter consolações por perto. A gente se perturba menos com certas surpresas que em outra ocasião desconcertariam a gente.

*(Pausa.)*

**TEISSIER**

Faz algum tempo já que venho aqui. Não me afasto dos negócios sem alguma razão séria. A senhorita não é tonta e tem bons olhos. Já deve ter entendido alguma coisa.

**MARIE**

Minha atenção está em outra parte.

**TEISSIER**

Onde é que ela está?

**MARIE**

Só tenho olhos para minha família. Não vejo que a sorte a favoreça depois de tudo o que perdeu.

**TEISSIER**

*(com um sorriso)* A senhorita pretende então me enganar e extorquir alguma concessão para seu futuro?

**MARIE**

Oh! Monsieur Teissier, já tenho sofrimento suficiente sem que o senhor o venha aumentar ainda mais. O senhor quer saber o que pensei, vou dizê-lo. Pensava que o senhor não era mais jovem, que vivia triste e bastante isolado, que não tinha filhos e que se agradava com os filhos dos outros; essas eram as reflexões que eu tinha feito. O senhor tem razão, entretanto, eu reconheço. A gente quase não o via antes da morte de meu pai, a gente não considerava que deveria passar a vê-lo depois. Era preciso aceitar as coisas como ele as havia deixado, defender bravamente nossa parte e nos dizer que no fim das contas as mulheres jamais são infelizes quando se amam, quando são corajosas e se seguram as mãos.

*(Pausa.)*

**TEISSIER**

Quem são as pessoas aqui? Você, sua mãe e suas duas irmãs.

**MARIE**

E Rosalie.

**TEISSIER**

Quem é essa Rosalie?

**MARIE**

Uma santa criatura que nos criou a todas.

**TEISSIER**

Como é que vocês fazem para manter seus criados, eu jamais pude contratar um só que fosse. Vocês são quatro pessoas, essa Rosalie não conta. É gente demais, infelizmente, você deve compreender. Eu não posso, por causa de uma amiguinha que quero ter, me encarregar também de sua família toda, o que ia me encher o saco.

**MARIE**

Ninguém está lhe pedindo coisa alguma e nem pensa nisso,

**TEISSIER**

Eu não queria dizer, mas você adivinhou. Quando se é jovem não se lamenta por estar sozinho por um tempo tão longo; na minha idade é uma merda e falta de juízo.

**MARIE**

Se o senhor está sozinho é porque assim o quis.

**TEISSIER**

A senhorita acha que eu deveria me casar?

**MARIE**

Não vai ser preciso o senhor se casar para ter gente ao seu redor. O senhor tem parentes.

**TEISSIER**

Parei de ver meus parentes para me colocar ao abrigo de seus pedidos de dinheiro; morrem de fome aqueles lá. – Eu gostaria muitíssimo de me ligar a um pessoa simples, doce e centrada, que se comportaria decentemente em minha mansão e não roubaria nada dela. Talvez eu visse mais tarde se deveria me casar com ela. Mas vocês são todas umas cabritas antes do casamento e não se sabe no que vão se tornar. Eu regraria minha conduta como a dela; enquanto eu vivesse ela não seria infeliz e não teria que se lamentar depois que eu morresse; casada ou não casada, seria a mesma coisa para ela.

**MARIE**

Levante-se, monsieur Tessier, e vá embora. Não quero me sentir perto do senhor nem mais um minuto. Acredito que o senhor é um infeliz e o lamento. Acredito que sua proposta foi honesta e aceitável e agradeço por ela. Ela poderia, no entanto, ocultar uma segunda intenção, uma segunda intenção tão odiosa que meu coração se convulsiona só em suspeitar dela. Vá embora.

**TISSIER**

*(em pé, embaraçado, balbuciante.)* Vamos ver então o que você tem a me dizer.

**MARIE**

Nada, nada, nada! Eu teria vergonha agora de falar ao senhor de minha família; teria vergonha por ela e por mim. O senhor reflita. O senhor há de se perguntar quem foi meu pai e não deve nada à probidade dele, ao trabalho dele, à memó-

ria dele. *(Ela se dirige vivamente até a mesa-secretária, retira dali o dinheiro e o entrega a ele.)* Tome de volta seu dinheiro. Pegue-o sem vergonha. O Monsieur Bourdon acaba de se colocar à nossa disposição e encontraremos na casa dele o que não poderíamos pedir ao senhor. Vá embora, já lhe disse. Saia daqui ou vou chamar a Rosalie para que o ponha porta afora. *(Pausa; Rosalie entra.)*

**ROSALIE**

Aquela Madame de Saint-Genis está aí.

**MARIE**

Deixe que ela entre.

**ROSALIE**

O que é que você tem, filhota, está tão vermelha! *(Olhando Marie e Teissier alternadamente.)* Ele não te disse nada demais, não é? Eu espero.

**MARIE**

Faça entrar a Madame de Saint-Genis.

**TEISSIER**

Eu a deixo, mademoiselle. Vou dar uma passada no Bourdon para ver se resta um meio de arranjar as coisas; mas não conte com isso. Seu servidor às suas ordens.

**ROSALIE**

Não é nada inteligente deixar uma menina tão jovem com um homem dessa idade.

*(Madame de Saint-Genis, entrando, cruza com Teissier saindo.)*

## Cena 9

*(Marie, Madame de Saint-Genis)*

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Bonjour, mademoiselle. Não venho mais aqui sem reencontrar o monsieur Teissier. Seria um bom sinal? A senhorita chegou a se entender com ele?

**MARIE**

Não, madame.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Bah! Eu acreditava o contrário.

**MARIE**

Por quê?

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Um velhinho como ele deve se divertir numa mansão como a sua.

**MARIE**

O monsieur Tissier veio aqui hoje pela última vez.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Lamento pela senhorita e não tenho nenhum interesse nisso. Sua irmã está em casa?

**MARIE**

Sim, madame.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Faça o obséquio de mandar dizer a ela que estou aqui. Não incomode a madame Vignerón, seria inútil, eu posso falar com ela numa outra vez. Gostaria de falar com a mademoiselle Blanche.

**MARIE**

Ela vai vir.

## Cena 10

*(Madame de Saint-Genis)*

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Eu definitivamente prefiro ter uma explicação com essa jovem e declarar alto e bom som que seu casamento não foi adiado, mas sim que foi rompido. É preferível pra ela que ela saiba em que se agarrar e de minha parte vou ficar mais tranquila também. Vi o momento em que pela primeira vez na vida dele o Georges resistiria a mim. Ele gostava da pequena, queria se casar com ela. Felizmente um outro casamento foi oferecido a ele e lhe dei uma opção: ou me obedecer ou não mais me ver; ele cedeu. Mas vá lá confiar num jovem de vinte anos, aquele bandido! E aquela avoadada que não podia esperar até o sacramento, tanto pior para ela.

## Cena 11

(*Madame de Saint-Genis, Blanche*)

**BLANCHE**

Ah! como estou contente em vê-la, madame.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Bom dia, minha filha, bom dia.

**BLANCHE**

Me beije.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Com prazer.

**BLANCHE**

Eu adoro a senhora, madame. Madame sabe disso.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Vamos, querida Blanche, tenha calma. Hoje eu vim para conversar seriamente com você; me escute, então, como gente grande que você é. Na sua idade, já é hora de ter um pouco de raciocínio. (*Elas se sentam.*) Meu filho te ama, minha filha; eu o digo francamente, ele te ama muito. Não me interrompa. Sei muito bem, meu Deus, que do seu lado você sente alguma coisa por ele; uma emoção, viva e ligeira, como as mocinhas experimentam quando veem um rapaz bonito.

**BLANCHE**

Ah! madame, como a senhora rebaixa um sentimento muito mais sério.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Está certo, me enganei. É muito bonito o amor, bastante vago e bastante poético, mas uma paixão, por grande que seja, não dura nunca muito tempo e não leva a grande coisa. Eu sei o que estou dizendo. Não se paga com essa moeda ao mesmo tempo o dono da padaria e o padeiro. Eu não tenho fortuna, você bem sabe; meu filho só tem de seu aquele posto no exército; circunstâncias que deploro comprometeram a situação de sua família e talvez vão reduzi-la a nada. Nessas condições, eu lhe pergunto, minha filha, seria inteligente consumir um casamento que se apresenta sem nenhuma garantia?

**BLANCHE**

(*vivamente*) Esse casamento deve ser feito, madame, e ele vai ser realizado.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

*(com doçura)* Ele vai acontecer, se eu quiser.

**BLANCHE**

Sim, madame, a senhora vai consentir nele. Existem afetos tão sinceros que nem uma mãe tem o direito de os desunir. Existem compromissos tão sérios que um homem perde sua honra se não o exercer efetivamente.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

De que compromissos está me falando? *(Silêncio.)* Eu reconheço, se é isso que você quer dizer, que um projeto de casamento existia entre você e meu filho; mas ele estava submetido a certas condições e não é culpa minha se você não as pode preencher. Eu gostaria, minha filha, que você fizesse essa reflexão. Eu gostaria que você passasse silenciosamente por uma situação nova, que ninguém está forçando, mas que muda obrigatoriamente as esperanças de cada um.

**BLANCHE**

O Georges não me fala dessa maneira, madame; as esperanças dele continuam as mesmas. A perda do meu dote não atingiu um minuto sequer e o acho cada vez mais impaciente para se casar comigo.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Vamos deixar meu filho de lado, por favor. Ele ainda é bastante jovem, constato isso todos os dias, para saber o que faz e o que diz.

**BLANCHE**

O Georges tem vinte e três anos.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Vinte e três anos, esse é o problema!

**BLANCHE**

Nessa idade, madame, um homem tem suas paixões uma vontade e direitos.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Você quer falar de meu filho, então vamos falar dele. Você parece estar bem segura de seus sentimentos, eu as julgo de modo diferente. Situado como está, o coitadinho, entre uma afeição que lhe é cara e o futuro que o preocupa, ele está incerto, hesitante.

**BLANCHE**

*(levantando-se precipitadamente)* A senhora quer me confundir, madame.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Não, não, minha filha, não, não a estou confundindo. Faço com meu filho reflexões sérias e ficaria triste se ele não as seguisse. Vou mais longe. Como podemos saber o que se passa no recôndito da cabeça dos homens? O Georges não é mais sincero do que nenhum outro. Talvez espere que uma ordem minha possa tirá-lo de uma situação que o deixa confuso.

**BLANCHE**

Pois então dê a ele essa ordem.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Ele a seguiria.

**BLANCHE**

Não, madame,

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Ele a seguiria, sim, mesmo a contragosto, eu asseguro a você.

**BLANCHE**

Se a senhora o fizesse, seu filho faria à senhora a confissão de que discordava de sua ordem por respeito a mim.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Que confissão? (*Silêncio.*) Vamos, vejo claramente que você não imitaria por muito tempo minha reserva. Poupe uma confidência mais do que delicada. Eu sei tudo. (*Blanche, confusa e corada, corre para Madame de Saint-Genis e se deixa cair, a cabeça nos joelhos; ela volta a falar, acariciando-a.*) Não quero saber, minha filha, quem entre vocês dois puxou o outro. Fui eu, foi sua mãe, fomos nós as culpadas, por deixarmos juntas duas crianças que necessitavam vigilância. Veja você que não dou mais importância do que merece a um momento de descuido que a natureza primeiro, depois sua juventude e as circunstâncias, justificam suficientemente. Você devia desejar que esse erro permaneça secreto, meu filho é um homem honrado que não vai trair você. Bem firmado esse ponto, é indispensável que um e outro de vocês perca toda a vida por uma inconseqüência que seria melhor esquecer?

**BLANCHE**

(*levantando-se*) Nunca.

(*Pausa.*)



**MADAME DE SAINT-GENIS**

*(ela se levanta e muda de tom.)* Não fique surpresa, mademoiselle, se meu filho interromper suas visitas a essa casa.

**BLANCHE**

Vou esperá-lo para saber a decisão dele.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

A senhorita espera que ele me desobedeça?

**BLANCHE**

Sim, madame, para cumprir seu dever.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Seria preciso antes a senhorita não esquecer o seu.

**BLANCHE**

Me machuque, madame, me humilhe, eu sei que mereço isso.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Eu estaria mais disposta, mademoiselle, a lamentar por você do que a ofendê-la. Entretanto, me parece que uma garota, após a desgraça que te atingiu, deveria baixar a cabeça e se submeter.

**BLANCHE**

A senhora vai ver, madame, do que essa garota é capaz para obter a reparação que lhe é devida.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

O que é que você vai fazer, então?

**BLANCHE**

Primeiro vou saber se seu filho tem duas falas, uma para a senhora e outra para mim. Ainda não o acuso de nada, ele conhece as vontades da senhora e esconde a dele. Mas, se estou lidando com um covarde que se esconde atrás da mamãe, que ele não conte em me abandonar assim tão tranquilamente. Entretanto, onde quer que ele esteja, eu vou esperar por ele. Vou ver como ele se define e se coloca para o futuro.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Você vai se comprometer, nada mais. Talvez seja o que você quer. Sua mãe muito felizmente vai impedi-la. Ela vai pensar que você vai estar manchando a família sem acrescentar a ela nenhum escândalo. Adeus, mademoiselle.

**BLANCHE**

(*retendo-a*) Não vá embora, madame.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

(*com doçura*) Nós não temos nada a nos dizer, mademoiselle.

**BLANCHE**

Fica. Estou chorando! Estou sofrendo! Pegue minha mão, estou febril.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Sim, percebo claramente a agitação que toma conta da senhorita, mas isso vai passar. Uma vez casada com meu filho, seu arrependimento e o dele seriam eternos.

**BLANCHE**

A gente se ama.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Hoje. Mas e amanhã?

**BLANCHE**

Consinta, madame, estou implorando à senhora.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Preciso repetir a palavra que você me dizia agora há pouco? Nun-ca. (*Blanche a deixa, vai e vem, atravessa o palco dando sinais de uma viva agitação e da maior dor; ela cai numa poltrona. – Voltando lentamente a si.*) Lamento muito, minha filha, de parecer tão cruel e te deixar nesse estado. Tenho razão, entretanto, completa razão contra você. Uma mulher de minha idade e com minha experiência, que viu tudo o que se pode ver nesse mundo, sabe o valor das coisas e não exagera umas em detrimento das outras.

**BLANCHE**

(*atirando-se aos pés de madame*) Me escute, madame. O que vai ser de mim se seu filho não se casar comigo? É dever dele. Não conheço nada mais nobre e mais delicado a fazer para uma mulher pela qual se é amado. Acredite que, se se tratasse de um compromisso ordinário, eu me humilharia para lembrá-lo. Meu próprio coração, sim, eu rasgaria meu pobre coração em vez de oferecê-lo a quem desdenhasse dele, deixando de ser digna. Mas seu filho tem de se casar comigo, é dever dele, vou repetir isso sempre. Qualquer outra consideração perde seu valor diante dessa. A senhora me fala do futuro, que o futuro vai ser o que ele quiser, o futuro, eu só penso no passado, eu, que vai me fazer morrer de vergonha e de pesar.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Criança como você é, falando de morrer na sua idade?! Vamos, se levante e me escute. Vejo muito bem que você ama meu filho mais do que eu pensava, pois se preocupa tanto com um pobre menino cuja posição é quase miserável. Mas, se eu consentisse no teu casamento com ele, em um ano, em seis meses talvez, vocês me reprovariam muito amargamente a fraqueza que eu teria tido. O amor passa, o casal fica. Sabe em que você se transformaria? Mesquinha, carente, vulgar, com filhos para alimentar e criar e um marido descontente que reclamaria a todo minuto do sacrifício que você exigiria dele. Faça o que estou mandando. Sacrifique-se você mesma. As coisas mudam muito rápido. O Georges não vai te abandonar, é você que o vai liberar generosamente. Ele fica grato a você e te dá no coração dele um lugar misterioso que você vai ocupar eternamente. Os homens sempre permanecem sensíveis à lembrança de uma mulher que os amou, por uma hora que fosse, com desinteresse, é tão raro! E você vira o quê? Vou te dizer. A imagem de meu filho que ocupa nesse momento todos os seus pensamentos vai se apagar pouco a pouco, mais rápido do que você possa imaginar. A senhorita é jovem, charmosa, plena de seduções. Dez, vinte partidos vão se apresentar à senhorita. Você escolhe então não o mais brilhante, mas o mais sólido, e nesse dia vai pensar em mim dizendo para si mesma: a Madame de Saint-Genis tinha razão.

**BLANCHE**

Quem é a senhora, madame, para me dar esses conselhos? Eu acharia melhor ser amásia dele do que ser mulher de outro homem.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Amásia dele! Uma palavrinha bonita na sua boca! Meu filho vai saber, mademoiselle, quais expressões saem de sua boca que bem são um sinal de sua precocidade.

**BLANCHE**

Não, não, madame, a senhora não vai repetir para ele essa palavra terrível que tenho vergonha de ter pronunciado.

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Amásia dele! Vou dizer tudo a você para que você possa entender. Eu jamais romperia seu casamento por uma questão de interesse. Mas quero que a mulher de meu filho não favoreça suspeitas sobre seu passado nem inquietações para o futuro.

*(Ela se dirige para a porta.)*

**BLANCHE**

*(segurando-a)* Oh! Oh! Oh! A senhora está me insultando, madame, sem razão nem piedade!

**MADAME DE SAINT-GENIS**

Me deixe sair, mademoiselle! Amásia dele! Mas que linguagem na boca dessa perdida! Mademoiselle!!

*(Ela empurra Blanche e sai.)*

## Cena 12

*(Blanche, depois Rosalie, depois Marie, depois Madame Vignerón, depois Judith)*

**BLANCHE**

Perdida! Ela ousou me chamar... Infâmia! *(Ela irrompe em lágrimas.)* Agora está tudo completamente acabado... O Georges é um fraco, sua mãe o domina, ele vai obedecê-la... Perdida!... *(Ela chora abundantemente.)* Um homem tão encantador, que tão pouco se parece a essa mulher e se deixa levar por ela!... Não aguento mais. Minhas mãos estavam ardentes há pouco, estão geladas agora. *(Ela puxa a campainha e volta para o palco; voz entrecortada)* Ele é jovem..., tem vinte e três anos..., é delicado, fino e sedutor, uma outra vai amá-lo e se casar com ele em meu lugar.

**ROSALIE**

*(entrando)* É você, minha filha, que está chamando.

**BLANCHE**

*(Indo na direção dela, dolorosamente)* Estou com frio, querida, coloca uma coisa quente nos meus ombros.

**ROSALIE**

*(após tê-la observado)* Eu vou te colocar na cama, vai ser melhor pra você.

**BLANCHE**

Não, não precisa.

**ROSALIE**

Faça o que te digo, se não quer cair doente.

**BLANCHE**

Oh! De qualquer modo, vou cair doente mesmo.

**ROSALIE**

Vamos, Blanche, vá tirar essa roupa toda, não vai ser a primeira vez.

**BLANCHE**

Chame a mamãe.

**ROSALIE**

Você não precisa da tua mãe, eu estou aqui.

**BLANCHE**

Não vou mais me casar, Rosalie.

**ROSALIE**

Bela desgraça! A gente aqui não te mimou o suficiente pra você agora preferir aquele fracote e essa diaba. É bem isso que eles são. Esse casamento, não sabe, não era coisa pra você. Se tivesse escutado a gente, ao seu pai e eu, não tinha pensado nisso um minuto sequer.

**BLANCHE**

*(sua cabeça confusa)* Meu pai! Estou vendo meu pai, Rosalie! Ele me estende os braços e faz sinal para ir com ele.

**ROSALIE**

Venha se deitar, minha Blanchette.

**BLANCHE**

Tua Blanchette é uma perdida! Sou uma puta e você não sabia.

**ROSALIE**

Não fale mais, minha filha, isso te faz mal. Venha... venha com sua velhinha.

**BLANCHE**

Ah! como estou sofrendo! *(gritando)* Marie! Marie! Marie! *(Ela amolece nos braços de Rosalie e desliza pouco a pouco até o chão)*

**MARIE**

*(entrando e se precipitando)* Blanche! Blanche!

**ROSALIE**

Fica calada, Marie, é inútil, ela não vai te ouvir. Me ajude, pegue aí os pés dela, coitadinha, vamos colocá-la no canapé.

**BLANCHE**

*(murmurando)* Perdida! Puta!

**MADAME VIGNERON**

*(surgindo) O que aconteceu? (precipita-se sobre a filha)*

**ROSALIE**

Deixa que a gente cuida disso, madame, a senhora mais fica preocupada do que ajuda. *(Judith surge.)*

**MADAME VIGNERON**

Judith, venha cá. *(Ela desce para o proscênio.)* Você tinha razão, minha filha. Todos os nossos negócios não valem nada. Aí está sua irmã, que vamos levar para a cama, e amanhã vai ser você e depois de amanhã vai ser minha vez. Você ainda acha que o melhor é acabar com tudo?

**JUDITH**

Sim, ainda acho.

**MADAME VIGNERON**

Certo. Pegue a Rosalie e vai com ela à casa do monsieur Bourdon. Diga a ele que aceito tudo, que aprovo tudo, e que agora tenho pressa de ver tudo terminado. E acrescente: com a mesma pressa que ele tem. Compreendido?

**JUDITH**

Compreendido.

**MADAME VIGNERON**

Vai, minha filha. *(elas se separam)* Queria muito conservar o que tenho, mas primeiro tenho que conservar minhas filhas.

## Quarto ato

*(O teatro representa uma sala de jantar. Cômodo vulgar, triste, mobiliado miseravelmente. – Aqui e ali, algumas cadeiras, o canapé, que figuraram nos atos precedentes e que destoam no conjunto. – Duas portas de um só batente, uma no fundo, a outra à esquerda. – No fundo, à direita, contra a parede, uma mesa de acaju coberta com uma toalha redonda de couro/linóleo vermelho; sobre a mesa, taças e alguns utensílios de cozinha.)*

## Cena 1

*(Rosalie, Merckens)*

### ROSALIE

Entre, monsieur Merckens. Ninguém vai achar ruim em ter aqui uma figura conhecida.

### MERCKENS

*(após ter olhado ao redor)* Oh! oh! o advogado não mentiu para mim. Isso aqui tem mesmo cheiro de miséria.

### ROSALIE

O senhor está vendo nosso novo lar, ele não é nada rico! Ah! caramba! O ontem e o hoje não se parecem nem um pouco.

### MERCKENS

O que foi que aconteceu a essa família?

### ROSALIE

Arruinada, meu caro monsieur, arruinada, coitadas dessas mulheres! Não vou dizer como isso aconteceu, mas ninguém vai tirar minha ideia da cabeça. O senhor veja, quando os homens de negócios saem correndo atrás de um morto, a gente bem podia dizer: olha aí os corvos! Só deixam aquilo que não podem carregar.

### MERCKENS

A casa não é nada boa, não, é, Rosalie?

### ROSALIE

Para ninguém, monsieur Merckens, para ninguém.

**MERCKENS**

Por que não procuram um lugar mais longe?

**ROSALIE**

Acha que essas meninas poderiam ficar sem mim, mais do que eu sem elas? Eu sou uma boca a mais, eu, é verdade; mas eu como só o que ganho, nada mais. Nem pense, meu bom monsieur Merckens, num almoço com o senhor. Antigamente, quando eu o via chagar mais ou menos nessa hora, eu sabia tudo o que tinha que fazer, seu prato já estava sobre a mesa; agora não é mais a mesma coisa. Vou avisar madame que o senhor está aqui.

**MERCKENS**

Não, não vá desgostar Madame Vigneron; diga apenas à senhorita Judith que estou aqui. (*Judith entra.*)

**ROSALIE**

Ela está chegando aí.

**JUDITH**

Bom dia, monsieur Merckens. (*Merckens saúda.*)

**ROSALIE**

Mas posso oferecer, se o senhor quiser, uma boa xícara de café com leite.

**JUDITH**

Deixe-nos, Rosalie.

## Cena 2

(*Merckens, Judith*)

**JUDITH**

Eu vou fazer uma pequena queixa, e depois pode deixar isso de lado. Eu te escrevi duas vezes pedindo para vir me ver, uma vez só bastaria.

**MERCKENS**

(*entre dois tons*) Tem certeza que me escreveu duas vezes?

**JUDITH**

O senhor sabe que sim



**MERCKENS**

Não, tenho certeza; não recebi sua primeira carta.

**JUDITH**

Deixa isso pra lá. Não preciso te dizer a que situação estamos reduzidas, o senhor deve ter adivinhado logo que entrou aqui.

**MERCKENS**

*(meio sério, meio cômico)* Me explique isso...

**JUDITH**

É uma história que não vai te interessar em nada e nem tenho nenhum prazer em contar. Em duas palavras, estamos sem dinheiro para defender nossa fortuna; a gente precisaria, na mão, de cem mil francos.

**MERCKENS**

Por que não me falou disso? Eu os teria encontrado.

**JUDITH**

Agora é tarde, vamos sentar. O senhor se lembra, e foi testemunha de nossa vida familiar. A gente era bastante feliz, a gente se amava muito, a gente não mantinha relações e nem queria. A gente não pensava que um dia teria necessidade de todo o mundo e que não conheceria mais ninguém. *(Merckens olhou para o relógio)* O senhor está com pressa?

**MERCKENS**

Muita pressa. Nada de gastar frases à toa. A senhorita queria me ver, estou aqui. Quer me pedir alguma coisa, o que é? Talvez seja melhor eu te dizer, não sou muito obsequioso.

**JUDITH**

Devo continuar?

**MERCKENS**

Mas sim, com certeza, continue.

**JUDITH**

É disso que se trata, vou direto ao assunto. Eu me proponho colocar à prova as excelentes lições que recebi do senhor e dar aulas.

**MERCKENS**

*(tocando o joelho dela)* Mas, como, pobre infeliz, chegou a esse ponto?

**JUDITH**

Senhor Merckens, me chame de mademoiselle como tinha o hábito de fazer e me responda o que lhe pedi.

**MERCKENS**

Aulas! Acha mesmo que é capaz de dar aulas? Eu não teria tanta certeza. Tem que admitir. Vai ter que fazer o que puder para ter alunos. As lições, a gente procura alunos como se pedisse esmola; não se consegue aulas com dignidade e cara pomposa. É possível, entretanto, que tenham piedade de você e que em quatro ou cinco anos consiga uma clientela. A senhorita vai ter alunos que vão ser desagradáveis no mais das vezes, e os pais de seus alunos vão ser grosseiros quase sempre. O que é um pobre professorzinho de música para filistinos que não conhecem nem a clave de sol. Olha, sem ir procurar muito longe, seu pai...

**JUDITH**

Não vamos falar de meu pai...

**MERCKENS**

A gente pode rir um pouco disso... Ele não deixou nada para vocês.

*(Pausa.)*

**JUDITH**

Vamos deixar um pouco de lado essa coisa das aulas, por enquanto. No que eu quero te dizer, monsieur Merckens, não veja de minha parte nem vaidade nem presunção, mas apenas o desejo de utilizar meu fraco talento de musicista. Eu compus bastante, o senhor sabe. Será que eu não conseguiria, com tantas peças que já escrevi e outras que ainda vou produzir, assegurar a todos os meus alunos entusiasmo pela música?

**MERCKENS**

*(após ter sorrido)* Olhe para mim. *(Torna a rir)* Nunca mais repita, entende, o que acaba de me dizer, vão caçoar de você nas cinco partes do mundo. *(Ri novamente.)* Um pequeno entusiasmo! É só dar aulas que pretende?

**JUDITH**

Não, não é só isso. A gente falou uma vez de uma profissão que não me agradava nem um pouco e que ainda hoje em dia me parece coisa bem medíocre. Mas na situação em que se encontra a família, não devo recuar diante de nada para sair dessa dificuldade. O teatro?

**MERCKENS**

Tarde demais!

**JUDITH**

Por que não faria como tantas outras que estavam antes tão decididas e que assumiram uma coragem a unhas e dentes?

**MERCKENS**

Tarde demais!

**JUDITH**

Talvez eu tenha qualidades naturais para as quais só falte trabalho e prática.

**MERCKENS**

Tarde demais! Ninguém pensa no teatro sem se preparar durante muito tempo. A senhorita jamais vai ser uma artista. Não tem aquilo que é necessário. Na sua condição, no teatro só iria encontrar decepções... ou aventuras, é isso o que deseja?

**JUDITH**

Mas o que é que eu posso fazer então?

**MERCKENS**

Nada! Eu vejo muito bem em que pé a senhorita está. Não é a primeira que encontro nessa situação e a quem dou essa resposta. Não existe escapatória para uma mulher, ou melhor, só existe uma. Veja, mademoiselle, vou te dizer toda a verdade numa só frase. Se a senhorita é honesta, vão estimá-la sem servi-la; se não é honesta, vão servi-la sem estimá-la; não pode esperar nenhuma outra saída. Quer falar de novo das lições?

**JUDITH**

É inútil. Lamento tê-lo incomodado.

**MERCKENS**

Está me despedindo?

**JUDITH**

Não vou prendê-lo mais.

**MERCKENS**

Adeus, mademoiselle.

**JUDITH**

Adeus, monsieur.

**MERCKENS**

(*à porta*) Bom, eu não tinha nada melhor a dizer.

### Cena 3

(*Judith, Marie*)

**MARIE**

E aí?

**JUDITH**

E então, se o monsieur Merckens tiver razão e as coisas se passarem como ele diz, ainda não chegamos ao máximo de nosso sofrimento. Enquanto isso, todos os meus projetos estão de cabeça pra baixo, aqueles que você conhece... e um outro que estava guardando para mim.

**MARIE**

Que projeto era esse?

**JUDITH**

De que adianta te dizer?

**MARIE**

Fala, vai.

**JUDITH**

Eu tinha pensado em tirar proveito de minha voz, fazendo me ouvir num teatro.

**MARIE**

Você, minha irmã, num teatro!

**JUDITH**

E daí? Fazer o que? A gente precisa de dinheiro e precisa fazer qualquer coisa que aparecer. A gente não pode esperar que tenha comido até o último centavo. A mamãe não tem mais idade para trabalhar, a gente nem gostaria disso. Quem sabe se nossa pobre Blanche não recupera nunca mais o juízo? Só sobram as duas, você e eu, e você, minha cara irmãzinha, o que é que você pode fazer? Você vai ter que trabalhar doze horas por dia para ganhar um franco e meio.

**MARIE**

Me diz, bem francamente, o que você pensa do estado da Blanche. Como acha que ela está?

**JUDITH**

Num dia bem e no outro mal. A todo momento a gente acha que ela vai reconhecer a gente, mas ela não vê ninguém e não entende nada. Eu pensei bem nessa tristeza e talvez a gente tenha sido privada de uma maior. Se a Blanche, com uma cabecinha como a dela, tivesse se casado, por uma fatalidade, com o monsieur de Saint-Genis, quem sabe essa novidade não teria tirado a vida dela num golpe? Ela está viva, é o que importa, não está perdida para nós. Se for preciso cuidar dela, a gente cuida dela; se a gente tiver que se privar de pão por ela, a gente passa sem pão; ela não é mais nossa irmãzinha, é nossa filhinha.

**MARIE**

Você é tão boa, minha irmã, e eu te amo. *(Elas se beijam)*

**JUDITH**

Eu também te amo. Sou meio brusca às vezes, mas trago vocês todas no meu coração. Me parece que sou eu, eu, sua irmã mais velha, que deveria tirar nossa família dessa encrenca e colocá-la de novo a salvo. Se a única coisa a fazer fosse se atirar no fogo, eu iria para a fogueira.

*(Pausa.)*

**MARIE**

A mamãe te falou da visita do monsieur Bourdon?

**JUDITH**

Não. O que ele veio fazer?

**MARIE**

O monsieur Teissier o encarregou de me pedir em casamento.

**JUDITH**

Você não me deixa espantada. Era fácil ver que o monsieur Tissier sentia alguma afeição por você e a ideia de se casar com você ia surgir um dia ou outro.

**MARIE**

Você me aconselharia aceitar?

**JUDITH**

Não me pergunte o que eu faria. É de você que se trata, você que deve decidir. Veja, reflita, calcule, mas sobretudo só pense em você. Se a nossa situação te espanta e você lamenta o tempo em que não te faltava nada, se case com o monsieur Teissier, ele vai fazer você pagar caro um pouco de bem-estar e de segurança que possa te dar. Mas, como te conheço, como você ama sua mãe

e suas irmãs, e que você poderia se resignar por elas àquilo que recusaria para você, a gente seria culpada, me entende, completamente culpada se a gente a aconselhasse a um sacrifício que é o maior que uma mulher pode fazer.

**MARIE**

Tudo o que você diz vem mesmo do fundo do seu coração; me abrace de novo.

*(Rosalie entra pela porta do fundo; tem numa mão uma cafeteira e na outra uma caçarola cheia de leite; ela as coloca sobre a mesa; aproxima-se e olha as duas irmãs com um suspiro; Marie e Judith se separam.)*

## Cena 4

*(as mesmas, Rosalie, depois Madame Bigneron e Blanche)*

**JUDITH**

O almoço está pronto?

**ROSALIE**

Sim, mademoiselle, posso servir quando quiser.

**MARIE**

A Judith vai te ajudar a pôr a mesa, Rosalie.

## Cena muda

*Judith e Rosalie trazem a mesa para o proscênio. À direita; Rosalie dispõe as xícaras e serve o café com leite enquanto Judith aproxima as cadeiras; Marie foi para a porta da esquerda e a abriu; entra Blanche precedendo a mãe; Blanche está pálida, sem forças e sem olhar, sua atitude é a de uma louca em repouso; Madame Vigneron envelheceu e empalideceu; Marie faz Blanche se sentar, todas elas se sentam com exceção de Rosalie,, que toma seu café de pé. – Silêncio prolongado; grande tristeza.*

**MADAME VIGNERON**

*(numa explosão)* Ah! minhas filhas, se seu pai visse vocês!

*(Lágrimas e soluços.)*

## Cena 5

(as mesmas, Bourdon)

**ROSALIE**

(para Bourdon, que entrou suavemente) Como foi que entrou?

**BOURDON**

Pela porta, que estava aberta. Você errou em deixar sua porta aberta, minha filha; podem entrar e “desembolsar” suas patroas.

**ROSALIE**

Não tem mais perigo. Esse serviço já foi feito pelos corvos, e muito bem feito.

**BOURDON**

(indo para o proscênio, para Madame Vigneron, que se levanta.) Não se incomode, Madame, vou esperar que termine sua refeição.

**MADAME VIGNERON**

(indo para ele) O que é que o senhor tem a me dizer, monsieur Bourdon?

**BOURDON**

(à meia voz) Ainda venho, Madame, da parte do Teissier para o projeto que ocupa o coração dele. Devo acreditar, não é, que a senhora instruiu sua filha sobre o pedido que fiz à senhora?

**MADAME VIGNERON**

Mas não há dúvida.

**BOURDON**

Autorize-me, por favor, a renová-lo eu mesmo em sua presença.

**MADAME VIGNERON**

Pois seja, eu consinto. Judith, leve sua irmã, minha filha. Marie, o monsieur Bourdon quer conversar com a gente.

## Cena 6

(Madame Vigneron, Marie, Bourdon)

**BOURDON**

Sua mãe lhe comunicou, mademoiselle, o desejo que o monsieur Teissier manifestou?

**MARIE**

Sim, monsieur.

**BOURDON**

Foi sua intenção e sem obedecer a ninguém que a senhorita declinou do casamento que lhe foi oferecido?

**MARIE**

Foi resolução minha.

**BOURDON**

Muito bem! Muito bem! Eu gosto muito do restante. Eu temi por um momento, vendo-a recusar uma proposta tão vantajosa, que sua mãe e suas irmãs não tivessem tramado para manter a senhorita com elas, não por ciúme, mas por um afeto mal compreendido. Se existe na senhorita uma decisão formada, uma intenção irrevogável, não vejo que valha a pena continuar com isso.

*(Silêncio.)*

**MADAME VIGNERON**

Não se perturbe, minha filha, responda francamente o que você pensa.

*(Novo silêncio.)*

**BOURDON**

No caso, mademoiselle, de a senhorita se arrepender de um primeiro movimento que se explicaria pelo resto, ofereço-lhe a oportunidade de retomá-lo, aproveite.

**MARIE**

Deve dizer ao monsieur Teissier de minha parte que, insistindo como faz, ele conquista alguma consideração no meu espírito; mas peço a ele ainda algum tempo para refletir.

**BOURDON**

Pois bem! Madame, não está aí uma resposta bastante razoável, plena de sentido, e que não se parece em nada com a recusa categórica que a senhora me apresentou?

**MADAME VIGNERON**

É possível que minha filha tenha mudado de opinião, mas ela deve saber que não a aprovo.



**BOURDON**

Não diga nada, madame. Deixe essa jovencinha com as inspirações dela, que poderia mais tarde censurar a senhora por seguir as suas. (*Voltando a Marie.*) Compreendo completamente, mademoiselle, seja qual for o interesse por esse casamento, que a senhorita não tenha pressa alguma em realizá-lo. Infelizmente o Teissier não tem mais vinte anos como a senhorita; essa é a grande queixa que tem contra ele; na idade dele, não se espera muita coisa do futuro.

**MARIE**

Eu gostaria de saber, monsieur Bourdon, e peço sinceramente que me diga se o monsieur Teissier é um homem de bem e honesto.

**BOURDON**

Um homem de bem e honesto? O que a senhorita quer dizer com isso? Eu não a aconselharia, mademoiselle, no caso de se casar com o monsieur Teissier, a depositar todas as suas esperanças numa simples promessa da parte dele; mas os notários existem para redigir contratos que estabeleçam os direitos das partes. Respondi à sua pergunta?

**MARIE**

Não, o senhor não a compreendeu. Um homem de bem e honesto, para uma jovem, quer significar muitas coisas.

**BOURDON**

Está me perguntando, mademoiselle, se o Teissier fez a fortuna dele honradamente?

**MARIE**

Sim, eu gostaria de me fixar nesse ponto e em outros.

**BOURDON**

Com o que está preocupada? Se se pesquisasse hoje em dia na França a origem de todas as fortunas, não existem cem, nem cinquenta, que resistissem a um exame escrupuloso. Estou sendo rigoroso, como um homem que bem maneja as rédeas de seu gabinete. O Teissier fez negócios durante toda a sua vida; conseguiu um capital considerável bastante sólido e que ninguém pensa em atacar; basta que a senhorita saiba isso.

**MARIE**

Qual a conduta ordinária do monsieur Teissier? Quais são seus gostos, seus hábitos?

**BOURDON**

Mas são os gostos e os costumes de um homem de sua idade. Não creio que a senhorita tenha muito a temer nesse sentido. Mas adivinho para onde tende sua pergunta. Acredite, o Teissier vai ser um marido mais honesto do que o suficiente, digo-o por comparação à própria mãe.

**MADAME VIGNERON**

Eu me pergunto nesse momento, monsieur Bourdon, que interesse esse casamento pode ter para o senhor.

**BOURDON**

Qual interesse, madame? O dessa menina que é também o seu.

**MADAME VIGNERON**

É bastante tarde, o senhor bem sabe, para nos exhibir tanto devotamento.

**BOURDON**

A senhora ainda está pensando, madame, naqueles malditos negócios que terminaram tão mal quanto podiam, eu reconheço. É minha culpa se a senhora se revelou incompetente para defender a sucessão de seu marido? A senhora enfrentou a lei do mais forte, foi isso. Hoje essa lei se volta a seu favor. Acontece que sua filha conquistou um velhote que vai conceder tudo o que quiser para passar com ela os poucos dias que lhe restam para viver. Essa situação só tem vantagens para vocês; os ativos desse jogo estão na sua mão, aproveite. Não preciso dizer, madame, que nós, oficiais públicos, não consideramos nem o mais forte nem o mais fraco e que a neutralidade é um dever do qual nunca nos afastamos. Entretanto, não me acreditaria culpado, embora o Teissier seja meu cliente, em estipular em favor de sua filha todas as vantagens que está prestes a obter. (*voltando para Marie.*) A senhorita ouviu, mademoiselle, o que acabei de dizer à sua mãe. Faça-me quantas perguntas quiser, mas a única questão verdadeiramente importante é o dinheiro. Estou ouvindo.

**MARIE**

Não, continue falando.

**BOURDON**

(*com um meio sorriso*) Estou aqui para ouvi-la e aconselhá-la.

**MARIE**

Seria doloroso pensar nisso.

**BOURDON**

(*sorrindo*) Bah! Talvez a senhorita deseje saber qual é exatamente, centavo por centavo, a fortuna do monsieur Teissier?

**MARIE**

Eu a considero suficiente, mesmo sem saber qual seja.

**BOURDON**

A senhorita tem razão. O Teissier é rico, muito rico, mais rico, acredito, do que precisaria ser. Então, mademoiselle, o que me diz, estou esperando.

**MARIE**

O Monsieur Teissier disse Ao senhor quais dão as intenções dele?

**BOURDON**

Sim, mas eu gostaria de saber também as suas intenções. Sempre é interessante a gente ver uma discussão entre as partes.

**MARIE**

Não aumente meu embaraço. Se esse casamento deve ser realizado, eu preferiria confiar na sorte do que colocar condições.

**BOURDON**

(*sorrindo sempre*) Realmente! (*Marie olha fixamente para ele.*) não coloco em dúvida seus escrúpulos, mademoiselle; quando resolver mostrá-los, estou pronto para acreditar que são sinceros. O Teissier duvida, entretanto, que a senhorita se casaria com ele por causa dos belos olhos da cara dele. Mas ele está disposto a constituir um dote para a senhorita; esse dote, porém, apressado-me em dizer, não seria suficiente. A senhorita está mercadejando, não é verdade, ou então, se ela palavra a ferir, a senhorita está especulando, o que deve trazer alguns frutos. É justo, então, e é o que vai acontecer, que o Teissier, em se casando com a senhorita, reconheça a comunhão de bens, o que quer dizer que a metade da fortuna dele, sem retratação e sem contestação possível, passará para a senhorita após a morte dele. A senhorita apenas não deve esperar passar muito tempo. (*voltando-se para a madame Vignerón.*) A senhora compreendeu, madame, o que acabo de dizer à sua filha?

**MADAME VIGNERON**

Compreendi.

**BOURDON**

O que pensa disso?

**MADAME VIGNERON**

Penso, monsieur Bourdon, se o senhor quer saber, que em vez de prometer à minha filha a fortuna do monsieur Teissier, teria feito melhor em conservar para ela a fortuna do pai dela.

**BOURDON**

A senhora não sai desse ponto, madame. (*voltando-se para Marie*) Pois bem, mademoiselle, a senhorita conhece agora as vantagens imensas que estariam reservadas à senhorita num futuro bastante próximo; estou considerando que a senhorita ainda poderia se opor, mas não chego a nada. Algumas objeções de sentimento, talvez? Estou falando, não é, com uma jovem razoável, bem educada, que não tem borboletas na cabeça. A senhorita deve saber que o amor não existe; nunca o encontrei em lugar nenhum. Só existem negócios nesse mundo; o casamento é um deles, como todos os outros; o negócio que se apresenta à senhorita nesse momento de sua vida não se repetirá uma outra vez.

**MARIE**

O monsieur Teissier, nas conversas que teve com o senhor, falou de minha família?

**BOURDON**

De sua família? Não. (*Baixo.*) Ela estaria exigindo alguma coisa?

**MARIE**

O monsieur Teissier deve saber que eu jamais consentiria em me separar de minha família.

**BOURDON**

Por que razão a senhorita se afastaria de sua família? Suas irmãs são encantadoras, a senhora sua mãe é uma pessoa muito agradável. O Teissier, aliás, tem todo o interesse em não deixar sozinha uma jovem que deverá ter muitos momentos ociosos. O Teissier veio comigo, ele está lá embaixo esperando uma resposta que deve ser definitiva; a senhorita estaria se arriscando se a adiasse. Portanto, é um sim ou um não que exijo da senhorita.

(*Silêncio.*)

**MADAME VIGNERON**

Já chega, monsieur Bourdon; eu queria que o senhor apresentasse à minha filha as propostas que lhe foram feitas. Mas, se ela tiver que aceitá-las, isso é com ela, não digo assim com tanta pressa, num rompante de fraqueza ou de emoção. No máximo, me reservo o direito de, o senhor deve compreender, o direito de uma entrevista com ela em que direi à minha filha aquelas coisas

que estariam fora de lugar na presença do senhor, mas que uma mãe, sozinha com sua filha, pode e deve ensinar em alguns casos. Eu não tenho, o senhor há de concordar, uma filha de vinte anos, cheia de coração e de saúde, para a dar de mão beijada a um velhote.

#### **BOURDON**

Para quem a senhora vai entregá-la? Até podia parecer, madame, para quem a ouve, que a senhora tem os bolsos cheios de genros e que suas filhas não vão ter dificuldades de escolha. Por que o casamento de uma delas, casamento que parecia decidido, foi desmarcado sem mais? Falta de dinheiro. É que, com efeito, madame, sem dinheiro, as jovens solteiras permanecem solteiras.

#### **MADAME VIGNERON**

O senhor está enganado. Eu não tinha nada nem meu marido. Ele se casou comigo e fomos muito felizes.

#### **BOURDON**

A senhora teve quatro filhos, é verdade. Se seu marido, madame, ainda fosse desse mundo, ele estaria, pela primeira vez talvez, em desacordo com a senhora. É com temor que ele encarava a situação das filhas, situação que, pense o que pense a senhora, é difícil e cheia de riscos. Ele aprovaria pelo seu valor a proposta do monsieur Teissier, imperfeita sem dúvida, mas mais do que aceitável, reconfortante para o presente (*olhando para Marie*), deslumbrante para o futuro. Não se arrisca nada, eu sei, fazendo os mortos falarem, mas o pai de mademoiselle, com um coração excelente como era o seu, tinha mais experiência do que a senhora. Ele conhecia a vida; sabia que tudo se paga nesse mundo; e, no fim das contas, a ideia dele agora seria a seguinte: eu vivi para minha família, morri por ela, minha filha pode muito bem sacrificar alguns anos.

#### **MARIE**

(*com lágrimas nos olhos*) Diga ao monsieur Teissier que eu aceito.

#### **BOURDON**

Então, vamos mademoiselle, sempre existe um monte de problemas para juntar uma fortuna. Aqui está seu contrato. Eu o preparei de antemão sem saber se meu trabalho valeria a pena. A senhorita pode lê-lo depois com a cabeça descansada. Só falta a assinatura do Teissier, eu me encarrego disso. Eu era o notário do seu pai, espero continuar sendo o seu notário. Vou buscar o Teissier e trazê-lo aqui.

## Cena 7

*(os mesmos, menos Bourdon)*

### MARIE

Me abrace e não diga nada. Não tire minha coragem, tenho apenas o pouco de que preciso. O monsieur Bourdon tem razão, não vê, esse casamento é nossa salvação. Estou envergonhada, com vergonha de fazê-lo, e seria culpada de muita coisa se não o fizesse. É possível que você, minha boa mãe, na sua idade, a senhora recomece uma vida de miséria e privações? Sim, eu sei, a senhora é bastante corajosa, mas a Blanche, a Blanche, coitadinha, não se pode pedir a ela que tenha coragem. Que remorso eu sentiria mais tarde, se a saúde dela exigisse cuidados que a gente não pudesse dar a ela! E a Judith! Ah! Judith! Penso nela também. Quem sabe no que pode se tornar uma jovem, a melhor, a mais honesta, quando sua cabeça trabalha e o acaso não lhe causa nenhum medo! Veja, estou livre de um peso enorme depois que me decidi pelo casamento. Vai ser o que tiver que ser, censurável, interessado, bastante doloroso também! Mas eu prefiro ainda um pouco de vergonha e dos sofrimentos por que vou passar às inquietações de todo tipo que poderiam conformar minha infelicidade completa. Enxugue as lágrimas, ninguém pode mais ver que a gente chorou.

*(Bourdon regressa seguido de Teissier; Teissier dirige-se sorrindo para Marie, Bourdon o interrompe e lhe sinaliza primeiramente saudar Madame Vignerou.)*

## Cena 8

*(Madame Vignerou, Marie, Bourdon, Teissier)*

### TEISSIER

Sou seu servidor, madame. *(Para Marie.)* É mesmo verdade, mademoiselle, o que o Bourdon acaba de me dizer, que a senhorita consente em ser minha mulher?

### MARIE

É verdade.

### TEISSIER

Sua resolução é definitiva, não vai mudá-la de hoje para amanhã? *(Ela lhe estende a mão; ele a beija nas duas bochechas.)* É assim que se confirmam os acordos na minha aldeia. Beija-se a noiva no lado direito do rosto e se diz: Este é para o Juiz. Depois se beija no lado esquerdo e se diz: Este é para o Padre. *(Marie sorri; ele se dirige à madame Vignerou)* Se a senhora desejar, Madame, podemos iniciar a publicação dos proclamas amanhã mesmo. O Bourdon vai

nos preparar um bom contrato, não é, Bourdon? (*Bourdon responde com um gesto significativo.*) Em três semanas sua segunda filha vai se chamar Madame Teissier.

(*Pausa.*)

## Cena 9

(*os mesmos, Rosalie*)

**MADAME VIGNERON**

O que é que há, Rosalie?

**ROSALIE**

A senhora quer receber o monsieur Dupuis, madame?

**MADAME VIGNERON**

O monsieur Dupuis? O tapeceiro da place des Vosges?

**ROSALIE**

Sim, madame.

**MADAME VIGNERON**

Com que intenção ele vem ver a gente de novo?

**ROSALIE**

A senhora deve dinheiro pra ele, madame, pelo menos foi o que disse. Mais um corvo, madame, com certeza!

**MADAME VIGNERON**

A gente não deve nada, está me ouvindo, nada, ao monsieur Dupuis; diga a ele que não quero recebê-lo.

**TEISSIER**

Sim, madame, sim, é preciso receber o monsieur Dupuis. Ou então, seja lá o que a senhora pense sobre isso, se se deve alguma coisa para ele, então o mais simples é pagar.; ou então o monsieur Dupuis está enganado e não há nenhum inconveniente em mostrar a ele que ele está errado. Vocês não estão mais sozinhas; as senhoras têm um homem ao seu lado agora. Façam entrar esse monsieur Dupuis. É a mademoiselle Marie que vai recebê-lo. Logo ela vai ser a dona da casa, quero ver como ela vai se comportar. Venha, Bourdon. Deixemos a mademoiselle com o monsieur Dupuis. (*Madame Vigneron e Bourdon*

*entram à esquerda; para Marie, antes de segui-los.)* Estou ali, atrás da porta, não vou perder uma palavra.

## Cena 10

*(Marie, depois Dupuis, depois Teissier)*

**DUPUIS**

Bom dia, minha mademoiselle.

**MARIE**

Como está o senhor, monsieur Dupuis.

**DUPUIS**

Sua mamãe vai bem?

**MARIE**

Bastante bem, obrigada.

**DUPUIS**

Suas irmãs gozam de boa saúde?

**MARIE**

Sim, muito boa saúde.

**DUPUIS**

Não lhe peço notícias; a senhorita está tão fresca e rosada como um bebê que acabou de nascer.

**MARIE**

Minha mãe, monsieur Dupuis, me encarregou de recebê-lo no lugar dela; diga rápido o que o trouxe aqui.

**DUPUIS**

Você bem pode imaginar o que me traz aqui.

**MARIE**

Não sei, te asseguro.

**DUPUIS**

Mentira! Você não disse outras vezes: se o monsieur Dupuis vem visitar a gente depois de tanto tempo é porque está precisando de meu dinheiro?



**MARIE**

Se explique melhor.

**DUPUIS**

Eu daria tudo, mademoiselle, tudo mesmo, para não fazer essa visita à senhorita. Quando soube da morte de seu pai, disse à minha mulher: acho que esse monsieur Vignerón me devia ainda alguma coisa, mas tudo bem, não era um grande valor, não vamos morrer se passar esse débito para a conta dos perdidos. Sou bom assim com meus clientes bons. O monsieur Vignerón era um deles; jamais tivemos problemas; entre as pessoas de bem devia ser sempre assim. Infelizmente, a senhorita agora sabe o que são os negócios, bons um dia, péssimos no dia seguinte; as coisas não vão bem nesse momento. A senhorita compreende.

**MARIE**

Me parecia, monsieur Dupuis, que meu pai tinha quitado a dívida que tinha com o senhor.

**DUPUIS**

Não diga isso, a senhorita me ofenderia.

**MARIE**

Estou certa, entretanto, tanto quanto posso estar, que meu pai acertou aquela conta em sua casa.

**DUPUIS**

Tome cuidado. A senhorita vai acabar me irritando. Trata-se de dois mil francos, um valor que não vale a pena. Talvez vocês estejam envergonhadas nesse momento, me diga, não vim para colocar uma faca na garganta de vocês. Que a madame Vignerón me dê uma nota promissória para três meses; a assinatura dela me basta, é dinheiro vivo.

**MARIE**

Vou dizer à mamãe que o senhor veio reclamar dois mil francos, mas, repito, o senhor está enganado, estou bastante certa de que não devemos nada ao senhor.

**DUPUIS**

Pois bem, mademoiselle, não vou sair daqui antes de ter recebido os dois mil francos. Eu me apresentei polidamente, chapéu na mão (*ele se cobre*), a senhorita tem cara de quem está me tratando como ladrão, essas maneiras não dão certo comigo. Vá falar com sua mãe, que ela me dê meus dois mil francos ou uma promissória..., ainda espero receber uma promissória..., senão o monsieur Dupuis vai se irritar e fazer tremer toda a mansão.

(*Teissier entra de novo. – Dupuis, surpreso e já intimidado por sua chegada, se descobre.*)

**TEISSIER**

Guarde seu chapéu. Não se fazem cerimônias nos negócios. O senhor trouxe a fatura que deseja receber?

**DUPUIS**

Com certeza, monsieur, tenho comigo a fatura.

**TEISSIER**

Me passe esse documento.

**DUPUIS**

Devo mesmo, mademoiselle, entregar a ele minha conta?

**MARIE**

Faça o que ele lhe pediu.

**TEISSIER**

(*lendo a fatura*) “Recebidos da madame Viúva Vignerón dois mil francos para liquidação de sua conta acordados de comum acordo entre mim e ela. Mas que merda de documento é esse aqui? O senhor não me dá uma nota fiscal que detalhe sua mercadoria e seus serviços? Vem aqui apenas com um recibo pronto.

**DUPUIS**

Não se pode fazer cinco vezes a mesma fatura. A primeira, que enviei à madame Vignerón, continha todas as indicações necessárias.

**TEISSIER**

Pois então está bem. Vou pagá-lo. Mas vou verificar tudo depois.

**DUPUIS**

Verifique, monsieur, pois então verifique. A madame Vignerón deve ter os papéis dela em ordem.

**TEISSIER**

Sim, sempre tudo em ordem. (*Levando a fatura para perto dos olhos.*) Dupuis, não é mesmo? Essa assinatura é mesmo a sua? O senhor é o monsieur Dupuis em pessoa?

**DUPUIS**

Sim, monsieur.

**TEISSIER**

Eu vou lhe dar os dois mil francos.

**DUPUIS**

Agora quero que verifique, monsieur, assim que puder. Posso esperar até lá.

**TEISSIER**

O senhor está realmente certo de que o monsieur Vignerón, no momento de sua morte, ainda lhe devia dois mil francos?

**DUPUIS**

Sim, monsieur... sim, monsieur. Pode ser que minha mulher tenha cometido um erro de cálculo, mas não acho muito provável.

**TEISSIER**

Sua esposa não tem nada a ver com isso. É o senhor que iria se estrear se recebesse duas vezes a mesma conta.

**DUPUIS**

Não voltaria a reclamá-la, monsieur, se ela me tivesse sido paga. Sou um homem honesto.

**TEISSIER**

*(entregando-lhe o dinheiro)* Aqui estão seus dois mil francos.

**DUPUIS**

Não, não vou aceitar, verifique a nota antes. Prefiro assim.

**TEISSIER**

Volte para casa, rapaz, e que eu não o veja mais colocando os pés aqui, está me ouvindo?

**DUPUIS**

O que está dizendo, monsieur?

**TEISSIER**

Digo que volte para sua casa. Não se faça de insolente, ia se arrepende disso.

**DUPUIS**

Me devolva minha fatura pelo menos.

**TEISSIER**

Faça a gentileza de reavê-la com o juiz de instrução.

**DUPUIS**

Ah! Assim é demais! Um velhote que não conheço, que me ousa falar dessa maneira, na minha cara! Vou embora, mademoiselle, logo haverá de ter notícias minhas!

*(Sai, cobrindo-se.)*

**TEISSIER**

Você está rodeada de canalhas, minha criança, depois da morte do seu pai. Vamos para junto de sua família.

**Fim**



A família Vigneron na Comédie-française.



Henry Becque by Nadar